

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES

LEONARDO GONÇALVES GARBIN

BAGAGEM-MALDITA  
O ARTISTA-ETC & CAOS

Porto Alegre  
2013

LEONARDO GONÇALVES GARBIN

BAGAGEM-MALDITA  
O ARTISTA-ETC & CAOS

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Instituto de Artes como  
requisito parcial para a conclusão do  
Curso de Graduação em Licenciatura em  
Artes Visuais.

Orientador: Prof. Celso Vitelli

Porto Alegre  
2013

À memória dos Ramones.  
HEY HO, LET'S GO!

## RESUMO

GARBIN, Leonardo. *Bagagem-Maldita: O artista-etc & caos*. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Artes Visuais. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Artes, Porto Alegre, 2013.

*Bagagem-Maldita* são meus referenciais estéticos e filosóficos exóticos à Academia de Artes Visuais: o *punk rock* e a contracultura, as histórias em quadrinhos, o video-game e minhas experiências de vida e profissionais. O *Artista-etc*, é o conceito do artista e pesquisador em artes Ricardo Basbaum, que me ajudam a perceber e questionar a natureza e as práticas da profissão Artista. O *&*, refere-se à metodologia rizomática deste trabalho que é amparado pelas Filosofias da Diferença e minhas pesquisas em Educação dentro do Projeto Escrileituras. O Caos é a potência criadora que busca em encontros improváveis, força vital para criar um trabalho artístico, seja ele uma ilustração, logotipo, capa de disco ou plano de ensino. Como se trata de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais, o desfecho deste trabalho se dá em sala de aula e é neste espaço que minha trajetória encontra fôlego e dificuldades para criar coisas, aulas e encontros *sui generis* dentro da escola. No apêndice deste TCC estão meus planos de ensino, diários de bordo e avaliações das turmas onde fiz meu estágio docente no Colégio de Aplicação da UFRGS.

Palavras-chave: Arte. Educação. Contracultura. Caos. Artista-etc. Rizoma. Projeto Escrileituras. Planos de Ensino. Avaliação.

## ABSTRACT

*Damned-Baggage* is my exotic aesthetic and philosophical aspects to the Visual Arts Academy: the punk rock and the counterculture, comics, video-games and my life and professional experiences. The *Artist-etc.* is a concept of the artist and researcher in arts Ricardo Basbaum, which helps me to understand and to question the nature and practices of the Artist profession. The & refers to the rhizomatic methodology of this work which is supported by the Philosophies of Difference in Education and my research into the Escrileituras Project. Chaos is the creative power that seeks in unlikely encounters, vital to create an artistic work force, whether it is an illustration, logo, album cover or teaching plan. Because this is a coursework of the Bachelor's Degree in Visual Arts, the outcome of this work takes place in the classroom and it is in this space that my journey finds breath and difficulties to create things, classes and *sui generis* meetings within the school. In the appendix of its coursework are my lesson plans, logbooks and reviews of classes where I did my teaching internship in the Aplicação School of UFRGS.

Keywords: Art. Education. Counterculture. Chaos. Artist-etc. Rhizome. Escrileituras project. Teaching plans. Assessment.

7  
OS PATCHES DA MALA  
Apresentação

9  
PATCH #1  
O ARTISTA-ETC

12  
PATCH #2  
&

13  
PATCH #3  
CAOS

16  
PATCH #4  
AUTOBIOGRAFIA  
NÃO AUTORIZADA

21  
PATCH #5  
ILUSTRADOR? DESIGNER? ARTISTA?

26  
PATCH #6  
O ARTISTA-PROFESSOR

28  
HORA DE COSTURAR  
OS PATCHES E PARTIR  
Considerações Finais

36  
REFERÊNCIAS

40  
APÊNDICE

Planos de Ensino, Diários de Bordo e Portfólio de Estágio Docente

## OS PATCHES DA MALA

A Bagagem-maldita: o Artista-Etc & Caos são os tubérculos da inequação rizomática que conheci como Academia de Arte e minha trajetória por ela. Uma inequação composta por incógnitos que me desafiaram a trilhar seu fluxo de tradição secular. Tradição que se sustenta por estar em permanente transformação com o passar dos anos.

Trata-se de um TCC onde assumo meus referenciais e fontes de inspiração exóticas às aulas, à matéria de Arte e ao currículo do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Por se tratar de uma inequação, seus resultados não pretendem encontrar igualdades ou verdades universais, tampouco determinar se as práticas abordadas neste TCC são ou não Arte. Antes de abrir os zíperes enferrujados desta mala é preciso conhecer os patches que serão costurados nela.

Os patches são os capítulos deste trabalho. Eles partem do conceito do *Artista-etc*, de Ricardo Basbaum, passam pelos rastros de minha biografia não autorizada, por dezenas de experiências profissionais, pelo design gráfico e por fim chega na sala de aula, onde elucubro sobre o estágio e a prática docente em Artes Visuais no Colégio de Aplicação da UFRGS. Estágio que fiz atravessado e inspirado pelas Filosofias da Diferença e as pesquisas em Educação que desenvolvi no Projeto Escriteituras<sup>1</sup>.

O termo Bagagem Maldita apareceu pela primeira vez na oficina *Bagagem Maldita: rock, quadrinhos, video-game e outras trollagens*, que ministrei na Faculdade de Educação da UFRGS a convite dos professores Luciano Bedin da Costa e Daniele Noal, coordenadores do projeto *Zonas Entre-Nós*<sup>2</sup>, voltado para licenciandos da FAGED.

Esta oficina é o desdobramento do material didático em formato de jogo que foi criado na disciplina Laboratório De Construção De Material Didático do curso de Licenciatura em

---

<sup>1</sup> Criado em 2011, O Projeto Escriteituras – Um modo de ler-escrever em meio à vida – Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP/UFRGS) é coordenado pela Profª. Dra. Sandra Mara Corazza e desenvolve-se simultaneamente em quatro universidades públicas, cuja sede é a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Conheça mais em: <http://www.ufrgs.br/escriteituras> e <http://escriteituras.blogspot.com.br/>

<sup>2</sup> <http://zonasentrenos.wix.com/zonasentrenos>

Artes Visuais – 2011/2, ministrada pela Profa. Andrea Hofstaetter. Inspirado pelo jogo de cartas Super Trunfo, o jogo *Troll Art* embaralhou suas cartas com bandas de rock, obras de arte, animações, histórias em quadrinhos e video-game. Em seguida o baralho foi levado para o Projeto Escriteiras onde ganhou força conceitual e se metamorfoseou na pesquisa *TROLL ART - Trolls, memes & o ensino de artes visuais*<sup>3</sup>. Com esta pesquisa recebi destaque na *Sessão Inpossíveis e extraterritorialidades* do XXIV Salão de Iniciação Científica da UFRGS em 2012, o que me motivou a continuar desdobrando o tema. Boa viajada.

---

3 Resumo: [http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/64357/Resumo\\_25477.pdf?sequence=1&locale=en](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/64357/Resumo_25477.pdf?sequence=1&locale=en)

Pôster: [http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/64357/Poster\\_25477.pdf?sequence=2&locale=en](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/64357/Poster_25477.pdf?sequence=2&locale=en)

PATCH #1

## O ARTISTA-ETC

*Artista-etc* é a definição que o artista visual, teórico e escritor, Ricardo Basbaum (2004, p.21), criou para melhor definir seu trabalho:

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de “artista-artista”; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘artista-etc.’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc.);

Início este capítulo com a definição de *Artista-Etc* pois meu encontro com ela foi fundamental para a escrita e o pensamento acerca deste mundaréu de coisas que um estudante de Artes é capaz de fazer e às vezes não sabe, se esquece ou culpa a academia por não tê-lo ensinado o caminho das pedras. Aliás, *Seminários para Artistas-Etc I, II e III*, poderiam muito bem ser inseridos nas academias de Arte. Neles, seriam levantadas dezenas de possibilidades de atividades artísticas, mercado de trabalho, produção cultural, editais, e outras. Várias destas funções *Etc* podem ser levantadas pelo Currículo de Artes uma vez que muitos professores e colegas da área estão colocados neste vasto sistema. Não falo de um plano de aula a ser tratado como um guia ou manual, mas sim, que ele possa desdobrar estas possibilidades de forma teórica, prática e, principalmente, como campo de pesquisa. Exemplos e pessoas para falar do assunto não faltariam. A Academia de Artes é determinista e distingue com precisão três categorias que Basbaum abriga em seu conceito: artistas-artistas, artistas-historiadores e artistas-professores de Artes Visuais. Por hora não falarei sobre o artista-professor pois este ganhará um capítulo específico no final do trabalho e todo esse percurso de leitura é fundamental para compreender que professor é este que faz de tudo um pouco e o que ele irá propor aos seus alunos do Colégio de Aplicação da UFRGS, onde fiz meu estágio docente para o Ensino Fundamental e Médio.

O *Artista-Etc* também é necessário para que os capítulos deste TCC façam sentido pois ele versa exclusivamente sobre meu percurso no Instituto de Artes da UFRGS. Sem a ideia de

Basbaum seria um tanto mais complexo ligar as coisas umas às outras. Esta definição soa como uma ode ao hibridismo, como um manifesto pela Arte e pela Educação em meio à vida contemporânea. Ela captura todos, é agregadora, é guarda-chuva, pensa coletivamente entre as fissuras da mutante tradição acadêmica.

Atrator caótico<sup>4</sup> por excelência, o *Artista-etc* pode operar por rizomas para cartografar os percursos e práticas de quem ingressa em um curso superior de Artes Visuais. Nessa concepção, ser bacharel ou licenciado pouco importa. Importa criar e impregnar a vida com ideias que questionem a natureza e os objetivos destas práticas criadoras, muitas vezes limitadas aos referenciais próprios e aparentemente confinados às premissas de um currículo de Artes Visuais. E é por isso que o conceito de Basbaum é potente e abrange uma série de atividades próprias dos fazer artístico. Ele dá fôlego e sugere que a matéria Arte é vasta, sinuosa e movediça.

Assim, a definição de Basbaum não poderia ser desmembrada. Sem o *Artista*, todas as concepções estéticas e criadoras que esta palavra carrega seriam vãs. Eu precisaria deixar de lado o caráter ambíguo desse TCC e permanecer no limbo, uma vez que não se trata apenas de um trabalho sobre licenciatura ou bacharelado em Artes Visuais. E por ser *Etc*, trata de tudo isso e mais um pouco.

Sem *Etc* não poderia falar sobre outras práticas e reflexões que caminharam comigo durante o curso de Licenciatura em Artes Visuais. Minha principal atividade econômica, que é a de designer gráfico, não faria sentido nesta escrita. Também não poderia escrever minha história de vida, teria que ser história e minha produção em ateliê teria que ficar distante daqui pois não estou me graduando como bacharel. Ainda, minhas produções culturais ligadas à música, contracultura, fanzines, shows e toda minha bagagem maldita pouco somariam a este trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Artes Visuais.

*Artistas-etc* infestam o Instituto de Artes da UFRGS. São ilustradores, animadores, quadrinistas, desenhistas, artistas, professores, produtores, curadores, pesquisadores em arte e outros. Estão ligados a comunidades que produzem artesanato, circo, produção audiovisual, design gráfico. Produzem fanzines, têm bandas, desenvolvem sites, são arquitetos, escritores, poetas, publicitários, atores, documentaristas, fotógrafos, galeristas, jornalistas etc. E o melhor de tudo isso é que eles raramente conseguem fazer algo sozinhos. Geralmente formam bandos, gangues, trupes, coletivos, máfias e com a mesma intensidade e rapidez que se aglomeram também se dispersam em movimentos cíclicos, próprios de almas inquietas e

---

4 Chamamos de atrator caótico um pedaço de caos capturado por uma produção artística para que ele funcione como uma moldura, um enquadramento através do qual se pode acessar essas potências caóticas (Deleuze; Guattari, 1997).

criadoras.

Amo os artistas-etc. Talvez porque me considere um deles, e não é correto odiar a mim mesmo (Basbaum, 2005). E por se tratar de amor, também se trata de ódio, de caos, de afetos e desafetos, coisas que julgo importantes para meu exercício de autonomia e criação.

PATCH #2

&

O *E comercial*, muito utilizado para designar nomes de comércio e empresas deriva do latim *et*, e é um sinal gráfico que indica conjunção aditiva. Trata-se de uma ligadura tipográfica de duas letras para dar velocidade para escrita (e + t), e foi criado por estudiosos e escritores do latim durante o Império Romano para transcrição dos discursos de seus pensadores.

Neste patch o & simboliza a adição do *caos* ao Artista-Etc, e também é utilizado para demonstrar a necessidade do estudante de Artes Visuais ser o empreendedor de si mesmo. Por esse motivo as categorias de Basbaum continuam a se ramificar pois me considero também artista-empendedor. Em minha biografia fica evidente que todas as experiências profissionais ali relatadas são peça-chave para que minha capacidade criadora gere renda das mais variadas formas, não necessariamente apenas compra e venda de produtos e serviços artísticos trocadas por dinheiro, mas também por aulas, ingressos para shows e discos de bandas, refeições, favores, roupas, materiais artísticos, enfim coisas que preciso para a subsistência de minhas atividades.

Além disso, o & simboliza a metodologia rizomática desta escrita nômade, cheia de rastros e que esquizoanalisa minha trajetória revelando assim, princípios de conexão e heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e assim deve sê-lo (Deleuze; Guattari, 1995). Dessa maneira, o *artista-etc*, a Academia de Artes, minha produção gráfica ou poética e o aparente desfecho disso tudo na sala de aula, não são atores pivotantes neste cenário. São sim, tentáculos alternativos repletos de ventosas que se grudam, se multiplicam e espalham signos enquanto compõem em meio ao caos. Uma ramificação biomecânica capaz de olhar e sentir a vida. Que nasce, se reproduz, morre e ressuscita num ciclo permanente, tão rápido quanto um esboço a lápis. O que interessa é o que acontece no interstício das infinitas possibilidades de criar e se conectar com novas referências, conceitos, signos e sensações.

PATCH #3

## CAOS

Talvez minha primeira percepção do caos tenha acontecido ainda criança assistindo, assistindo a banda Titãs no Programa Livre no SBT, na época TVS, apresentado pelo já fracativo, Serginho Groisman. Após uma sessão de Chaves e Chapolim, lá estava eu, brincando em frente à televisão quando uma gangue invade a telinha, com correntes, vestindo preto, óculos escuros, tatuagens, cabelos bizarros e tocando um som pesado, desordenado. Músicas repletas de amor, ódio e poesia. As coisas mudaram desde então.

A partir de 1988 por culpa deste acaso sonoro e suas baterias rápidas, riffs de guitarra afiados e distorcidos, vocalistas horrendos e poesias musicadas para fins de contestação e dúvida, dá-se início a um caminho sem volta. O mundo ao redor começa a se deformar e tudo parece chato, superficial, banal. Aqui começa um caso de amor com uma série de bandas de *punk rock*, histórias em quadrinhos, filmes, livros e animações que questionam a vida ao mesmo tempo que divertem. As manifestações contraculturais e a arte são bons exemplos de luta e afinidade com o caos.

O caos e a contracultura serão os intercessores que farão a conexão entre meus referenciais pessoais com os novíssimos referenciais acadêmicos. Sempre imaginei que deveria separar tudo o que faço e estabelecer limites territoriais dando mais ou menos importância a isto ou aquilo (uma ilustração ou uma oficina de estêncil em uma escola, por exemplo). O caos me impede de dividir o tempo para ora ser artista, ora ser professor de artes visuais ou designer gráfico. O conceito de *artista-etc* aliado ao caos, amplifica a impossibilidade de dividir o indivisível e me faz assumir todas estas porções terrenas, ordinárias, desordenadas. O *Artista-Etc & Caos*, será elo entre as atividades que exerço como malogro das artes, das artes gráficas, da escultura, da ilustração, da produção cultural etc.

A percepção e reflexão desta trajetória caótica só foi reconhecida dentro da Academia de Artes e instigada pelos seus professores. Foi em uma aula de cerâmica onde os professores Rodrigo Nuñez e Cláudia Zanatta apresentaram no primeiro dia de aula os seus mestres, suas ideologias, suas referências, suas principais influências e portos seguros quando se deparam

com um problema de criação. Rodrigo e Claudia abriram o jogo e colocaram na mesa manchada de argila suas principais fontes de inspiração, os lugares onde eternamente retornam para recuperar fôlego e colocar desordem na casa. E a partir dessa exposição de suas ideologias e referências de vida que impregnam suas poéticas, perguntaram à turma: – E suas referências, quais são? Onde suas almas se alimentam?

A minha perturbada e inquieta alma tem espírito de porco, logo come de tudo que consegue fuçar. Sabe da importância dos alimentos orgânicos da feirinha hippie mas não nega uma boa sopa de pedra. No entanto, o principal referencial que consumo, estético e ideológico, está ligado à contracultura e especialmente ao *punk-rock*<sup>5</sup>.

As bandas *The Ramones* e *The Clash*, ambas responsáveis pelos meus primeiros esboços de dúvidas acerca do mundo onde, os cabeludos de Nova Iorque ensinam a negar tudo e a todos e os dentes podres dos londrinos vão além e dão dicas sobre como construir a partir da negação. O universo das histórias em quadrinhos, que começa com os heróis mascarados e que logo são facilmente derrotados pelos terríveis *Piratas do Tietê*, do cartunista, ilustrador e novo ícone da luta dos transgêneros, Laerte<sup>6</sup>, e *Rê Bordosa*<sup>7</sup>, do também cartunista Angeli. Aliás, Larte, Angeli e Glauco e sua fabulosa revista Chiclete com Banana, foram responsáveis por retardar e abobar uma quantidade imensurável de jovens na década de 1980. Eu fui um deles. Além disso, carregou alguns frascos da poção mágica do druida *Panoramix*<sup>8</sup>, a boca grande da *Mafalda* de Quino, o universo de dúvidas de *Mr. Natural*<sup>9</sup> e a inconsequência dos *Freak Brothers*<sup>10</sup>. Além de tudo isso, há o *ska*, gênero musical e avô do reggae criado pela banda jamaicana Skatalites, o cinema, as animações, o mangá e o anime, a Academia de Artes, os percursos como pesquisador em Educação na FAGED e o Projeto Escriteiras, os *trolls*, os games e a Internet. Tudo é válido, tudo nutre a alma e seus encostos quando se está em uma guerra sem fim.

---

5 Gênero musical oriundo da inconformidade com o *status quo*. As bandas *The Ramones* e *The Clash* são talvez as duas bandas mais populares e influentes do punk-rock.

6 Laerte Coutinho, famoso apenas como Laerte, recentemente descobriu e assumiu-se transgênero e bissexual. Hoje é engajado nas lutas pelos direitos LGBTT. Laerte é o criador dos *Piratas do Tietê*, *Overman*, *Hugo*, *Homem-Catraca*, *Los 3 Amigos* em parceria com Glauco e Angeli, e outra porção de personagens de histórias em quadrinhos brasileiras.

7 Personagem do cartunista e ilustrador, grande amigo e comparsa de Laerte Coutinho, Angeli.

8 Personagem da série de histórias em quadrinhos francesa Asterix, desenhada por Albert Uderzo em parceria com o roteirista, René Goscinny. Nas aventuras do gaulês Asterix, Panoramix é um sábio druida capaz de produzir uma poção mágica que dá força sobre-humana a quem bebê-la.

9 Famoso e controverso personagem de Robert Crumb, um dos mais importantes desenhistas de histórias em quadrinhos e capas de discos de blues do universo. Mr. Natural é uma espécie de guru intelectual e mercadológico da geração hippie, *Flower Power*, nos anos 60, nos Estados Unidos. Geração que mais tarde se dobraria ao *american way of life*.

10 Quadrinhos dos fabulosos cabeludos hippies criados por Gilbert Shelton em 1968 nos Estados Unidos.

É como se cada pessoa fosse gerando um “repertório” individual, um conjunto de valores e conceitos, ideias, sentimentos e emoções que vão tecendo uma rede de significações para si. Nessa rede, mesmo sem se dar conta, estão os fios da filosofia, ética, estética, ideologia, política e cultura presentes na pessoa e no grupo a qual pertence (Martins, 2010, p.19).

Nesta guerra eterna, busco entender modos de romper com mitos e barreiras sobre o que é ou não Arte. O que posso ou não ensinar em Artes Visuais em uma escola. Se minha profissão é ou não digna de um fazer artístico. Por isso luto ao lado de meus intercessores.<sup>11</sup> Estes participam ativamente de minhas ações e ajudam a guiar minha caminhada nômade. Busco com estes *intercessores* operar a vida de forma afirmativa para que minhas produções de design gráfico, de ateliê e, agora, de sala de aula em minhas primeiras experiências de docência sejam, no mínimo, interessantes, notáveis. Tudo isso articulado com o exercício do pensamento através de *afectos, perceptos e conceitos* (Deleuze; Guattari, 1997), priorizando os signos envolvidos, o olhar, o sensível, a vida em meio ao caos.

---

11 “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. (...) É preciso fabricar seus próprios intercessores” (Deleuze, 1992, p.156). Meus patches compõem uma série de intercessores pelos quais me explico e através de minhas produções ela pode se expressar.

PATCH #4  
AUTOBIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA

EL ARTISTA<sup>12</sup>

El *artista* esta esperando en un rincón  
tiene las cartas que encontro en tu cajón  
no siente miedo sabe que es mas fuerte que vos  
el *artista* tiene un arma que es mortal  
no sabe usarla pero puede improvisar  
un cigarrillo mas y va a volver a empezar  
el *artista* se parece un poco a mi  
hace las cosas casi siempre porque si  
el *artista* anota todo lo que ve  
es alguien a quien nunca vas a conocer  
tiene tres caras y escamas bajo la piel  
el *artista* ahora llora en un rincón  
leyo las cartas que encontro en tu cajón  
se siente debil piensa que todo termino  
el *artista* se parece un poco a vos  
haces estas cosas y despues se siente peor  
sin saber porque

---

12 Livre adaptação da letra de El Enemigo, do compositor portenho Daniel Flores, faixa título do álbum de 2011, El Enemigo, da banda de ska argentina, Satélite Kingston. Na letra original ao invés de *artista* há *enemigo*.

## O desMEMORIAL DE LEONARDO GARBIN

Leonardo Gonçalves Garbin nasceu em Caxias do Sul/RS em 1980 e já fez de tudo, ou quase. Passou a infância no Mato Grosso, estudou em colégio interno, fez pizzas, foi garçom, recenseador do IBGE, atendente de videolocadora, barman, eletricitista, pedreiro, encanador, promotor de vendas, instrutor de vendas para multinacional onde pôde viajar por todo o Brasil a trabalho e outras *cositas más*. A única coisa que sempre esteve presente em praticamente todos os momentos de sua breve jornada rumo ao incerto, rumo à causa perdida que é a vida, foi o desenho.

Já riscou de tudo por onde passou. Inúmeras vezes parou na diretoria dos colégios e foi obrigado a limpar mesas escolares e paredes. Apanhou do pai dezenas de vezes por pichar os muros da Colina Verde, bairro da cidade de Rondonópolis/MT onde passou a infância. Gravou seu nome e desenhos em árvores, móveis e até em paredes. Um arteiro exemplar, destinado ao fracasso.

Nas escolas, os professores sempre reclamavam. Pediam para parar de desenhar e prestar atenção na aula, mas ele sempre prestou. Seus ouvidos enxergavam tudo e a mão esquerda, a amaldiçoada mão sinistra regida pelo *Coisa Ruim*, registrava palavras e frases que interessavam enquanto desenhava em um suporte qualquer. Era comum professores e, mais tarde patrões, tentarem pegá-lo distraído. Percebiam que estava concentradíssimo em seus desenhos, na maioria das vezes caveiras e temas relacionados à contracultura, e faziam alguma pergunta sobre o que estavam falando. Prontamente Leonardo Gonçalves Garbin, que agora chamarei de Leo Garbin, respondia, comentava e fazia observações sobre o que estava sendo falado. Com o tempo pararam de incomodá-lo. Interrompiam seus desenhos mas já não queriam pegá-lo despreparado, mas sim, sua singela contribuição, assim, seu *fouror desenhendis* foi aceito institucionalmente.

Em 1998, no dia que se formou no ensino médio, o falecido 2º Grau, no curso de Auxiliar de Laboratório e Análises Químicas, conhecido como ALAQ, sua professora

favorita, a de biologia, uma chilena muito simpática chamada Cárol Fávaro apontou um painel que decorava o salão de cerimônias do Instituto Adventista Cruzeiro do Sul, internato que fica em Taquara/RS, e disse: “Garbin, quando vi esse painel lembrei de ti na hora. Um dia farás algo assim também, tenho certeza.”

Garbin, homem de pouca fé, saiu da escola e prestou vestibular para o curso de Relações Públicas na UFRGS. Queria publicidade mas como não teria a menor chance nem vontade de estudar para tamanha concorrência, escolheu Relações Públicas com a infame ideia que estando dentro da universidade poderia trocar de curso. Oh, inocente! Não passou, é óbvio. Mas seguiu sua saga e prestou vestibular para os cursos de História, Geografia e até mesmo Biologia, influenciado pelo irmão mais velho que é biólogo e as *hippongagens* que um dia gostou.

Mudamos de século, o mundo não foi devastado pelo *bug do milênio* e ele seguia a desenhar. Eventualmente até vendia alguns desenhos e no primeiro semestre de 2006 fez a arte para a capa de CD de uma banda argentina de ska chamada Satélite Kingston. Nesta mesma época, ele foi aprovado no curso de Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Seu ingresso no curso de Artes aconteceu mais ou menos assim: Em 2004, quando fazia cursinho pré-vestibular pensando em cursar Geografia ele conheceu uma menina e por ela se encantou. Mas não deu em nada, já que essas pessoas que desenham são difíceis mas, ainda assim, se tornaram bons amigos. No vestibular em Janeiro de 2005 ela foi aprovada e ele não. O ano de 2005 foi passando e Leo Garbin estava decidido a encerrar sua carreira de vestibulando. Bem na época da inscrição do para o Vestibular 2006 ele já havia comprado passagens aéreas para ir a Buenos Aires ver um show dos Skatalites, banda que inventou o ska e o reggae e do qual é fã assumido. Então resolveu não fazer a tal inscrição para concurso e preferiu levar os cento e poucos reais para tomar cerveja e comprar alfajores uma vez que já vislumbrava outro vestibular fadado ao fracasso.

A tal menina, que atende pelo apelido de Sacolla, perturbada com essa atitude sem-vergonha, começou a questioná-lo sobre o motivo da desistência da universidade. É uma mulher super estudiosa, que seria uma CDF daquelas bem chatas se ela não fosse tão legal e engraçada e boba e besta, no melhor dos sentidos (Leo Garbin tem carinho especial por pessoas bestas e bobas e sem noção e malucas). Mas Garbin era enfático: universidade estava se tornando perda de tempo naquele momento. Dizia que não iria se esforçar e estudar um montão por causa de uma prova. A essa altura do campeonato mundial, com duas ou três

especializações na área de tecnologia seria promovido no emprego e ficaria rico, mais bonito e famoso. Nessa época Leo Garbin trabalhava com tecnologia e já queriam, inclusive, que fosse para a matriz da empresa em São Paulo naquele momento. Mas ela insistiu. Insistiu tanto que até sugeriu o curso e pagou a inscrição do vestibular desde que ele levasse a sério as provas, mesmo que não estudasse, no mínimo fizesse as provas. O curso que ela lhe sugeriu foi o de Artes Visuais.

E não é que ele passou no vestibular? E sem estudar? Mentira, estudou muitas vezes e do seu jeito: desenhou nas apostilas do pré-vestibular e classes mas estudou. Anos mais tarde reencontrou sua amiga Sacolla, que mora hoje em Curitiba e lhe perguntou porque ela havia escolhido, sugerido, o curso de artes. A resposta foi mais ou menos assim: “É que eu tenho uma tia que é artista formada pelo IA e vocês são muito parecidos. Ela é meio demente também.”

Assim, Leonardo Garbin entrou no curso de Artes Visuais na UFRGS e descobriu que sim, que aquele também é seu lugar, ou quase. Houve horas que ele quis cortar os pulsos mas, no geral, o Instituto de Artes foi um lugar onde mais ganhou que perdeu. Lá conheceu muitas pessoas, bem aquelas que ele gosta. Com as trocas de informações e a aparição daquilo que chamam de arte, muitas coisas mudaram em sua vida. A primeira e mais contundente, falo de contusão mesmo, foi a pergunta que fez a si mesmo: “Por que estou trabalhando nessa empresa de informática? Onde vou chegar com isso? Bom, se é pra continuar em dúvida, que seja desenhando.”

Desenhou, pintou, esculpiu, amassou barro e escreveu dezenas de trabalhos detestáveis rumo à já incerta graduação no curso de artes. Dentro do IA, cada vez mais cansado com seu emprego tecnológico, pôde conhecer muitas pessoas e assim escolheu alguns colegas com habilidades distintas e juntos decidiram que tinham que usar seus desenhos para ganhar dinheiro. Dois alunos das artes, um publicitário e um arquiteto, somados a Leo Garbin, fundaram o estúdio de Arte Aplicada, Canhotório. Toda sua trajetória, do encanador que fez pizzas e perguntas porta-a-porta até o engravatado que vivia em aeroportos para falar sobre tecnologia, serviu pra muita coisa. Experiência profissional, ah como isso é importante. No entanto Leo Garbin ferve, se irrita, metamorfoseia a todo o momento e, com o mesmo ímpeto que fundou o estúdio de canhotos também pulou fora. Nada era mais odioso que reuniões com agências de publicidade. Nada é mais nocivo à criação artística que a empáfia do “estou pagando, quero do meu jeito!”. Cansado e triste, Leo Garbin virou ex-sócio-fundador-desertor do Canhotório e, em fevereiro de 2011, Leo Garbin decepou sua mão esquerda e agora faz

suas criações com o lado oculto do cérebro.

Após sua saída do estúdio canhoto, que vai muito bem em sua proposta de trabalho, Leo Garbin, passou a trabalhar em casa, em cafés, em centros culturais e até em outras cidades. Nessa mesma época começou outra atividade dentro da universidade, a de pesquisador. Cabe ressaltar que até então Leo Garbin havia se esquecido que estava matriculado em Licenciatura em Artes Visuais e só sabia que esta graduação lhe daria condições de lecionar Artes Visuais. Fora isso aparentemente nada sabia sobre educação, aprendizagem, docência, currículo, planos de ensino, avaliação. Aulas de artes, no seu tempo de escola, nada mais eram que matação de aula, zoeira desenfreada e professores de outras áreas vivendo o mundinho do *faz-de-conta que isso é uma aula de artes visuais*. Até um professor de religião foi seu professor de artes no ensino fundamental.

Neste exato momento, enquanto você lê este TCC, a caixa de e-mails de Leo Garbin continua a encher. Ele não aquietou o facho, já está pensando em mil projetos e tem uma dúzia de reuniões marcadas. Está ilustrando, fazendo capas para discos e livros e mais rótulos de cerveja, inventando cursos para lecionar, se inscrevendo em editais de salões de artes visuais, produzindo shows de bandas e fortalecendo as dezenas de parcerias que fez ao longo da sua estada pelo Planeta Terra. Aliás, falando em Terra, reza a lenda que estamos a beira de um apocalipse nuclear por conta da catástrofe da usina nuclear de Fukushima. Torço para que o mundo continue vivível durante sua leitura para conhecer um pouco mais da trajetória no curso de Licenciatura em Artes Visuais do *Artista-Etc & Caos*, especialista em coisas e sua *Bagagem Maldita*, Leonardo Garbin.

PATCH #5

## ILUSTRADOR? DESIGNER? ARTISTA?

Aqui apresento algumas das principais referências que norteiam e ao mesmo tempo desmagnetizam a coleção de bússolas que carrego em bolsos furados. Frente a tamanha quantidade de informações e publicações especializadas em *design*, ilustração, tipografia, Arte e ensino de Artes Visuais, bem como o fácil acesso a muitas delas, escolho apenas algumas nas quais busco firmar minha carreira profissional como *Artista-Etc* que produz muito pouco se tratando de Arte para o Sistema de Artes – museus e galerias – mas que a cada dia aumenta seu repertório e portfólio quando assumo descaradamente criar para o *design* de produtos, para o mercado editorial, a ilustração e, mais recentemente, para a produção de material didático para o ensino de Artes Visuais no Ensino Básico. Falar sobre estas práticas é fundamental para compreender o Artista-Etc & Caos que está se formando durante estes anos de experimentações no campo estético-acadêmico-científico e resultará em um Licenciando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

As sequências mapeadas abaixo buscam estabelecer as relações entre as práticas artísticas e mercadológicas oriundas da tipografia de Gutemberg (1398-1468) que, juntamente com a revolução industrial, trouxe para a burguesia o consumo não só da leitura em suas mais variadas formas, seja literatura ou informativos, mas também de uma série de produtos que necessitavam sair das suas linhas de produção em série e serem vendidos às massas com a ajuda da publicidade e do *design*. A antiga necessidade visual dos homens complementa tais demandas por meio da ilustração ou das práticas do *design* de produtos, do mercado editorial e da propaganda. Todas estas práticas tiveram e ainda tem por de trás das cortinas a figura do profissional artista e suas muitas profissões, inclusive a de professor.

Minha trajetória profissional e produção estão diretamente engendradas na Academia de Artes Visuais, local onde também encontrei linhas de fuga para falar sobre o tema. O assunto é delicado uma vez que se discute sua necessidade ou não para formar/criar artistas. Uns defendem, outros dizem que atrapalha. Artistas-alunos da academia se queixam que não deveriam estar lá e botam mil defeitos nas aulas, no currículo, em seus professores e atacam

ferozmente a Arte Contemporânea. Os que estão de fora, ao mesmo tempo que agradecem pela liberdade poética que têm, adoram encher os acadêmicos de perguntas sobre o misterioso ambiente. Resumindo: artistas nunca sabem o que querem. Adoram dar voltas e nem percebem que estão indo e vindo do mesmo lugar que levará a lugar nenhum pois suas inquietações nunca cessam. Sabem, no entanto, que é necessário e justo ter acesso a informações, livros, viagens e principalmente às pessoas e suas ideias. Nesse sentido o curso de Licenciatura em Artes Visuais foi enriquecedor para minha vida. Sou muito grato por estes agradáveis anos que me foram proporcionados dentro da academia, em especial no que diz respeito aos projetos de pesquisa e bolsas de iniciação científica que tive a honra de participar.

E partindo da sangria desatada que muitos artistas vivem por suas péssimas relações com a economia e o Sistema das Artes, a ilustração e o *design* se tornaram ferramentas-trampolim para que eu pudesse alcançar objetivos pessoais e artísticos. A ilustração, o design e outras atividades historicamente realizadas por artistas, nem sempre foram devidamente valorizadas pela academia e, dentro desse âmbito mercadológico e da demanda que atendem, por vezes ainda são consideradas como “arte menor”, termo amplamente disseminado quando tratamos da arte como utilitária frente ao embate que ela faz com a arte pela arte. Pouco a pouco esta ideia parece se transformar por de trás das costuras e orelhas dos livros, de forma subliminar em produtos do design e com força total no mercado de arte que movimentam cifras incalculáveis.

Dentro desse rápido panorama, utilizarei em minhas proposições a figura do artista Oswaldo Goeldi (1895-1961), o designer gráfico americano Paul Rand (1914-1996), o artista-ilustrador brasileiro Rui de Oliveira e o norte-americano Von Glitschka, designer gráfico e ilustrador.

Estas referências dão suporte à minha produção artística, profissional e teórica. Nelas, busco embasamento e, como defende Ieda de Oliveira(2008), também concordo que há equívoco e preconceito ao ignorar a especificidade estética onde estas práticas artísticas estão inseridas. Ieda tem seu foco de estudo na literatura infantil e juvenil mas, sua pesquisa busca, a priori, o reconhecimento da qualidade estética na ilustração. Qualidade que permite transpor seus conceitos para outras áreas, como a do design, por exemplo. As práticas em artes aplicadas e utilitárias ou design, diferente da arte pela arte, não é menor nem maior, são de naturezas diferentes, com categorias próprias e contratos de comunicação *sui generis*. O preconceito com esse tipo de produção é resultado da falta de informação e olhar crítico sobre o material produzido, cabendo ressaltar que, assim como na arte pela arte, também existe

diferença na qualidade dos trabalhos realizados. Felizmente, parte do corpo docente do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul está atento a estes detalhes e muitos outros. Assim, uma micro-revolução está em curso dentro do IA. Sou convicto quanto a isso.

Também conto com a ajuda do pensamento do designer gráfico americano Paul Rand, um dos responsáveis pela transformação da arte comercial norte-americana. Seu trabalho influenciou a fisionomia do design na propaganda e em capas de livros e revistas. Alterou a maneira como as grandes corporações utilizavam sua identidade visual e foi o canal pelo qual a arte e o design modernos na Europa – o construtivismo russo, o De Stijl e a Bauhaus alemã - foram introduzidos na arte comercial norte-americana.

Rand acreditava que o design tratava da relação entre conteúdo e forma e que, acima de tudo, era um serviço e não um fim em si próprio ou uma arte. No entanto, Rand defendia o olhar crítico sobre os pobres valores e padrões estéticos que imperavam e ainda reinam soberanos em nossa sociedade, especialmente em se tratando de arte comercial, seja lá o que for isso. Para o designer, uma das maneiras de enriquecer essa estética dos meios de comunicação de massa seria a inclusão do toque do artista a estas práticas e, assim, buscou inspiração nos moldes do pintor Paul Klee e na arquitetura de Le Corbusier, entre outras fontes.

Paul Rand era um profissional desatrelado das tradições. Não tinha um estilo estereotipado e acreditava que cada trabalho demandava uma solução própria e, conseqüentemente, não há nada forçado ou extenuante em seu trabalho. A busca e o estudo nos movimentos modernos europeus e seus projetos para a publicidade e mercado editorial unem uma simplicidade funcional à complexidade da abstração. Segundo Rand (In: Kroeger, 2010, p. 27) “Os museus separam a arte da experiência cotidiana. A resposta está no problema. O problema é que ela está isolada de onde deveria estar. A arte deveria estar no quarto, na cozinha, não apenas nos museus...”. Trazendo este depoimento para os dias de hoje, um leigo poderia crer que sim, hoje a arte está por todos os lados e nas mais variadas formas. Os artistas gráficos de hoje, no entanto, carecem de referências e estudos. O próprio design hoje cai em uma espécie de repetição das mesmas fórmulas para uma demanda de mercado cada vez mais acelerada, volátil e com retorno financeiro frustrante, especialmente para designers empregados (escravos) em grandes empresas de comunicação.

Dessa maneira, é possível relacionar alguns dos preceitos de liberdade criativa de

Rand com o designer americano em atividade, Von Glitschka<sup>13</sup>. Glitschka trabalha com identidade visual de marcas e ilustra para grandes revistas ao redor do globo. Desde revistas especializadas em arte e design até literatura para todas as idades. Uma frase célebre em um de seus ensaios em seu blog pessoal diz, “Você pode levar um designer para um computador, mas não pode fazê-lo desenhar.” Essa frase pode nos indicar uma série de reflexões e proposições acerca da prática artística e estabelecer algumas relações na importância do olhar e pensamento do artista contemporâneo aliadas à liberdade criativa que Glitschka também compartilha com Rand, bem como a defesa da profissionalização do artesanal.

Ora, se nem todos os designers estão preparados para enriquecer este vocabulário imagético dos meios de comunicação, quem serão estes profissionais? Serão os artistas visuais o fermento do bolo? Estes artistas são preparados e profissionalizados a ponto de atender uma demanda mercadológica? Qual o papel que a academia de artes visuais desempenha quanto instituição em agregar, além das reflexões acerca da arte e seus desdobramentos, metodologia científica mercadológica? Ela deveria fornecer este tipo de preparo aos estudantes de Artes Visuais? Suas pesquisas também podem pensar tais temas?

A academia e sua desvanecente negação formal às artes utilitárias parece perder força e é algo que merece atenção. Levanto estas questões pela observação de inúmeros professores do Instituto de Artes da UFRGS estarem plenamente inseridos em diversos segmentos de um mercado necessitado de olhar-artista. Um bom exemplo é o mercado editorial e, editoras como a Cosac Naif e Editora Projeto, são referências na qualidade de seus impressos.

Na Academia de Artes, em atividades curriculares como as de desenho ou pintura, é comum a rejeição de algumas atividades e trabalhos figurativos, cânones e técnicas clássicas. Por vezes vi professores afirmarem com todas as palavras que a academia é um local para pura reflexão e não para aprendizagem de técnicas. Nesse último ponto, fico em dúvida. Concordo na necessidade de ensinar certas técnicas ou ao menos orientar os discentes mas, tendo em vista a quantidade de manuais, literatura e informações disponíveis, também concordo que a prática reflexiva é, sobretudo, o mais importante para um aluno em processo de formação em artes visuais. Penso que antes da reflexão e do ensino técnico, a pesquisa acadêmica deve prevalecer. O IA deveria, sobretudo, formar mais e mais pesquisadores e *artistas-etc.*

Dentro desta prerrogativa que relaciona o mercado gráfico às práticas artísticas, coloco em evidência um dos mais importantes artistas do século XX no Brasil, meu anti-herói,

---

13 <http://www.vonglitschka.com/>

Oswaldo Goeldi. No livro *Oswaldo Goeldi: iluminação, ilustração*, de Priscila Rufinoni (2006, p.9). Logo no prefácio, algumas ideias de Annateresa Fabris chamam a atenção:

Avesso às poéticas modernistas centradas no conteúdo, o gravador seria moderno por dois aspectos: pela conquista do plano bidimensional e por uma relação de exclusão com o mercado de arte, que convergia necessariamente para relações de proximidade com o aparato estatal. (...). A coexistência da busca da autonomia com a conversão da obra em mercadoria; a configuração de imagens simbólicas e sua incorporação no universo da comunicação de massa.

Goeldi vivia sua época. Encantamento e desencantamento do mundo em um tempo entrecortado de guerras e revoluções tecnológicas; as contradições e implicações políticas que moviam as criações artísticas em virtude das vanguardas e correntes estéticas europeias e americanas como o expressionismo, o realismo e o surrealismo, sendo considerado em sua época como ícone malogro modernista.

E hoje, como o mundo se comporta? Muito mudou? Os problemas da humanidade foram sanados? Cessaram as guerras? A estética contemporânea está plenamente resolvida frente à revolução digital e o advento de inúmeras outras tecnologias? Quem seriam os malogros da arte contemporânea? Seria a nova geração acadêmica e suas práticas?

Goeldi foi um desbravador. Conquistou e ajudou a consolidar um mercado para a gravura e o desenho moderno e abriu portas para novos artistas e gravadores. Foi avesso ao sistema das artes, mas o pensou integrado aos meios de produção e divulgação culturais. Era um alegorista polissêmico, conseguia imprimir em suas demandas editoriais seu olhar que retratava as relações problemáticas de nossa modernização. Nesse contexto, e transpondo alguns pontos que Rufinoni levanta acerca de Goeldi para os dias de hoje, acredito que, assim como o gravador, o artista contemporâneo não só deve estar inserido no mercado como deve enxergar o trabalho artístico como uma poderosa arma de embate com o social, engendrando obras que operem, além da forma, um compromisso artesanal com a vida.

Assim, podemos traçar um paralelo com o que o artista gráfico Glitschka pensa em relação aos designers atuais e o olhar contundente de Goeldi. Como Goeldi, o artista contemporâneo também pode compartilhar suas dúvidas e utopias estéticas ao produzir um trabalho para o mercado. Goeldi atuou de maneira intensa no mercado editorial e trazia consigo a essência objetiva ao ilustrar um artigo ou livro. Compreendia que a função da

ilustração é ser legível e que elas devem iluminar os textos, aliar olhares e suscitar novas perspectivas, paisagens e discussões; não somente reproduzir imagetivamente aquilo que está escrito. Ser legível é relacionar palavra com imagem, tal qual é a relação entre conteúdo e forma proposto por Paul Rand.

A partir desse olhar, o artista é visto como um agente transformador que pode, e talvez até deva, inserir dentro dos mais variados espaços seus ideais estéticos e reflexões. Um dos editores mais importantes de nosso país, Charles Cosac, da editora Cosac Naify, diz, em entrevista para a Revista da Cultura, da Livraria Cultura: “Prefiro trabalhar com artistas a designers. Com o design há o conflito arte versus arte, arte aplicada versus artes visuais. O design tenta, e às vezes consegue, introduzir a linguagem dele ou dela. Sou partidário do livro neutro, acho que o livro tem de retratar e registrar a obra.”

Há inúmeras maneiras de defender a participação do artista dentro de outros segmentos além do mercado e das práticas do sistema de artes. A formação acadêmica em artes visuais tem argumentação e historiografia fundamentada no trabalho de inúmeros outros artistas que viram ou fizeram enxergar em seu trabalho uma maneira de propor diferentes horizontes expandidos para a inserção das ideias estéticas de seus trabalhos nos mais variados suportes e produtos. Nesse contexto, muitos artistas trabalharam e emprestaram seu conhecimento e olhar para outros segmentos. Tanta foi a contribuição, que hoje são estudados e apresentados nas aulas das academias de artes mundo afora. Cito rapidamente dois: Amílcar de Castro e seu vasto trabalho como designer, responsável pela reforma do Jornal do Brasil, e Alexandre Wollner, que começou sua formação no Instituto de Arte Contemporânea do Museu de Arte de São Paulo e, mais tarde, conseguiu uma bolsa para estudar na recém criada Escola da Forma de Ulm, sucessora da Bauhaus.

Outro artista que vai de acordo com as ideias levantadas acima, é o ilustrador carioca Rui de Oliveira. Pintor, gravador, ilustrador e animador formado na Escola de Belas Artes da UFRJ e fez doutorado na ECA-USP. Hoje, ele leciona no curso de design e artes visuais na UFRJ e é um exemplo de profissional com íntima relação com o mercado, tendo ilustrado diversos livros e capas de discos na era de ouro da indústria fonográfica brasileira. Recebeu inúmeros prêmios por seus livros de imagens direcionados à literatura infantil e juvenil. Rui é um dos artistas que compreende a importância do profissional das artes inserido noutros segmentos pois enxerga que sua linguagem pode influir no olhar dos leitores e transformar seus valores estéticos formais e suas ideias.

Não concluirei nada, por ora. Todas estas relações ainda merecem atenção e discussão.

Mas penso que a formação artística acadêmica pode estar iniciando um momento em que presta mais atenção a outras produções artísticas, independente de sua finalidade ou do mercado que atende, sem separá-las, distanciá-las ou classificá-las como arte menor. Não é menor, é diferente. Tem outras propostas e objetivos.

Retomo Goeldi, que teve o suporte da ilustração para poder adquirir fundos para o desenvolvimento de seus objetivos como gravador, como o grande artista que foi. Pergunto-me se ele, sem essa demanda editorial intensa, da qual ele muito reclamou devido aos prazos geralmente apertados, teria produzido tanto a ponto de ter se tornado quem realmente foi? A seguir um pequeno e elucidativo trecho de uma entrevista<sup>14</sup> que Goeldi(G) deu à revista Leitura (L), logo após ganhar o grande prêmio de gravura na Bienal do México, em 1960:

L - Está realizando atualmente algum trabalho especial?

G - Uma ilustração para Mar Morto, de Jorge Amado, grande livro, cheio de poesia.

L - Para finalizar poderia nos falar de suas buscas atuais e definir sua posição em face da Arte?

G - Busco só coisas que podem ser buscadas – tranquilidade, dinheiro, etc.

E eu, o que quero pesquisando, lendo e especulando sobre tudo isso? Nem eu sei ao certo. Como devoto de São Joey Ramone<sup>15</sup>, simplesmente faço. Tudo me interessa em arte utilitária desde que vá de ao encontro de minhas crenças. Daí pouco importa se é um logotipo, uma capa de livro ou disco, rótulo de cerveja, ilustração editorial, se for ao menos divertido eu faço. Não, espera, mentira minha. Volta e meia eu me sujeito a alguns trabalhos pensando somente no dinheiro. A quem quero enganar?

Mesmo assim, essas reflexões vão além do design gráfico, ilustração e do olhar-estético-utilitário que um artistador como eu pode escolher como trabalho. Há alguns meses eu venho pensando em cenografia, iluminação de shows e teatro. Tenho tido ideias absurdas para programas deseducativos em televisão, penso em montar uma banda, penso em um monte de coisas. Me interessam as coisas.

---

14 Rufinoni, 2006, p. 272.

15 Vocalista dos Ramones.

Prólogo para o patch #6

## O ARTISTA-PROFESSOR

### DA ARTE AO CAOS, DO CAOS À AULA<sup>16</sup>

Vou ensaiar aqui para me organizar  
Vou planejar aqui para desorganizar  
Posso criar aqui para me organizar  
Posso usar o giz para desorganizar

Da Arte ao caos, do caos à Aula  
Um aluno roubado nunca se engana  
Da Arte ao caos, do caos à Aula  
Uma aluna roubada nunca se engana

O SOE<sup>17</sup> queimou, queimou o aluno que riu  
Eu vi um chicle mascando devagar  
E um celular pra lá e pra cá  
E uma escola querendo mudar  
Clamando ao artista para professorar

Ô Mercadante<sup>18</sup> eu nunca vi tamanha desgraça  
Quanto menos aula tem mais o Ronald<sup>19</sup> ameaça  
Peguei um balaio, fui na escola roubar atenção e ideias  
Ia passando uma véia, pegou a minha turma  
"Aí maldita véia<sup>20</sup>, deixa a turma aqui  
Com a sala vazia não consigo Devir"  
E com a sala bem cheia comecei a pensar  
Que eu me organizando posso desorganizar  
Que eu desorganizando posso me organizar  
Que eu me organizando posso desorganizar

Da Arte ao caos, do caos à Aula  
Um aluno roubado nunca se engana  
Da Arte ao caos, do caos à Aula  
Uma aluna roubada nunca se engana

---

<sup>16</sup> Adaptação livre sobre a letra da música *Da Lama ao Caos*, escrita por Chico Science. Faixa nº 7 do álbum *Da Lama ao Caos*, primeiro disco da banda Chico Science e Nação Zumbi, lançado em Abril de 1994 pela Sony Music.

<sup>17</sup> SOE - Serviço de Orientação Educacional, espaço escolar responsável pela integração e ajuda às dificuldades e problemas enfrentados por alunxs de uma escola. Nacionalmente famoso por acolher crianças e adolescentes-problema e por seu caráter punitivo frente às atitudes que rompem com o regimento escolar.

<sup>18</sup> Aloízio Mercadante Oliva é economista, político e atual Ministro da Educação. Novembro/2013.

<sup>19</sup> O famoso palhaço dos hambúrgueres podres.

<sup>20</sup> Refere-se à escola que em plano Século XXI ainda abriga antigos e obsoletos modos, métodos e docentes que, em linhas gerais, ainda atuam sob a ótica de eras passadas.zzz

PATCH #6

## O ARTISTA-PROFESSOR

Neste capítulo estão minhas elucubrações sobre o estágio docente que realizei no CAP, o Colégio de Aplicação da UFRGS, para as turmas Amora 1B e 101, 6º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino médio respectivamente. Os diários de bordo e portfólio, com relatos, reflexões, referências utilizadas para agregar ao conteúdo de arte e imagens das produções feitas pelos alunos encontram-se no apêndice.

O ano de 2013 deu o que pensar e repensar. Para pensar refiro-me a algo novo que surgiu em minha vida, o *artista-professor*, e para repensar, falo sobre minha trajetória acadêmica e os aprendizados que foram postos à prova durante meu estágio docente no CAP, o Colégio de Aplicação da UFRGS. Aliar às aulas, as práticas criadoras e fontes de inspiração que costumo recorrer em minhas atividades profissionais foi fundamental para pensar que um currículo diferente é possível.

Como já disse anteriormente, já exerci muitas tarefas e costumo brincar que já vendi até Avon. Posso empilhar experiências de trabalho e, ao fazer um retrospecto de todas estas atividades que estão computadas em minha memória, pude perceber que pelos percursos onde passei a criação sempre esteve por perto. Seja para elaborar o cenário de evento para o Grêmio Estudantil de minha escola, para otimizar a cozinha da pizzeria que trabalhei ou até para criar material institucional para os vendedores que foram meus alunos de vendas em informática. Lá estava a criação. E com ela estavam meus desenhos e minha vontade de fazer as coisas do meu jeito. Importante ressaltar que quando falo *do meu jeito*, sempre penso no *para quem estou criando*. É como digo aos meus clientes de design gráfico: será o Leo Garbin pensando e agindo para sua necessidade. No entanto, de todas as atividades que pude experimentar, a sala de aula foi sem dúvida a tarefa mais árdua e que exigiu uma força quase sobre-humana em se tratando de empenho e dedicação criadora. Nada é mais desafiador que criar uma aula interessante pois um aluno roubado nunca se engana. E partindo dessa ideia de tarefa e desafio farei algumas elucubrações sobre meu estágio.

Por se tratarem de elucubrações, ficarei com o seu sentido especulatório pois ainda me faltam certezas sobre a prática docente. E fico feliz que faltem certezas pois sempre me lembro dos discursos em caráter de auto-ajuda que ouço o tempo todo nas aulas da FACED, em seminários e eventos sobre educação, em sua maioria repletos de clichês. Sempre aquele papo salvacionista que pretende formar um sujeito crítico e ponto. Crítico em relação ao o que, céus? Essa conversa sobre a escola ser o lugar sagrado do conhecimento e o ensino de Artes Visuais ser a chave para abrir as portas e salvar a sociedade parece estar com os dias contados. A escola ainda me parece um lugar detestável e traumatizante onde os alunos vão por obrigação da lei ou porque precisarão de seus certificados para que possam ter um emprego decente e ingressar na universidade. Na maioria das vezes a herança mais significativa da escola são seus traumas. E trauma não tem antônimo. E se há algo que eu gostaria de não fazer enquanto estiver dando aulas é traumatizar algum aluno. Frustrar sim, mas traumatizar não. Mas frustrar para poder pensar juntos em novas perspectivas, hipóteses, caminhos diferentes para solucionar problemas. Sempre gostei dos meus professores que me frustraram com essa finalidade de troca, de desafio.

Que fique claro: não escolhi ser professor. Aliás, não sei exatamente porque raios escolhi esse caminho, da mesma maneira que não escolhi trabalhar com Arte. Não decidi pela docência a fim de obter renda extra para executar meus projetos artísticos, prática comum entre os bacharéis em Artes Visuais e seus diplomas-adorno. Quando ingressei na academia, a matrícula me obrigava a escolher uma, apenas uma, ênfase em Artes Visuais. Se não me falha a memória, eram elas: Desenho, Pintura, Gravura, Escultura, Fotografia, Cerâmica e Licenciatura. Vendo outros calouros empolgados e já *glamourizados* pela possibilidade de serem grandes artistas, minha predileção pelo *do contra* intuiu que a Licenciatura seria o caminho mais obscuro e espinhoso a trilhar. Por ali segui e aqui estou, especulando sobre meu estágio docente. E sigo atento ao eco da sombra que vocifera um *voccare*, não de vocação, mas de chamado, que se tornou um problema difícil de lidar.

Por sorte, fiz meu estágio no CAP, o Colégio de Aplicação da UFRGS. Sorte pois pude trabalhar em uma escola com boa estrutura, ateliês amplos, iluminados e repletos de materiais artísticos e possibilidades. Isso sem contar o time de artistas-professores que somam ao corpo docente da escola e que me ajudaram muito nessa caminhada. Tanto as professoras Aline Becker e Simone Fogazzi, ensino fundamental e médio respectivamente, que foram minhas supervisoras diretas de estágio, quanto os outros professores de artes do colégio. Todos agregaram ideias, dialogaram e compartilharam suas experiências comigo, o que tornou o período de estágio muito mais interessante.

Bom, e o que um *artista-etc* e os intercessores que carrega em sua bagagem maldita, referências exóticas à Academia de Artes, poderão fazer em sala de aula? Não vi outra saída a não ser criar e estimular a sensibilidade e o ato de criação em sala de aula. E para isso foi necessário muito estudo, muita preparação e ensaio para que minhas paixões pudessem intervir, impregnar, atravessar minhas turmas. Recordo-me das entrevistas que Gilles Deleuze concedeu à Claire Parnet, o *Abecedário de Gilles Deleuze*, e nele, a letra P de professor. Muitas das ideias que Deleuze trata ali sobre docência vão ao encontro de minha maneira de pensar para compor uma aula. Por isso, para que meus intercessores fizessem alguma diferença em sala de aula, tanto no Ensino Médio quanto no Fundamental, ensaiar minhas falas, organizar o figurino, compor o cenário e preparar o conteúdo com atenção foram essenciais para transpor minhas ideias e não somente aplicar conteúdo.

Planejar as aulas é a ponta do iceberg, momento de jogar as primeiras ideias e a matéria de Arte para cumprir com as obrigações burocráticas e administrativas em uma escola. Após, pensava, esboçava, escrevia, mandava e-mail para as professoras do CAP pedindo opinião, sempre à procura de brechas para inserir, além dos referenciais próprios da disciplina de Artes, os meus, relacionados à contracultura e cultura pop midiática: música, quadrinhos, video-game, notícias de televisão, filmes, literatura e outros. E para que estas paixões surtisser algum efeito e revelassem alguma inspiração ou provocação em meus alunos, foi preciso muita organização e autotestes para ter ao menos uma noção da possibilidade daquelas atividades ou ideias serem capazes ou não de atravessá-los.

Cheguei a sonhar com as aulas e perdi o sono por diversas vezes nas quartas-feiras à noite, sempre na véspera do meu dia de estagiar. Ansiedade, medo e delírio entre outras sensações estranhas caminharam comigo durante estas quatorze semanas em que fui professor. Lá estava eu convicto de que havia preparado uma boa aula quando de repente, já preparado para dormir, vestindo meu roupão e fumando meu cachimbo, via uma notícia bombástica na televisão e pensava como seria importante e interessante agregar a informação ao que eu havia planejado para as turmas, especialmente para o ensino médio onde os temas de arte que trabalhamos estavam diretamente ligados à política, o papel da arte em meio à vida, o sistema de arte com suas regras e panelinhas. Assim entraram na discussão o ainda desaparecido Amarildo, a morte do artista argentino León Ferrari, as aparições do artista inglês Banksy em Nova York, a venda milionária do tríptico *Três Estudos sobre Lucian Freud*, de Francis Bacon e alguns filmes que assisti. Um deles por indicação da professora e arte-educadora Luciana Gruppelli Loponte, minha orientadora na disciplina de Estágio II, o filme *1,99 – Um supermercado que vende palavras – 2003*, de Marcelo Masagão.

Quem dera se todas as disciplinas estivessem antenadas e percebessem que tudo ao nosso redor pode ser globalizado em um projeto de ensino. Aqui ficam claras para mim as proposições de Fernando Hernández(1998) sobre práticas para transgredir e mudar a educação. Aplicar e pensar meu plano de ensino em caráter transdisciplinar é uma boa saída em relação ao engessado modelo de escola vigente. Sinto que pude ir além das teorias e experiências relatadas em suas pesquisas e acredito que consegui explorar novas maneiras de construir um currículo ao disparar diferentes signos sobre o conhecimento escolar em detrimento da indagação, da dúvida constante acerca das atividades de arte que foram desenvolvidas ao longo do estágio no CAP. Com os alunos do Ensino Médio me pareceu mais fácil a medida que eles já entenderam que os professores do CAP desejam que perguntem, duvidem e que desenvolvam cada vez mais sua autonomia e individualidade. Algo bem diferente dos alunos do Ensino Fundamental, onde muitos recém chegaram ao colégio e ainda não captaram o quanto esta escola deseja que eles caminhem atentos ao entorno. E isso fica mais evidente se compararmos um aluno recém-chegado ao CAP com pequenos veteranos do Ensino Fundamental, o que se reflete principalmente em suas escritas, comunicação oral e modos de atuar em sala de aula.

E se para criar um trabalho artístico necessito de estudos, esquemas, esboços, na sala de aula não foi diferente. Até minhas falas foram ensaiadas. Dezenas de imagens e livros foram vistos e revisados em busca de farpas e ruídos que pudessem prejudicar o andamento dos aprendizados que desejara para meus alunos. Por isso, a sala de aula me exigiu uma espécie de intuição muito criteriosa que a todo momento indicava destinos incertos. Falo em destino pois uma aula nunca é uma só, mas uma sequência a ser vivida: o que funcionou hoje pode não funcionar amanhã, ou precisa de ajustes, ou mudanças de enunciado, ou novas referências, etc. Por isso uma percepção aguçada sobre seus rumos em constante mutação é fundamental para enfrentar coisas enormes e incontroláveis que trabalham ao mesmo tempo contra e a favor do professor. Precisei ficar atento a todos os detalhes para fazer abrir novos portais perceptivos, muito além dos cinco sentidos.

Arrisco-me aqui, a esboçar aqui uma ideia sobre ser professor e retomo a definição de *artista-etc*, do artista visual, teórico e escritor, Ricardo Basbaum (2004, p.21), que a criou para melhor definir seu trabalho:

Quando um artista é artista em tempo integral, nós o chamaremos de “artista-artista”; quando o artista questiona a natureza e a função de seu papel como artista, escreveremos ‘*artista-etc.*’ (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: artista-curador, artista-escritor, artista-ativista, artista-produtor, artista-agenciador, artista-teórico, artista-terapeuta, artista-professor, artista-químico etc.);

Assim, quando um professor é professor em tempo integral, repete suas aulas há anos, vive cansado, reclama da vida e culpa todas as forças do universo por suas aulas medíocres, afirma veementemente que a Internet e os games são vilões do aprendizado e que a juventude está perdida e não quer saber de estudar, nós o chamaremos de “professor-professor”; quando o professor questiona a natureza de seu papel como professor, escreveremos *professor-etc* (de modo que poderemos imaginar diversas categorias: professor-artista, professor-publicitário, professor-agenciador, professor-pesquisador, professor-ativista, professor-escritor, professor-terapeuta, professor-mediador, professor-tradutor, professor-criador, etc). Pode parecer uma indagação boba mas a sala de aula é um ambiente de guerrilha permanente. Senti na pele as dificuldades de lecionar e percebi que as tarefas de um professor vão muito além dos conteúdos, planos de ensino, avaliações e objetivos de aprendizagem.

Vi alunos tristes, alunos que estavam há dias sem tomar banho ou trocar de roupa, alunos se exibindo com suas roupas de marca ou seu último modelo de telefone e escutei milhares de palavrões e ofensas mútuas. Vi alunos praticando e sofrendo bullying, vi homofobia, racismo, preguiça, sono, chiclete, rock versus funk carioca versus sertanejos universitários, depressão, violência, suspensões, repetência, asco generalizado aos livros, video-game, heróis muito suspeitos, consumismo, princesas, ninjas, drogas, dedos-duros, piadas, lanches industrializados, aviões e bolinhas de papel, carência, problemas familiares e vontade de ficar em casa vendo televisão ou navegando na internet o dia inteiro de pijama se empanturrando de guloseimas.

Durante a disciplina de Estágio II, enquanto discutíamos sobre nossas aulas e trocávamos nossas experiências, uma colega me perguntou a qual geração pertencem meus alunos do 6º ano. X, Y, Z de *zapping*? Então comecei a pensar sobre as tais denominações com que os especialistas em juventude e adolescência estão etiquetando os jovens e cheguei a uma conclusão muito pessoal: é tudo balela, papo-furado, perda de tempo. Isso me parece sério pois percebo muitos alunos e professores de licenciatura apontando as novas gerações como jovens que lêem pouco, que tem toda a informação do mundo à sua disposição mas não sabem o que fazer com ela e que “na nossa infância as coisas eram diferentes, melhores, brincávamos mais, líamos mais, estudávamos mais e hoje somos menos alienados”. Descordo! Se fosse assim eu deveria me sentir um completo idiota pois eu joguei tanto video-game nos anos 80, assistia religiosamente ao programa da decadente Xuxa, Mara Maravilha, Sérgio Mallandro e Bozo. Sem contar os tenebrosos desenhos que eu adorava e seus brinquedos safados que ainda tenho em minha coleção de bonecos. He-Man, Rambo, She-Ra e mais uma enxurrada de lixo que adorava. Hoje eles ao menos consomem, por exemplo, os

mangás e animes que vem do Japão. Aliás, se todos professores dessem um pouco de atenção à produção japonesa de entretenimento poderiam encontrar temas e discussões inacreditáveis sobre ética, moral, ciência, mitologia, história e outros temas que colocam seus telespectadores e leitores muito longe de uma zona de conforto. E tudo isso já é consumido há pelo menos quatro décadas de televisão aberta e quase duas de Internet.

História em quadrinhos, música, enredos de jogos de video-game, desenho animado e cultura midiática pop têm elementos estéticos e ideias mil para agregar não só ao currículo de Artes como para qualquer matéria escolar. Quando vejo estas ideias de geração e suas letras me parece que ninguém está vendo o óbvio: a escola permanece a mesma, as atitudes em sala de aula e as questões da infância e da adolescência pouco mudaram. Quer ver?

Além dos horrores que citei anteriormente também vi meninos se perfumando e preocupados em se exibir para as garotas que continuam mais interessadas nos meninos mais velhos. Preferência à prática de esportes no pátio a ficar em sala de aula, aviõezinhos e bolas de papel e outras brincadeiras clássicas de sala de aula, como esconder pertences ou colar frases idiotas nas costas dos colegas. Crises de identidade e brigas com os pais, notas baixas, demonização das aulas de matemática e o ato de matar, cabular ou gasear aula ainda é um modelo de transgressão louvável em seu meio. As combinações para as festas dos finais de semana, os gatíssimos rei e rainha da escola, as reuniões de pais e mestres. Classes organizadas cartesianamente em frente ao quadro-negro e mesa dos professores. Ou seja, se eu não estiver ficando louco, acho que pouca coisa mudou e as novas tecnologias oriundas do microchip nada mais são que novos capítulos do Século XX onde a era digital foi iniciada.

E o que pôde fazer um professor barbudo, cheio de tatuagens, vestindo camiseta de bandas de punk rock, bermudas e tênis. Que lê quadrinhos, adora mangá e anime, conhece tudo que é video-game e é fã inveterado de tecnologia e música? Um *professor-artista-designer-publicitário-pedreiro-vendedor-etc-etc-etc*, que é pesquisador em educação, que trabalha desenvolvendo marcas, logotipos, capas de livros e discos, vive enfurnado em seu ateliê, faz rótulos para pelo menos três microcervejarias, esculturas, desenhos, gravuras, pôsteres, sites. Gasta um dinheirão em livros e discos e precisa correr como louco para conseguir pagar suas contas.

**O que pude fazer? Será que deu certo? Temo que sim.**

E o que significa ter dado certo? Significa, como disse a professora Sandra Corazza no

encerramento do Seminário Modos de Ler e Escrever em Meio à Vida<sup>21</sup>, que pude colocar um canudinho de bambu no meio de todo o lamaçal da educação brasileira e propor uma maneira diferente de respirar. Um canudo tão frágil que qualquer dedo mínimo é capaz de tampá-lo. Qualquer vento moralista ou pensamento tradicional em educação pode derrubá-lo. No entanto, este canudinho possui um filtro e o ar que ali entra, chega até os pulmões dos alunos e alunas impregnado de arte, de literatura, de vida. Um ar denso de signos que pretendeu estimular e explorar diversas formas de criação dentro da escola. Ar rápido e afiado. Provocação relativa em 100% e atmosfera carregada com incertezas poluídas de dúvidas. Mapas cobertos de áreas de instabilidade e risco de tornados e tempestades de ideias.

Previsão para as próximas semanas de férias escolares? Ar calmo e sol, muito sol... seguido de escola, chuva-ácida, terremoto e desastres. Após, mar calmo, vento refrescante, SOE escaldante...

---

21 Evento realizado pelo projeto Escriteiras - III Seminário Integrador Escriteiras/V Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade: Modos de Ler e Escrever em Meio à Vida. Pelotas 2013.

## HORA DE COSTURAR OS PATCHES E PARTIR

Aparentemente foram costurados seis patches em minha Bagagem Maldita, mas foram mais. E como também já haviam dezenas de outros patches nesta mala-sem-alça, precisei costurar, recortar, movê-los uns por cima dos outros. Quando faltou linha tive que usar cola. Faltou cola, usei rebites, fita dupla-face, guspe, resina, grampos, cliques, adesivos e pregos. Sobrou demais, arranquei. E se não serve mais, vai pro lixo. É patch pra tudo que é lado: dentro, fora, embaixo, no meio. Patches que viram bolsos, alças, monstros, patas, escamas, raízes, asas. Vivos e mortos-vivos, nunca mortos.

Alguns patches são fáceis de costurar. Seu tecido é macio e a agulha passa por suas fibras com facilidade. Outros vem com silicone na superfície que ficará oculta e basta aquecê-la para que se fixe à mala. Uns se parecem com *post its* e podem ser removidos facilmente sem deixar rastros. Também existem os feitos com materiais rígidos, que quebram agulhas comuns e precisam de fios resistentes para que não caiam. São tão complicados de costurar que a escolha da linha é fundamental nesta operação. Com uma linha resistente e bem costurado, o patch poderá durar mais que a própria mala. Mas se optar por uma linha frágil, há boas chances deste cair ou ser removido. E mesmo que caia deixará as marcas das perfurações, como tatuagem, como uma etiqueta que se desprende. Posso até costurar um por cima do outro, mas a marca só desaparece para a visão.

Por isso, durante esta viajada utilizei muitos patches *post it*, ou seja, pude colar, descolar, alterar seu conteúdo, sua forma e mudá-los de lugar como bem entendi. Com a mesma velocidade que eu fazia alguma anotação e a colava na bagagem, também movia de lugar, substituía ou arrancava e jogava fora. E isso aconteceu com muita frequência durante estes anos de academia. Bastava uma boa aula para que estes patches efêmeros e movediços corresse pela superfície da Bagagem Maldita.

Um exemplo de patch *post it* é a docência e seus desafios. Estes precisam ser dinâmicos, fáceis de arrancar e de atualizar. Carecem de revisão permanente de conteúdo, de pesquisa e de posturas afirmativas perante seus alunos e alunas. Destes coleí milhares na

mala. Tantos, que desde de o primeiro dia que lecionei no CAP ainda estou inquieto, cheio de dúvidas e sofrendo de uma febre que só baixa quando encontro meus já ex-alunos. O tal mosquito que pica professores por aí é o responsável pela doença-docência que já me motiva a começar estudar para o concurso público para professores para as escolas municipais de Porto Alegre. Apenas uma (1!) vaga para professores de arte. Mas quem se importa?

No patch #6, quando me perguntei sobre o que pude fazer em sala de aula, se deu certo e que temia que sim, agora faz mais sentido. Assim, alguns destes patches *post it* ganham materialidade, consistência e começam a pedir linha e agulha para se fixarem na mala. Linha frágil de preferência, para que possam ser arrancados ou substituídos caso o famigerado professor-professor passe aqui por perto. E o que deu certo? Que patches são estes que começam a ganhar forma e matéria? A febre é que vira patch. A febre não é algo de se explicar mas, quando em meu último dia de aula com os alunos do Amora 1B, os queridos Amoras-Loucas, fizeram uma homenagem para o Sôr Leo, tudo ficou mais tenso ainda. Entregaram cartões assinados, chocolates e gritavam repetidamente, insanos, o meu nome de guerrilha escolar: Sôr Leo! Sôr Leo! Sôr Leo! Mas a febre não se trata de ser homenageado pelos alunos. Não é disso que estou falando, os louros da glória secam rápido.

Refiro-me às apreensões de olhares e espíritos que pude fazer em sala de aula. Aos alunos que pararam de brigar e se xingar e passaram a produzir trabalhos incríveis nas atividades que propus. A inesquecível Maria, a garota que de tanto provocá-la, brigou ferozmente comigo: - Sôr, tu sabe que não gosto de desenhar! Eu gosto é de escrever! - Neste dia Maria aprendeu muito sobre Arte, muito mesmo. Falo dos afetos, dos olhos curiosos que chamaram por conta própria as dobradiças de Lygia Clark de *Bichos* e que vieram correndo em minha direção quando cheguei na escola para me mostrar seus telefones celulares cheios de músicas dos Ramones. Terei criado mais monstros? Espero que sim.

E do mesmo modo que alguns patches ganharam materialidade outros perderam. O *Patch #5: Ilustrador? Designer? Artista?*, é um deles. Adoro ilustrar, gosto muito de trabalhar com design gráfico, especialmente quando se trata de capas de livros, discos e rótulos de cerveja. Mas nem sempre é só isso. Faço muita coisa sem graça com o único objetivo de criar uma identidade de marca para se comunicar com públicos específicos e gerar lucro. Nada contra gerar lucro mas é sempre para o negócio e o bolso dos outros. E é por isso que um patch deste tipo precisa ser rígido, consistente, metódico. Não há espaço para falhas, alguns clientes geralmente sabem mais que o próprio artista, pedem tudo para ontem e são comuns atrasos nos pagamentos de cachê. Por isso este patch foi costurado com agulha firme e linha frágil, para que um dia eu possa arrancá-lo e assim trilhar novos rumos. Eu me conheço, eu

canso das coisas. Preciso respirar ares diferentes, preciso de mais e mais perspectivas. Preciso estar sempre em contato comigo mesmo, criando e me tornando cada vez mais especialista em coisas e mais coisas.

Talvez por isso tenha gostado tanto da experiência como docente. Sala de aula é puro caos, se move e se transforma o tempo todo e é cheia de surpresas, algumas inclusive controladas, previstas. Aulas planejadas para surpreender todos que estão dentro da sala de aula. Mas por hora sigo como estou, com novos e velhos patches, com as marcas dos arrancados, com os novos e os velhos. Uns costurados com linhas frágeis. Outros com linhas indestrutíveis, que é o caso da música e de minhas referências de vida já citadas inúmeras vezes neste TCC.

A Bagagem Maldita é a mosca na sopa. É *artista-etc*, caos, ilustrador, designer gráfico, história em quadrinhos, Joey Ramone, ska, video-game. É filosofia, pesquisa em educação, sala de aula, escola, licenciatura, Academia de Artes. É ateliê O Bestiário, desenho, escultura, gravura, mercadoria, angústia. É autobiografia não autorizada, é experiência estética, é coisa, é festa, é luto, é vida e é etc. Assim, concluo esta graduação cansado, cheio de dúvidas, fritando o cérebro de tantos planos e projetos mirabolantes para um futuro cada vez mais incerto. E já que é incerto sigo à espreita e cada vez mais rico.

Rico de experiências, de bons e maus encontros, de alternativas profissionais, de atravessamentos... enfim, e *la nave va*.

## REFERÊNCIAS

- BASBAUM, Ricardo. In: MOURA, Rodrigo. Políticas Institucionais, Práticas Curatoriais. Belo Horizonte: Museu de Arte da Pampulha, 2005.
- CORAZZA, Sandra. Notas. In: HEUSER, Ester Maria Dreher (org.). Caderno de Notas 1: projeto, notas & ressonâncias. Cuiabá: EduUFMT, 2011. p.31-96.
- DELEUZE, Gilles. Conversações. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34. 2.ed, 1997.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *L'Abécédaire de Gilles Deleuze*. Entrevista com Gilles Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério de Educação, "TV Escola", 2001. Paris: Editions Montparnasse, 1997. 1 videocassete, VHS, son., color.
- GOFFMAN, Ken; JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos: do mito de Prometeu à cultura digital**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.
- OLIVEIRA, Ieda de (org.). **O que é qualidade em ilustração infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.
- VON GLITSCHKA. Blog: <http://drawsigner.com/> visitado em 14 de novembro de 2013.
- ZORDAN, Paola (org.). **Iniciação à Docência em Artes Visuais – Guia e Experiências**. São Leopoldo: Oikos, 2011.

## APÊNDICE

Planos de Ensino, Diários de Bordo e Portfólio<sup>22</sup> de Estágio Docente

DIÁRIO DE BORDO – TURMA AMORA 1B

PROJETO DE ENSINO A.C.M.E.: Arte Criação Mediação Ensino

Colégio de Aplicação UFRGS – 2013/02

Turma: Amora – 1B – 6º Ano - Ensino Fundamental – Artes Visuais

Horário: Quinta-feira 8h – 10h15min • Professora: Aline Becker

Estagiário: Leonardo Garbin – Licenciatura em Artes Visuais – UFRGS

AULA 1 – 22/08/2013

O que foi planejado?

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

*Eixo 2 - Propostas de criação plásticas/visuais, individuais/coletivas;*

Roteiro

- Apresentação do professor Leo Garbin aos alunos: da onde vem, do que se alimenta, o que costuma fazer.
- Apresentação de alguns projetos e planos do Coiote para pegar o Papa-Léguas. Ex:
- Criação plástica a partir da colagem figuras de objetos, esculturas e obras de arte para formar um plano/percurso com objetivo definido. A atividade deverá ser feita em duplas. Exemplo: as duplas receberão folha A3 com um objeto impresso em um dos cantos, um rolo de papel-higiênico camuflado, por exemplo. Também receberão 10 figurinhas(objetos e obras de arte).

---

<sup>22</sup> Página do portfólio de estágio docente ao final de cada aula.

O que aconteceu?

A chamada do Amora 1B é sempre o primeiro passo para começarmos as aulas. Neste dia a professora de Teatro cedeu sua aula para a disciplina de ciências. Quem iniciou a aula então foi a professora de ciências que já abriu a aula falando sobre a avaliação que estava por vir sobre cnidários e poríferos; e eu já fiquei louco para pegar o giz e desenhar Bob Esponja e o Patrick no quadro negro. As turmas se dividiram e enquanto uma metade foi desenhar a partir do observado no microscópio no laboratório de Ciências, a outra foi comigo e a professora Aline para o ateliê.

Agora não existem mais duas turmas como no início das minhas observações. As duas metades ficaram insanas, agitadas e revoltadas com a vida, deve ser a idade. A Aline introduziu a aula e os alertou que agora quem coordena, quem manda na aula é o Sôr Leo. E isso foi dito para ambas as turmas mas, quando me apresentei a eles disse que poderiam me chamar de Sôr Leo ou apenas Leo. A Aline me deixou sozinho com os alunos para que eles compreendessem que a partir de agora eu estaria no comando, *e la nave va!* Ela disse que me espiou várias vezes durante as aulas mas não percebi. Mesmo com o sensor de aranha, necessário para atender quatro, cinco alunos de cada vez, não a vi. Também pudera: sôr pra cá, sôr pra lá, brigas, gritaria e tudo que um bom 6º ano é capaz de proporcionar ao um professor, ainda mais de Artes Visuais. Ainda mais? Sim, explicarei.

Enquanto a professora de ciências passava as orientações sobre a avaliação todos ficaram bem quietinhos, percebendo isso tive uma ideia. No primeiro momento que fiquei sozinho com os alunos, com as duas metades fiz isso, iniciei a conversa mais ou menos assim: “Bom dia queridões. Todos vocês já me conhecem e já sabem que meu nome é Leonardo. Vocês podem me chamar de Sôr Leo ou apenas de Leo. Hoje é o nosso 12º encontro e percebi que quando a professora de Ciências falava sobre a avaliação vocês estava sérios, muito concentrados. Por isso, decidi que iniciaremos nossa aula com, advinhem? PROVA! PROOOOOOVA!

Dá pra imaginar o que aconteceu, né? Só faltou chorarem! Ficaram escandalizados e me ameaçaram. Disseram que se fizesse isso não iriam mais gostar de mim. Foi hilário. Então me apresentei para as turmas e, diferente do que fiz com a Turma 101, levei apenas meus *sketchbooks* e fui com uma camiseta de uma banda que fiz a ilustração. Eles ficaram bem loucos com os desenhos e quase brigaram para vê-los.

Nas duas turmas pedi que recordassem suas falas e pedidos na aula da Aline quando ao verem camisetas desenhadas (aula do professor Michel Zózimo fez com suas turmas),

queriam fazer igual. Aline disse que para eles fazerem isso precisariam de mais concentração e deveriam saber elaborar um projeto. Assim, eu já havia computado esta fala ainda em Julho durante a observação para que a ideia do plano A.C.M.E., bem como o plano infalível do Coiote para pegar o Papa-Léguas, caísse como uma luva. E caiu. Levei o plano impresso em A3, muito bem impresso e todo traduzido e, ao invés de dez figurinhas como havia previsto, foram dezoito.

Pedi a todos que formassem duplas mas alguns não quiseram. Preferiram trabalhar sós e eu os respeitei. Montei os jogos de 18 figurinhas presos por cliques de papel e ia distribuindo às duplas num movimento meio Silvio Santos: Para o Vitor e Ricardo, um papel-higiênico rosa! Para o Denner e Gabrielle, pessoas em ritmo de festa (Keith Haring)! Para vocês, o cão mágico Jake! E o cão mágico Jake é o maior sucesso de todos. Logo voltarei a falar sobre ele pois algo significativo aconteceu.

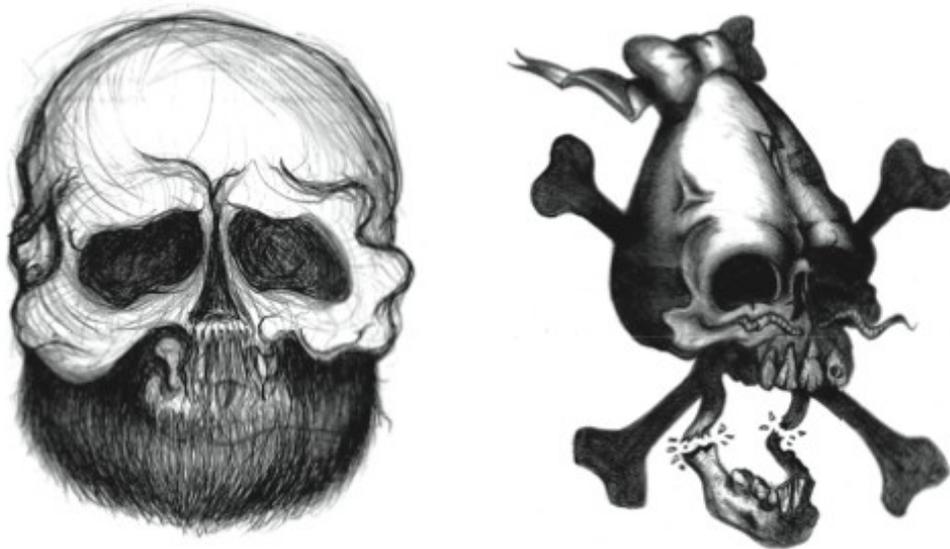
Conferimos juntos se todos estavam com as figurinhas. Este foi um momento de responder à perguntas sobre as obras de arte que estavam misturadas aos mais ordinários objetos, uma luva de boxe, uma caixa de fósforos e um dos bichos de Lygia Clark. A todos momento eles pegavam a figurinha do bicho e perguntavam o que era. Dizia que também não sabia exatamente o que poderia ser mas que se tratava de uma obra de arte da artista brasileira Lygia Clark. Expliquei todo o procedimento do trabalho e iniciamos colando o papel-higiênico rosa em qualquer lugar da folha. Em seguida eles deveriam montar o plano e contar como isso aconteceu, como o rolo de papel-higiênico ficou rosa. Assim, os bichos da Lygia viraram de fato, bichos. De raposas até naves espaciais. Alguns alunos terminaram a atividade rapidamente e sem matação. Fizeram um ótimo trabalho, tão bom que pedi que lessem para a turma. Depois que os primeiros leram as outras duplas se motivaram pediam para ler também. Já no final da aula, quando todos estávamos limpando e organizando o ateliê, um dos alunos quase implorou para ler seu trabalho. Virou uma espécie de competição, muito sadia e prazerosa. Todos riram muito e descobriram que há infinitas maneiras de se pintar um papel-higiênico de rosa. E isso foi conversado, nesses termos. Da mesma maneira que, quando as montagens beiravam o absurdo um aluno me perguntou se poderia ser algo muito maluco e respondi: “Lembra dos meus desenhos? Sim, né? Tinha algum muito louco? Muitos, é? O que você acha então?”

*Jake - o cachorro do desenho Hora de Aventura*

Existe um desenho incrível que é transmitido pelo canal de TV fechada Cartoon

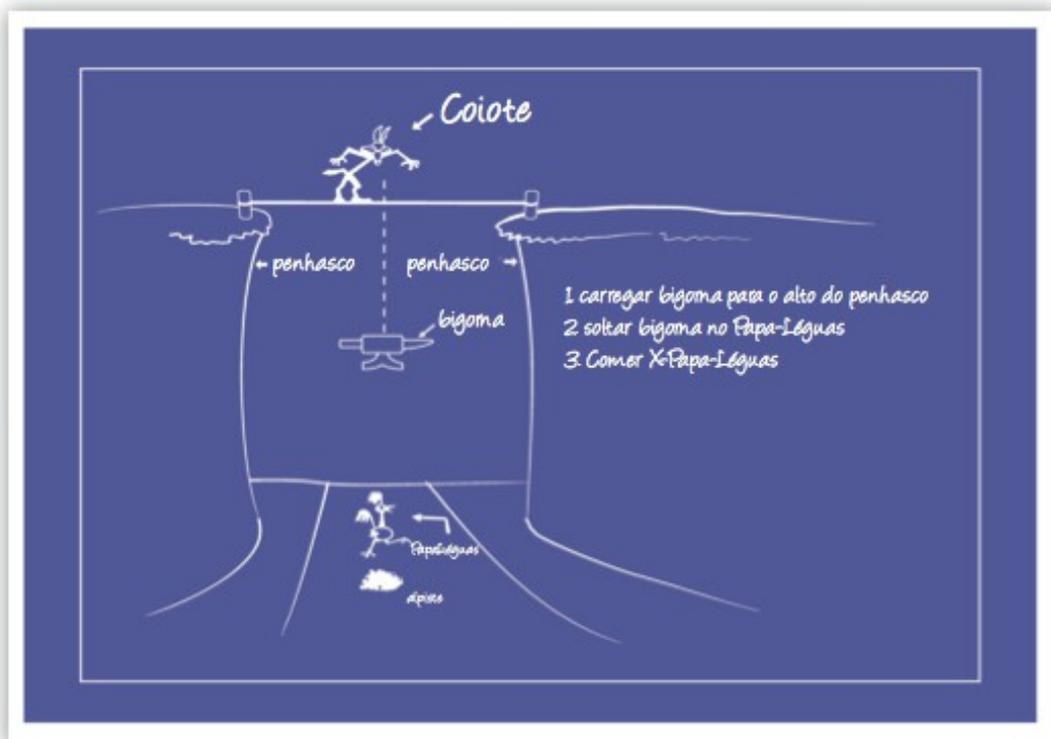
Network chamado Hora de Aventura (Adventure Time), da Warner Bros. Trata-se de um mundo encantado repleto de seres bizarros, princesas dos mais variados reinos e os protagonistas são Finn e Jake. Finn é o único humano que habita o Reino de UUU e Jake é seu fiel amigo. Jake é um cachorro mágico que fala e pode assumir qualquer forma ou tamanho. Os dois são super-ultra-descolados, piadistas, honrados heróis e donos de uma amoral apaixonante. É sem dúvida alguma o desenho animado favorito do momento e por isso a carta do Jake fez um sucesso estrondoso com os alunos do Amora 1B. Já notei até os alunos da 101 falando sobre o desenho. Eu mesmo sou aficionado e muitos amigos e colegas do IA também.

No entanto algo aconteceu e me alertou. Num dado momento uma aluna me perguntou o nome do simpático cachorro, uma criança obesa que passa por bullying com seus colegas. Quando respondi o nome dele uma aluna prontamente interviu: “Tu não sabe o nome do Jake? Tu não assiste Hora de Aventura?”. E ela respondeu, com voz trêmula, que sim. Que é óbvio que ela assistia e tinha apenas esquecido. E isso foi muito triste. Pude sentir que toda a minha boa vontade e metodologia possuía uma falha enorme que pode operar de maneira excludente. Isso é muito sério e será refletido com atenção. Ainda não defini que estratégia tomarei. Me pergunto se eu levasse um episódio interessante para que todos assistissem amenizaria o ocorrido. Acho que não.



Acima, dois auto-retratos do sôr Leo Garbin que estão no sketchbooks apresentados aos alunos.

Abaixo, lâmina impressa em A3 com um plano do Coite para pegar o Papa-Léguas.



Roteiro

- Continuação da elaboração da proposta de criação plástica para elaboração dos planos em duplas.
- As imagens serão impressas em preto e branco devido à quantidade de alunos. Os que acabarem serão convidados a pintar e finalizar os trabalhos.

Nas figurinhas, além de objetos e imagens relativos à cultura POP, desenhos animados e personagens familiares, haverá quantidade significativa de imagens de obras de arte que serão apresentadas durante as atividades.

Hoje os alunos estavam possuídos. Há dias que eles estão mais agitados que o normal e agora, como já falei, não há mais uma metade calma e outra não; estão todos insanos. Adolescência eminente à vista!

Neste dia os alunos que já haviam concluído a atividade puderam retomar a atividade de Toy Art iniciada pela professora Aline anteriormente enquanto os outros concluíam a tarefa dos planos. Quase todos terminaram, talvez um ou outro ainda não concluíram a atividade. Mas né, vivendo, professorando e aprendendo. Mas os que já haviam terminado a atividade dos toys perguntaram, “E agora, sôr, o que eu faço?”.

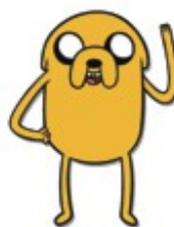
De qualquer maneira eu já havia planejado algo para que não ficassem ociosos. A atividade seria de desenho e eles deveriam escolher duas figurinhas para criar uma só imagem. E nossa! Como são bons! Novamente saíram desenhos incríveis, grandes composições e ideias sagazes. Da mesma maneira que alguns dos alunos que, conforme iam concluindo a atividade de colagem, me pediam para ler suas composições escrituradas. Um ponto legal que esqueci de comentar no dia anterior foi que, um dos primeiros alunos que terminou e que pedi lesse seu trabalho para os outros é um dos “piores” de sala de aula. Implica com todos, é especialista em bullying, um grande piadista, um folgado. Mas claro, virou meu amigão e já descobrimos vários gostos em comum, um deles é o Dragon Ball Z. Tanto que nesta aula levei uma de minhas miniaturas para sala de aula e o avisei logo no início: trabalhe direitinho e para com a loucura que no final da aula tenho algo pra te mostrar. Esse recado foi dado para outros alunos também. Ah se a curiosidade matasse. A cada 5 minutos me perguntavam, “O que foi que tu trouxe, sôr?”. No final da aula ficaram revoltados quando mostrei o brinquedo. Um até disse, “Eu te odeio sôr!”. Ficaram completamente loucos com minha miniatura do Rei dos Demônios, Piccolo. Sigo seduzindo-os e me aproximando

por estes pequenos e cansativos pré-aborrecentes.

Eles tentam me enrolar de várias maneiras em sala de aula, mas não conseguem. Como já disse anteriormente, sou especialista em malandragem e, quando terminei o 2º grau em 1998, já era PhD em bullying e boas notas. Era líder de turma e incitava a bagunça e a calma, meus colegas me ouviam. Os professores não temiam nossa turma, não houve repetências. Quero ajudar destes aqui também. E trouxe esse assunto para o texto pois quero retomar a menina citada no dia anterior, a Maria. Maria é a que não conhecia o Jake, do desenho Hora de Aventura. Fiquei pensando em supostas ações ou soluções para amenizar o que aconteceu na semana passada. Sem êxito de ideias, deixei rolar a aula. E lá estava ela brigando com os colegas, atirando bolinhas de papel, desmotivada, chateada. Sentei com ela para ver como andava a produção da colagem das figurinhas e ela fez algo muito estranho. Colou todas de uma só vez cartesianamente alinhadas em uma metade da folha A3 e nada escreveu. Ofereci um novo kit de figurinhas caso ela desejasse começar de novo mas não quis.

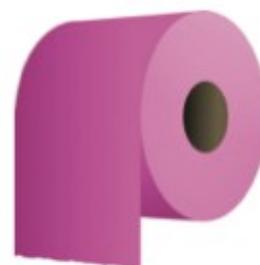
Perguntei se ela iria escrever; ela afirmou que sim. Voltei alguns minutos depois e percebi que ela havia escrito dois parágrafos, com ótima caligrafia e ainda por cima tudo justificado, com as linhas muito retas, precisas e sem erros de português. Na hora não consegui ler com calma mas deu para perceber que ela não gosta de desenhar, nem de inventar planos gráfico. Fiquei com a impressão que o negócio dela é escrever e por isso, tive uma ideia dentro do ônibus quando voltava para casa após as aulas. A ideia será ler o texto e pedir que ela termine, mais ou menos assim: “Maria, que legal esse teu texto! Do jeito que está merece uma nota 5 pois está na metade mas, se tu terminares, ganharás uma nota 10 na atividade!”

E para o próximo capítulo, planejamentos e e-mails com as professoras Aline e Simone já em curso. Mudanças no Plano de Ensino necessárias estão por vir. Adiós.



**O objetivo: PINTAR O PAPEL higiênico**

**as 18 figurinhas do jogo.**



AULA 3 – 05/09/2013

O que foi planejado?

*Eixo 2 - Propostas de criação plásticas/visuais, individuais/coletivas;*

Roteiro

- Finalização e fixação dos trabalhos na parede. Cada dupla apresentará seu plano infalível para o objetivo que será proposto. Será um momento de conversa e pensamento em torno da arte, da composição e suas múltiplas possibilidades.

O que aconteceu?

Precisei mudar significativamente o plano das aulas. Para os alunos que ainda não haviam terminado a atividade, esse era o objetivo. Aos que já tinham terminado, nova atividade que contarei em logo mais. Antes voltarei ao caso Maria.

Apreensivo em relação à conclusão e auto-estima da Maria, precisava que ela terminasse a atividade de maneira não traumática. Assim, lá estava ela, brigando, nem aí para a aula e com a tarefa incompleta. Pedi para ler o que ela havia escrito, a elogiei e delicadamente solicitei que terminasse a atividade do jeito que ela estava fazendo: escrevendo. Quando ela terminou me chamou. Li novamente e para minha surpresa, mesmo que já previsível, li um texto é incrível, muito bem escrito, com as ideias bem organizadas e sem erros de português. Perguntei a ela se já havia pensado em ser escritora. Timidamente ela sorriu e proibiu-me de ler o texto em voz alta para a turma, mesmo que anonimamente. Pedi para fotografar para mostrar para a minha sôra. Ela deixou eu fotografar mas novamente proibiu de mostrar para alguém. Isso não será cumprido. Missão cumprida! Gostei do resultado.

Assim, dei início a nova atividade. Perguntei para os alunos sobre as figurinhas e, em formato de jogo, definíamos quais eram ou não obras de arte e, assim, focamos na obra de Lia Menna Barreto e suas instalações de sapos e lagartixas. Assim a ideia da nova atividade foi baseada na instalação das lagartixas e, a partir dessa ideia, os alunos devem desenhar linhas de bichos, coisas, monstros, insetos ou o que desejassem com somente uma regra: as trilhas devem extrapolar a folha para que possamos depois unir os desenhos e criar um só. Conforme iam terminando os desenhos pedi que fossem colando na parede para que o desenho único se formasse. Mais ou menos metade da turma terminou a atividade. No recreio, enquanto eu arrumava a sala com a professora Aline, perguntei se poderíamos criar uma exposição com os desenhos. Saí da escola, fui almoçar e quando cheguei em casa por volta de 14h já havia um

e-mail dela confirmando o espaço para nossa exposição no saguão do CAP.

## TURMA AMORA 1B • AULA #3 • 05/09/2013



### DUAS POSSIBILIDADES PARA COLORIR UM PAPEL HIGIÊNICO



O Jake estava numa exposição de arte e seu telefone tocou, era o Batman convidando ele para uma festa. Eles dançaram muito, até ficaram com sede e foram beber água, mas dentro da água tava cheio de lagartixas e sapos. Jake pegou uma lua de bar e tentou matar os bixos, mas não conseguiu. Tentou outra vez colocando fogo neles e conseguiu mata-los. Cansados foram para casa jogar. No caminho encontraram um gato rosa que foi junto com eles. Chegando lá o gato foi ao banheiro mas estava demorando muito, e Jake foi ver se ele estava bem, mas quando ele abriu a porta do banheiro, o gato tinha sumido, mas no lugar dele estava um papel higienico rosa.

**ATIVIDADE LIVRE DE DESENHO  
CRIANDO COM OS OBJETOS DE  
DUAS OU MAIS FIGURINHAS.**

**MARIA NÃO GOSTA DE DESENHAR  
GOSTA MESMO É DE ESCREVER**

AULA 4 – 12/09/2013

O que foi planejado?

*FILME em Sala de Aula*

Roteiro

- A partir da atividade feita em sala de aula, dos planos elaborados, apresentação do filme da dupla de artistas Peter Fischli & David Weiss, e sua obra em vídeo, *The Way Things Go* – 1987, 28min.
- Antes da exibição do filmes algumas perguntas serão feitas à turma, por exemplo: “quantas maneiras de fazer arte existem? Quais?” “Vídeo é arte?” “É possível utilizarmos objetos do dia a dia para fazer uma obra de arte? Quais?”
- Alerta geral antes de apertar o *play*: não tentem fazer isso em casa sem supervisão e ajuda de um adulto.

O que aconteceu?

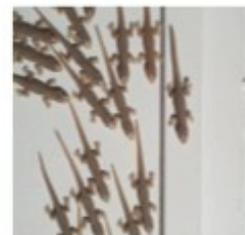
Cheguei na sala de aula e após a chamada já dei o recado para todos: “Vocês estão terminantemente proibidos de entrar no ateliê sem os seus estojos! Levem tudo pois não deixarei que saiam do ateliê!”. Já estava virando bagunça as aulas anteriores. Sempre alguém esquecia algo, aliás, muitos esqueciam tudo! Já não basta pedirem para beber água e ir ao banheiro de cinco em cinco minutos ainda esquecem os materiais na sala. Regras rígidas agora; acabou a mamata.

A aula começou com o alerta de que os trabalhos das trilhas dos insetos e bichos inspirados nas lagartixas da Lia seriam expostos no saguão. Para cada metade montei uma força-tarefa e convoquei dois ajudantes: um para ajudar com a fita-crepe para fixar os trabalhos e outro para fotografar. Os fotógrafos ficaram bem loucos pois estavam clicando com a super-máquina fotográfica do sôr. Os ajudantes ficavam no saguão e eu ia buscando os alunos em duplas para colar os trabalhos. Enquanto isso, os que não haviam terminado tinham a tarefa de correr contra o relógio para terminar enquanto os que já tinham terminado podiam desenhar e pintar livremente. Com tudo pronto, a parte legal foi vê-los no recreio olhando para o trabalho. Isso foi muito bacana.

Ainda antes de terminar, fiquei sabendo que no sábado pela manhã, durante a reunião de pais e professores, eles teriam aulas de Artes e Educação Física. A professora Aline veio me perguntar se eu gostaria que lhe indicasse alguma atividade para dar sequência no trabalho e perguntei se poderia vir dar a aula. Ela disse que não precisava mas eu insisti. Bom, são meus

alunos, né? Assim alertei a todos: “Venham no sábado! Teremos uma aula muito louca! Não percam! Quem faltar irá se arrepender amargamente!”.

## TURMA AMORA 1B • AULA #4 • 12/09/2013



**DESENHOS INSPiRADOS NO TRAbALHO DA ARTISTA LIA MENNA BARRETO QUE RESULTOU EM UMA EXPOSIÇÃO NO SAGUÃO DO CAP**

PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

AULA 5 – 14/09/2013

*Eixo 2 - Propostas de criação plásticas/visuais, individuais/coletivas;*

O que foi planejado?

Roteiro

- Aula de pintura preparatória para visitar a 9ª Bienal do Mercosul
- Cada aluno deverá pensar em três objetos e pintá-los como se fossem nuvens no céu. Os objetos pensados terão caráter secreto e só poderão ser revelados na aula seguinte.
- Perguntas para orientar a atividade: “Quais as cores do céu?”, “O que é uma nuvem?”, “Quanto tempo leva para vermos uma estrela”, “A arte faz voar?”

O que aconteceu?

Bom, a aula será no sábado pela manhã. Semana de calor infernal em pleno Setembro. Conselhos, reunião com os pais e professores. O que fazer? Como tornar essa aula imperdível? Após muito pensar em ideias e também na sugestão que me passou para valorizar o trabalho dos bichos criei uma atividade de estêncil com os alunos, porém de maneira invertida.

Antes da aula começar os alunos estavam na educação Física e eu lá os observando com tudo pronto para a atividade. Quando terminou o jogo de “queimada” deles, pedi para que me seguissem e fomos para debaixo de umas árvores no pátio e fiz uma demonstração aos pequenos caóticos do Amora 1b.

Em uma folha craft comecei a compor com galhos, pedras, tampinhas, canudos, tocos de madeira, enfim, uma série de objetos que coletei no pátio da escola. Montei uma espécie de inseto e disse a todos que a aula seria de graffiti e tirei algumas latas de spray da sacola, as mesmas da turma 101. Bom, dá pra imaginar a cara deles. Ficaram doidos, completamente eufóricos. Assim, abri duas folhas enormes de craft no chão e disse que iria contar até três e todos deveria sair correndo pela escola atrás de tralhas para criarmos um inseto gigante. Um, dois, três, CAOS!

Logo voltaram com os objetos mais absurdos, pedaços de pau enormes, montes de folhas, pedras, lixo, tudo. Conforme iam chegando iam compondo e brigando. Reiterei que o trabalho não era de ninguém, que era uma produção coletiva e o autor é a Amora 1b, nada de brigar pela autoria ou ficar criticando os colegas. O trabalho deverá ser feito coletivamente.

Após a composição, por ordem alfabética, cada um pôde utilizar o spray por alguns

segundos. Claro que deu briga, empurra-empurra, gente furando a fila, outros brabos comigo pois perderam a vez, enfim. Entre mortos e feridos o resultado ficou genial e também foi para o saguão da escola. Dois super-insetos coloridos.

Mas essa manhã não foi tão tranquila como parece no relato. Justo na hora que os alunos estavam utilizando as tintas houve um incidente acidental. Um garoto foi gesticular e acertou a mão no rosto de uma menina que prontamente lhe devolveu um tapa no rosto e os que estavam na volta começaram a rir. Parei tudo! Fiquei apavorado e correndo os outros da volta pedindo respeito aos colegas. Os dois se desculparam, choraram bastante, ficaram muito nervosos mas tudo deu certo. No final estavam trabalhando juntos, numa boa. Outro problema da aula foram os alunos da Amora 1A que questionaram a professora Aline sobre o motivo que eles não tiveram aulas de graffitti. Ficaram loucos de inveja da turma B e meus alunos se exibiram bastante.



**AULA DE SÁBADO: ESTÊNCEL AO AVESÇO.**



TURMA AMORA 1B • AULA #5 • 14/09/2013



PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

Eis um dia que gostaria de apagar de minha memória e que ao mesmo tempo proporcionou terror e caos como em nenhum outro momento durante meu estágio. E eu achando que o mal entendido da aula passada tinha sido trágico pelo fato de dois queridos alunos terem de desentendido e o fato dos outros terem rido deles. Mas enfim, hoje resolvi dar folga para os alunos, mas folga não significaria moleza. A ideia era retomar trabalhos atrasados, tantos os das minhas aulas quanto os das aulas da Aline. Muitos queria terminar seus toy art, começar outros, eles sempre querem! E tudo bem, seus desejos são uma ordem. Começaram a pegar suas pastas e se organizar quando um deles tem a brilhante ideia e pergunta se poderia usar tinta. Disse que sim e o queridão começa a atirar tinta sobre a folha, exatamente como Jackson Pollock fazia. Ao perceber que os pingos de tinta começaram a aparecer nos mais improváveis lugares do ateliê, mandei parar tudo. Ofereci um pedaço enorme de papel craft para que tivessem mais área para o gesto pictórico. Mostrei maneiras de pintar gestualmente e os orientei. Mas ao invés de um ou dois alunos, ficaram uns seis atirando tinta e sujando tudo. Bom, até aí tudo bem. Eles lavaram tudo o que sujaram e a pia que começou a encher, entupir. Tudo normal, pois o escoamento das pias do ateliê é precário.

Eis que troca o período e a outra metade da turma chega na sala e resolvem fazer o quê? Brincar de Jackson Pollock também!

### **IMAGINE UM ESQUADRÃO COM DEZ MINI-POLLOCKS APAVORANDO A SALA DE AULA!**

Pois bem, as pias entupiram de tanta tinta e sujeira que fizeram. O respiro do ralo que fica no canto do ateliê transbordou e a sala alagou. Sei lá onde estavam os professores de artes naquele momento mas eu me desesperei. Corria pra lá e pra cá, pedia para que não abrissem mais as torneiras, que parassem de jogar tintas por tudo. Um inferno! Tudo isso aconteceu no ateliê SOL e por isso, fomos terminar nossa aula na sala LUA enquanto as faxineiras limpavam a lambança que fizeram. De súbito tive uma ideia que já tinha sido pensada em meu planos de ensino. Disse a eles que em alguns dias iríamos visitar à Bienal e a partir do tema dela, Se o Clima for favorável, fomos criando inúmeras possibilidades para completar a frase:

## **SE O CLIMA FOR FAVORÁVEL NÓS... NOS TRANSFORMAMOS EM MINI-POLLOCKS E PINTAMOS TUDO!**

Ao menos pude falar um pouco sobre *action-painting* com eles. Ficaram muitas lições deste dia, especialmente sobre não atirar tintas por toda sala de aula ou ateliê.

AULA 7 – 03/10/2013

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

*Eixo 2 - Propostas de criação plásticas/visuais, individuais/coletivas;*

Como eu já havia visitado a Bienal e estava traumatizado com a última aula pensei que deveria criar uma aula um pouco mais calma. O ânimo da turminha estava em chamas. Precisava contê-los e fazê-los pensar um pouco no que estavam fazendo caso contrário ficaremos apenas envolvidos com atividades e ações e o pensamento sobre o fazer iria se perder.

Assim, revirei o material pedagógico da Bienal e me deparei com o certificado de compra de terreno lunar relativo à suposta pedra lunar trazida para a Terra nos anos 60 pelos astronautas norte-americanos. Assinei o certificado e planejei a aula que aconteceu mais ou menos como descreverei. Aqui, outro ensaio que fiz antes de ir para a sala de aula: “E aí, seus malucos! Vocês sabem que em breve eu não darei mais aulas para vocês. Não só porque meu estágio vai terminar mas também porque irei me mudar para a Lua.”. “Como assim, Sôr?”. “Você está mentindo, isso não pode ser verdade!”. Disseram eles.

Então mostrei meu comprovante de compra de terreno lunar! Incrédulos, eles tomaram o material da minha mão e continuavam a afirmar sobre a impossibilidade da minha compra. Seguimos a aula e um dos alunos, o Leandro, disse que sim, que era possível comprar terrenos nas Lua. Belo acaso! O Leandro havia participado no semestre anterior de um grupo de pesquisa que tratou sobre os assuntos lunares. Como dominava o tema, quem deu aula e falou sobre as conspirações acerca da ida ou não do homem à Lua foi ele. E isso foi bem legal!

Após a aula, relacionando o assunto com a Sala de Invenções Caseiras, os alunos deveriam criar um desenho de um veículo lunar a partir de objetos que temos em casa. Aos menos interessados, mostrei o vídeo da dupla de artistas suíços Peter Fischli e David Weiss. Estes menos desinteressados não produziram nada mas quase me bateram quando disse que deveriam deixar o filme de lado e ir produzir com os outros colegas. No fim, ficaram vendo o

filme e fiquei pensando muito sobre esse fato ou sobre como até mesmo uma aula de artes pode ser monótona e desinteressante ou exatamente o oposto disso. Quanto aos veículos lunares, os alunos criaram desenhos muito interessantes! Foi uma aula bem legal esta.

TURMA AMORA 1B • AULA #7 • 03/10/2013



**ceRTificado de posse de TerREno Lunar com minha assinatura.  
( e Também a assinatura do Paulo Henrique )**

PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

Hoje as aulas serão reduzidas para os amoras-loucas. Como no dia 12 de outubro comemora-se o dia das crianças e, por mais que os alunos já não se considerem crianças, os professores do Amora prepararam uma surpresa para eles. Mas antes vamos para as aulas.

O fato dos períodos serem reduzidos me fizeram pensar em outras maneiras de dar criar essa aula. Como eles levam quase 20 minutos para se aquietarem, guardar mochilas, pegar pastas e pergunta um trilhão de vezes o que tem que fazer enquanto escutam músicas em seus fones de ouvido, pensei em uma aula na própria sala de aula, e não no ateliê.

Como na aula criamos veículos lunares para visitar a Lua, era hora de voltar. O texto deveria mostrar em primeiro lugar os motivos que nos levaram para a Lua e os motivos que nos fizeram a regressar à Terra. Dei alguns exemplos de motivos para ir e voltar. Para ir: fome, guerras, miséria, racismo, homofobia, etc. Para voltar: na Lua não tem pizza, nossos amigos não estão lá, não há arte. Até eles pegarem no tranco estava muito difícil fazê-los entender a proposta. Eles simplesmente repetiam como papagaios os meus exemplos. Briguei com todo mundo daí! Apaguei os exemplos que tinha escrito no quadro e disse de forma contundente: “Isto é uma aula de artes! Os exemplos são apenas exemplos, não é para copiar. Vocês precisam criar suas histórias, vocês podem desenhar entre as palavras, misturar Pokemóns, música, guerras, o que desejarem! Mas eu vou avaliar uma escrita criativa, cheia de invenções. E rápido, pois nosso tempo é curto hoje! Sem moleza!”

O resultado? Bom, alguns nem sequer riscaram o papel, mas no geral eu me diverti muito lendo os textos. Tem de tudo, de reclamações sobre o funk carioca, apocalipse zumbi, xingamento à colegas e até queixas sobre dentes podres dominando a Terra. Genial!

Após a escrita fomos todos para a sala de teatro e lá com todos alunos e professores do Amora foi feita um confraternização e na apresentação em slideshow estavam elementos das infâncias dos professores e também fotos de quando crianças, inclusive a minha comendo dois picolés simultaneamente. Filmei tudo, uma festa só! Cheia de risadas e diversão em clima de Sessão da Tarde; uma tremenda confusão!



UM DOS TRABALHOS DE ESCRITA MAIS INTERESSANTES.

AULA 9 – 17/10/2013 – livros da maleta

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

*Eixo 2 - Propostas de criação plásticas/visuais, individuais/coletivas;*

E seguem as propostas criadoras para os amoras-loucas. Partindo sempre das minhas principais referências para compor estas aulas a ideia hoje será trazer uma série de livros para apresentar para a turma e, em duplas, escolherão algum dos livros e farão um estudo sobre as ilustrações dos materiais. Iremos conversar sobre os livros, sobre as ilustrações e tentar entender um pouco mais sobre o processo de criação por trás de uma ilustração, desde a composição até a arte final. E eu serei o gui deles.

Os livros que trouxe para sala de aula foram:

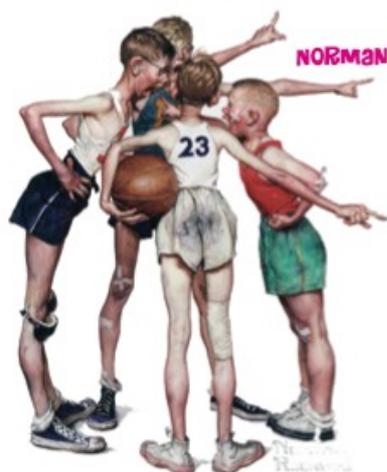
- A Fantástica Fábrica de Chocolate;
- um mangá original vindo diretamente do Japão contendo os maiores sucessos da gurizada: Naruto, One Piece e Bleach;
- um livro de arte sobre Norman Rockwell
- *The Ugly Guide to Uglyverse*, livro sobre uma turminha de toys art vindo diretamente do MOMA;
- o mangá One Piece em português;
- O que é qualidade em ilustração infanto-juvenil;
- gibis do Superman e do Spiderman
- Palestina, de Joe Sacco
- O Astronauta de Maurício de Souza porém em formato de graphic novel;
- *Bone*, um hilário HQ norte-americano.

Em formato de sorteio e mistério ia fuçando na mala, olhava para dentro dela, olhava para os alunos, olhava para dentro dela, olhava para os alunos e ia entregando os livros para as duplas. Quase apanhei deles mas no fim tudo deu certo. A partir do estudo dos desenhos o nosso objetivo era criar algum desenho novo captando algumas técnicas que estavam inseridas nas ilustrações. Foi uma aula sobre composição, hachuras, cores e um belo exercício para mostrar que não existe bom ou mau desenho, há sim empenho e muito esforço. Que todos os estilos são válidos mas que todos exigem muito estudo, como em qualquer outra área. E eles se esforçaram, a grande maioria levou a sério os exercícios e dei a eles milhares de dicas para criar sem medo. RISQUEM SUAS FOLHAS! RISQUEM! SEM OLHAR!

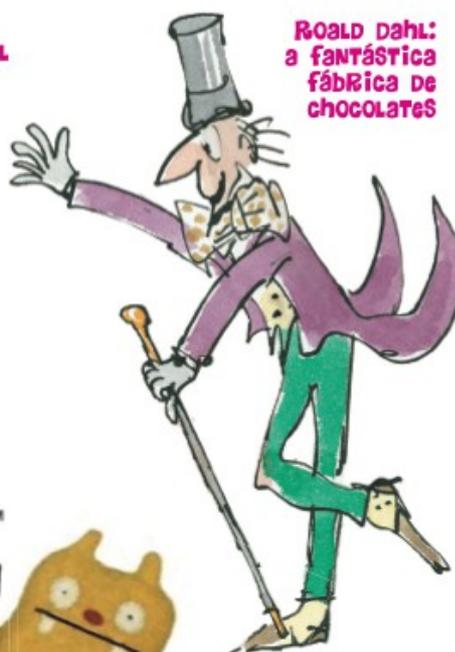
Depois vemos o que acontece!

No final da aula deixei um tema para todos eles: cada um deveria trazer para a próxima aula, dia 31/10, um livro ou letra de música para trabalharmos com desenhos de ilustração. Frisei: sem imagens, precisaremos das palavras. De livros já lidos, de materiais da biblioteca ou letras de músicas. Fiz todos anotarem na agenda para não esquecer. Aliás, isso foi antes de ir para o ateliê! Foi a primeira parte da aula, ainda em sala de aula e após a chamada.

**TURMA AMORA 1B • AULA #9 • 17/10/2013**

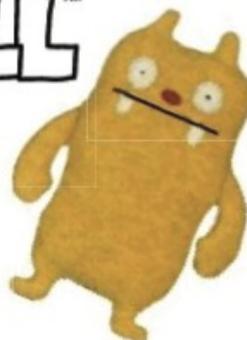


**NORMAN ROCKWELL**



**ROALD DAHL:  
a fantástica  
fábrica de  
chocolates**

**UGLYDOLL™**



**ONE Piece**



**BONE**

E hoje é o grande dia! Hoje é dia de ir com os amoras-loucas para a Bienal. Sim, esse monte de exclamações sugere a euforia que os alunos estão. Sair da escola e ir para outros lugares é sempre divertido, ainda mais com os amigos, ainda mais com toda a patota amoresca do CAP. A professora Aline preparou um material completo sobre as obras e um guia de exploradores muito bem escrito e pensado que você poderá ver em meu portfólio. No entanto, aquela coisa toda de sempre, um clássico escolar: a saída atrasou, alunos sem uniforme atrasaram o grupo maior, trânsito lento e no fim das contas todos saíram perdendo pois o tempo ficou curto. A saída estava programada para 9h mas saímos quase 9h30min e sobrou aproximadamente duas horas para o passeio, incluindo o tempo para lanche.

Grupos de em média 8 alunos foram divididos com todos os professores do projeto Amora, incluindo os estagiários nessa conta. Enquanto eu me organizava com os alunos, outros faziam ameaças do tipo, “Bah sôr, tu me traiu! Por quê não me escolheu para o teu grupo!”. Mas os grupos eram escolhidos pela professora Aline e, curiosamente os que estava comigo eram os garotos mais preguiçosos e bagunceiros e as meninas mais certinhas com melhores notas. Achei justa a curadoria da Sôra Aline.

Durante a visita os alunos tinham um objetivo: fotografar o Bivar e cumprir com uma série de tarefas para preencher seus manuais de exploradores. Como percebi que o material estava mais prejudicando o passeio que agregando, pedi aos alunos que prestassem mais atenção nas obras que propriamente preencher o material. Pedi que guardassem e prometi a eles que eles não iriam tirar uma nota baixa caso não conseguissem responder a todas as questões. O material seria um sucesso se pudéssemos passar o dia inteiro passeando pela Bienal, com calma, sem horário para voltar para a escola e tudo mais. Só depois percebi que o material estava mais preocupado em auxiliar os outros professores dos Amora a entender um pouco mais sobre a Bienal que propriamente ser uma maneira de avaliação para os alunos.

E advinha qual foi o momento mais significativo para os alunos? Sim, a Sala de Invenções Caseiras. Se eu tivesse os levado lá e ficado todo o tempo pirando com os alunos, tenho certeza que teria sido mais proveitoso já que esta se tratou de uma Bienal suspeita e difícil para todos. Mas, entre os xingões dos seguranças, alunos debruçados onde não podia, lulas tocadas e painéis pisoteados e obras cotoveladas, o passeio foi bem divertido. Especialmente quando nos sentamos para fazer o lanche na praça da alfândega. Todos com

suas merendeiras lanchando juntos, conversando com amigos, não como alunos e professores como nosso entendimento costuma propor.

TURMA AMORA 1B • AULA #10 • 22/10/2013



**O bivar NÃO fez Sucesso, Nenhum aliás.  
O que Realmente capturou minha gangue  
de bienal foi a LULA.**

PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

AULA 11 – 31/10/2013

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

*Eixo 2 - Propostas de criação plásticas/visuais, individuais/coletivas;*

E aqui continuamos com o tema que lhes pedi que anotassem na agenda: trazer um livro ou música. Assim, quase que individualmente, iniciei os trabalhos com os alunos. Nesse dia eles tiveram aulas de rabiscos! Esboços, sketches, rascunho ou como queiram chamar. Estudamos o gesto do lápis, mostrei como segurar o lápis de maneira diferente e não aplicar tanta força pra que a folha não se estrague, riscamos muito. Toda a aula foi para pensada para tentar captar alguma ideia ou essência trazida por eles em duas referências musicais ou literárias. Bom, trouxeram até a bíblia para a sala de aula. Não por crença religiosa, para tirar sarro mesmo.

No fim os alunos saíram exaustos do ateliê pois eu os obriguei a pensar e trabalhar sério na atividade. E eles realmente trabalharam e produziram ótimos esboços que finalizaremos na aula seguinte, nossa última aula.

AULA 12 – 07/11/2013

*- Eixo Final: a choradeira*

Eles já estavam alertados que esta seria nossa última aula. Por isso como era para a turma finalizar suas ilustrações, deixei que usassem minhas canetas de nanquim caríssimas, meus lápis de cor aquareláveis e meus pincéis. Tenho muito apego e cuidado dos meus materiais mas isso não significa que não emprestaria aos alunos, pelo contrário, com orientação adequada eles saberão usar tudo perfeitamente, como os meus ajudantes que utilizaram minha máquina fotográfica nas aulas passadas. Então pintamos com os lápis, demos acabamento com as canetas, colocamos água e os alunos fizeram trabalhos excelentes!

Daí, quando tudo parecia ir bem, durante a troca das metades, o grupo que chegou na sala no 2º período entrou fazendo festa para mim. Gritavam “Sôr Leo! Sôr Leo! Sôr Leo!”, me deram chocolates e eu tive o maior arrepio já registrado por um ser humano em meu mundo. Foi lindo demais, emocionante! Me segurei!

Daí, poucos minutos antes do recreio, lá vem a outra metade com mais chocolates e outra carta! Muito afeto, muitos agradecimentos, muita coisa boa me desejaram. Eles foram para o recreio e eu, sozinho no ateliê chorei, chorei, chorei! Fui todo ranhento, soluçando para a sala dos professores e abracei a Simone e a Aline, chorava, chorava. Depois me recompus

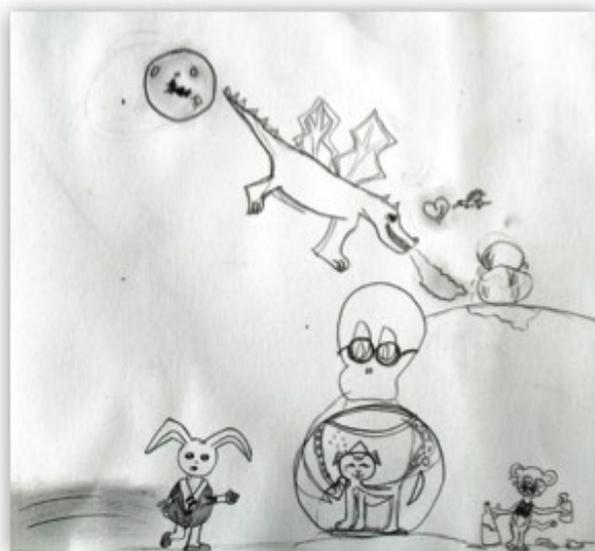
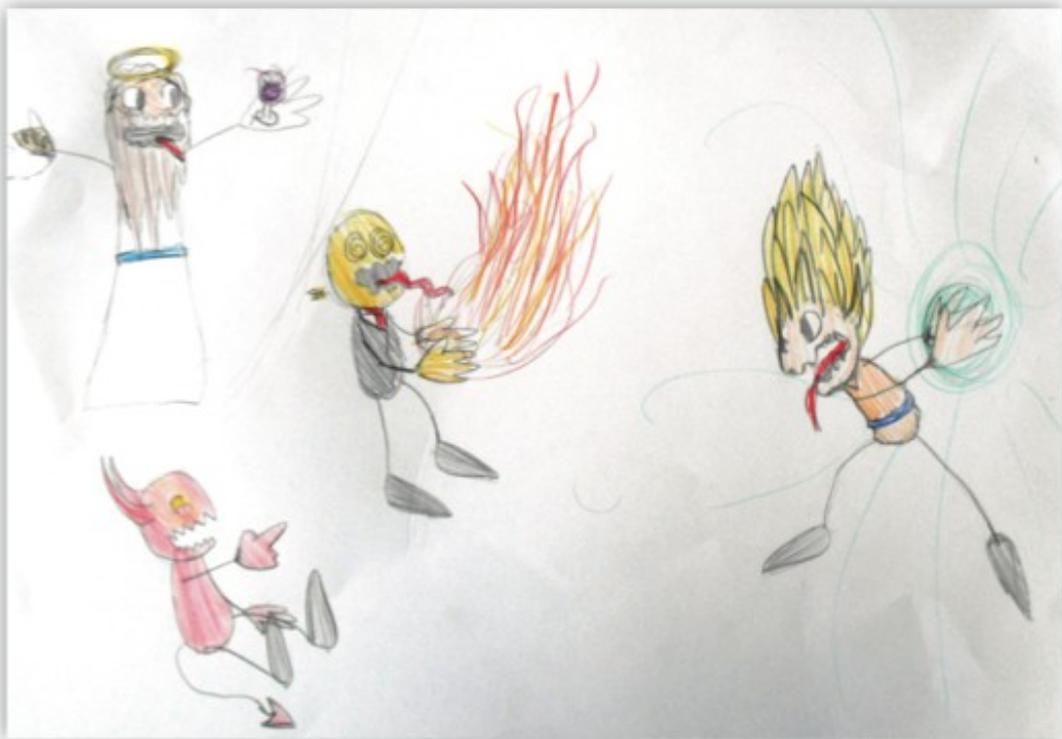
para as aulas da 101 mas, cheguei em casa e me emocionei umas sessenta e sete vezes durante o dia. Tive até dificuldades para dormir; fui pregar os olhos já eram quase 4h da madrugada. Só pensando neles, só lembrando deste dia memorável; um dos mais felizes que já vivi. Sabe aquela sensação de dever cumprido? Pois é, é mais que isso. Bem mais. Pois há afeto, amizade, respeito e admiração envolvido nisso tudo. Ai ai... já apertou o peito de novo.

TURMA AMORA 1B • AULA #11 e 12 • 31/10 E 07/11/2013



**ILUSTRAÇÕES feitas com NOSSA ÚLTIMA atividade.**

PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN



**ILUSTRAÇÕES feitas com NOSSA ÚLTIMA atividade.**

## AVALIAÇÃO AMORA 1B

A avaliação será feita de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo Projeto Amora. São eles:

A avaliação no Projeto Amora acontece em todo momento e a cada atividade realizada junto aos alunos. No entanto, a cada trimestre, formalizamos nossas observações e conclusões sobre as aprendizagens das crianças, através de um parecer descritivo individual. Nosso parecer é composto de três partes: **Visão do Aluno** (o qual contém o roteiro da entrevista realizada e informa aos pais que, em anexo, seguem as respostas e intervenções do professor tutor); **Visão dos Professores** (que contém nossa descrição de como o aluno está-se desenvolvendo em relação a aspectos de relacionamento, de atitudes e comportamentos e de cognição); e **Conselho de Professores** (espaço no qual recomendamos algumas mudanças, fazemos encaminhamentos e combinações com as famílias).

### CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

**PRODUÇÃO PLÁSTICA:** crescimento individual, autonomia, criatividade, conclusão dos trabalhos, acabamento, coerência c/a proposta e exploração de materiais e técnicas.

**PRODUÇÃO TEÓRICA:** espírito investigativo, clareza, justificativa para suas escolhas plásticas, conhecimento teórico (história da arte/alfabetização visual).

**ORGANIZAÇÃO:** cuidado com material próprio, do colega e coletivo, limpeza do local de trabalho, organização dos materiais solicitados.

**COMPORTAMENTO:** prontidão, concentração, respeito ao professor, colegas, estagiários e funcionários.

**PARTICIPAÇÃO:** oral em debates e esclarecimento de dúvidas, nos trabalhos em grupo, em montagens coletivas e em atividades extra-classe/visitas a exposições, assiduidade e pontualidade.

**HABILIDADES:** expressão, observação, percepção, interpretação, capacidade de reflexão e espírito crítico.

## AValiação INDIVIDUAL E CONCEITO FINAL – AMORA 1B

David Malikovski Dubois – Conceito A

O David apresentou significativa revolução em seu aprendizado em artes visuais. Esteve sempre comprometido com as aulas e atendeu positivamente os critérios de avaliação. Piadista nato, sempre brincou em sala de aula com todos inclusive comigo mas de maneira sadia. Um garoto muito dedicado e prestativo às minhas solicitações bem como sempre foi solidário aos seus colegas ao emprestar seus materiais escolares. O David tem uma percepção apurada de seu entorno e nada lhe escapa; sempre quando lhe falei sobre suas soluções plásticas ele esteve atento e buscou melhorar a qualidade estética dos trabalhos que realizou de forma pontual e organizada. Um ótimo exemplo de aluno exercitando seu crescimento pessoal de autonomia e percepção espacial e social.

Denis Rian Netto Alves - Conceito A

O Denis sempre me parece emburrado, mal humorado e triste. No começo não gostava de realizar as atividades propostas mas sempre busquei incentivá-lo oferecendo alternativas. Bom, se ele não gostava dos exemplos ou atividades que oferecia, gostava do que então, perguntava-lhe sempre. Ele ficava mais confuso ainda com a pergunta mas, sabendo de suas preferências por futebol e música funk, pedi que ele trabalhasse com essas expressões em sala de aula. Lhe ajudei com os esboços e o ensinei pessoalmente sobre como utilizar os materiais escolares. E o “boom” de mudanças começou exatamente com a ilustração de um Saci, mascote de seu time do coração, o Internacional. Desde essa aula ele sempre esteve comprometido com todas as atividades e parou de incomodar os colegas, de ficar pedindo seus telefones celulares emprestado para ouvir música. Na visita à Bienal ele conversava com os seguranças do espaço e todos lhe retribuíram sorrisos e afeto. Um amigão! Todo seu mau-humor e tristeza se transformou em atitudes criadoras e autônomas. Aliás, sinto que um grande desenhista poderá surgir se incentivado. Mas necessita proximidade permanente dos professores pois pelas minhas conversas com a Aline e pelo pouco que pude perceber neste curto período de tempo, ele tem sérios problemas em casa. Em nossa última aula ele desenhou um monstro incrível para mim e escreveu, *Sor Léo, até mais*. Queridão!

Denner Gilmar Da Silva - Conceito C

O Denner foi um dos alunos mais problemáticos da sala de aula. Sempre mais interessando em seus bonés novos e suas músicas, frequentemente atrapalhou o andamento da turma e é um grande provocador dos colegas, especialmente da Gabriele. Mesmo quando ela estava quieta e concentrada, o que foi bastante difícil de conseguir, lá estava ele atirando bolas de papel e incomodando ela e todos. Denner se sente superior a seus colegas e apesar de ser um garoto querido com os professores, especialmente com a professora Aline, está sempre implicando com seus colegas e tudo é motivo para gargalhadas e bullying. Um momento que achei muito problemático foi quando, em nossa ida para a Bienal ele fez piadas com o Denis ao falar que o Arroio Dilúvio estava naquele estado de sujeira pelo fato do colega Denis ter entrado na água. Muito dependente, me chamava o tempo todo para perguntar como se fazia a atividade e sempre era o primeiro a falar que havia terminado a atividade. Sua evolução plástica foi quase nula e seu poder de criação e olhar sensível pouco evoluiu durante as aulas. Sua preocupação maior sempre foi atrapalhar as aulas e ouvir música com volume alto. Mesmo assim, com todos os problemas ele mais me pareceu um garoto carente, ciumento e bastante imaturo em relação aos seus colegas. Ele esteve mais preocupado em “mostrar serviço” ao falar sempre na frente dos colegas, “terminei sôr”, ao invés de de fato se envolver e curtir as atividade e propostas.

Eduardo Avila Marcolin – Conceito A

Apesar de um pouco preguiçoso o Dudu demonstrou muita percepção e foi um exímio diletante quando discutíamos sobre seu trabalho. Precisei ficar sempre no pé dele para que trabalhasse mas foi evidente que ele estava atento a tudo e o nível de nossas conversas sempre foi elevado. Um garoto educado, que se expressa muito bem e se posiciona e defende seu trabalho. Não obteve grandes evoluções plásticas mas demonstrou grande aprendizado e positividade em sua autonomia e participação. Muito educado, prestativo e nunca atrapalhou o andamento de nossas aulas.

Fabio Henrique Menezes – Conceito A

Conceito A+ para o Fábio. Dedicado, organizado e atento às aulas. Sempre motivado a aprender mais sobre os temas que desenvolvemos, prestativo, solidário com os colegas, pontual e muito capacitado a desenvolver ainda mais sua autonomia e seus resultados plásticos. Obteve avanços em todos critérios de avaliação e tem ótimo comportamento em

ateliê. Se expressa muito bem e procura por novos resultados plásticos por conta própria.

#### Gabriel Feldens Blaut – Conceito A

O Gabriel deu um grande salto em sua produção plástica. Começou tímido mas aos poucos foi se soltando e cada vez que me convocava tinha um novo problema para resolvermos. Tem bom comportamento e gosta de produzir mediante pensamento e reflexão sobre os passos que vai escolher dar. Nesse sentido pudemos conversar bastante sobre os trabalhos que realizou e nas últimas aulas seus colegas estavam querendo creditar seus trabalhos a mim, não acreditavam que ele havia esboçado o desenho. Até que eu contrariei a todos e disse que sim, os desenhos eram 100% dele. Isso motivou outros colegas como por exemplo, a Roberta, que também explorou com afinco as atividades de nossas aulas.

#### Gabrielle Machado Bampi – Conceito A

Talvez o maior exemplo de carência e falta de afetividade do Amora AB. Nas primeiras aulas sempre brigava com todos, gritava, incomodava e passava a aula implicando e sendo provocada pelo Denner. Com baixa auto-estima, não queria realizar as atividades. Quando eu sentei perto dela, conversamos e comecei a ajudá-la de perto mudou completamente suas atitudes. Passou a produzir quieta e quando tinha algum ataque era geralmente o Denner que estava por perto. Logo eu precisava redobrar com estes dois. A grande diferença é que a Gabrielle produziu bastante, tirou dúvidas, pedia ajuda e opinião e desde meus tempos de observação, quando auxiliei a professora Aline em algumas atividades era claro que ela tinha muita capacidade de produção mas, para isso, foi fundamental a proximidade de nós professores. Ainda que briguenta, desaforada e cheio de palavrões na ponta a língua, sua revolução foi muito positiva e significativa, especialmente para uma aluna que tem um olhar muito triste e se defende do que nem faz ideia atacando com o que não sabe. Mas por todas as respostas que ela deu em sala de aula, merece conceito A.

#### Gabrielly Machado Da Silva Dos Santos – Conceito A

Muito cuidadosa com o material escolar, educada, leve e divertida. Sempre atenta às atividades a Gabrielly foi muito bem em todas as aulas e atendeu positivamente aos critérios de avaliação. Organizada, comportada e sempre ficava para ajudar na limpeza do eteliê.

Quando chamava para pedir ajuda tinha algum problema lhe intrigando e quando eu lhe devolvia a resposta dos problemas com outra pergunta ela sorria com uma cara de “tu só pode ser louco mas eu vou entrar na tua onda”. Grande parceria em sala de aula!

Giuseppe Anthony Lanzioti Moraes Prazer - Conceito B

Só ganhou B porque atrapalhou as aulas dezenas de vezes. Fora isso, o Giuseppe foi um grande parceiro em sala de aula e talvez um dos primeiros alunos que se identificaram comigo, especialmente quando levei para a sala de aula meus bonecos do Dragon Ball Z e conversava com ele sobre os mangás e animes que tanto gostamos. Quando ele foi autorizado a explorar seus desenhos com suas referências de personagens ele se sentiu mais à vontade para produzir. Um criador nato. Inventava piadas e bobagens o tempo todo. É sagaz, tem pensamento rápido, está sempre sorrindo e contando história. Sua autonomia está tão desenvolvida que precisei diversas vezes fazê-lo abrir sua pasta e produzir, senão, ficava de papo o tempo todo. Então nesse sentido, ele perdeu de desenvolver um pouco mais seus desenhos e qualidade plástica dos trabalhos.

Henrique Dias Zenatti - Conceito A

Sempre ficava furioso comigo por eu confundi-lo com o Fábio. E não é pra menos. Vou copiar e colar o conceito do Fábio aqui pois estes dois foram alunos incríveis em ateliê. *Conceito A+ para o Henrique. Dedicado, organizado e atento às aulas. Sempre motivado a aprender mais sobre os temas que desenvolvemos, prestativo, solidário com os colegas, pontual e muito capacitado a desenvolver ainda mais sua autonomia e seus resultados plásticos. Obteve avanços em todos critérios de avaliação e tem ótimo comportamento em ateliê. Se expressa muito bem e procura por novos resultados plásticos por conta própria.* O itálico é tudo que copiei do Fábio. E faz sentido. O Henrique está sempre atento e todos os dias chegava em sala de aula com algum desenho ou toy art ou brinquedo. Está sempre fuçando em algo, buscando novas ideias, novas leituras, novos jogos, novos filmes. Um investigador estético por excelência! Um perguntador sagaz, cheio de dúvidas, indagações e questões muito inteligentes. Grande parceiro das aulas também, querido, educado e engraçado.

#### Jose Dieguez De Oliveira Correa Da Cunha - Conceito A

No começo das aulas estava meio apagado, inseguro, brabo comigo. Aos poucos foi se soltando e seus trabalhos e sua criação plástica cresceram vertiginosamente. Um garoto muito organizado, comportado e que só perdia o controle com as implicâncias do Guisepe no começo de nossas aulas, nas minhas primeiras semanas. Depois que eles se acertaram e os ânimos se apaziguaram tudo ficou mais fácil, para os dois. No entanto, a produção do José foi uma de minhas grande surpresas e felicidades do semestre. Muito caprichoso e empenhado em seus trabalhos não se dava por vencido quando eu questionava ou criticava o andamento de suas atividades. Ainda precisa melhorar sua auto-estima e autonomia pois é um pouco inseguro e, enquanto eu não o aprovava e pedia que seguisse adiante ele ficava empacado me aguardando, ansioso.

#### Juliah Barbosa Medeiros – Conceito A

Essa sofreu comigo. Ficava o tempo todo pedindo: sôr, faz isso pra mim. Sôr faz aquilo. Sôr, pega/guarda minha pasta. Sôr posso ir no banheiro, sôr, sôr, sôr. E o que ela recebeu? Um monte de não! Não e não e não! Ela ficava louca comigo! Braba! Até que a venci no cansaço e ela passou a produzir e andar sozinha já que eu não a pegaria pela mão, não como ela pedia. Me pareceu uma garota mimada e que ao mesmo tempo sabe fazer as coisas por conta própria. Não faz por malandragem, prefere pedir para os outros sempre. Mas ganha um belo A pois trabalhou bastante e sempre se empenhou em fazer bons trabalhos. Suas criações foram sempre caprichosas e é muito organizada e atrapalhava as aulas. Algumas vezes tive que ameaçar que ia recolher seu tablet mas, fora isso, foi muito bem nas aulas e evoluiu bastante.

#### Kauan Da Silva Amaral - Conceito C

Não fez praticamente nada durante todas as aulas. Chegou atrasado muitas vezes, estava sempre com sono e raramente abria sua pasta. Aos poucos foi se aproximando de mim mas sempre esteve muito desmotivado e todo e qualquer pedido pareciam soar como ordem ou culpa para cima dele. Não sei como ele vai nas outras matérias mas eu tentei me aproximar de várias maneiras dele e nada. Por exemplo, ele geralmente estava próximo do David e, no começo, como falei antes, sempre emburrado, meio distante. O David comprou a ideia e passou a produzir e se envolver. Já o Kauan foi bem difícil. Este merece atenção redobrada pois sua preguiça e desânimo me pareceram acima do que vejo nos outros alunos. Tudo

sempre foi motivo de reclamações ou se sentir perseguido. Menos mal que não atrapalhava os outros colegas.

Lais Lopes De Souza - Conceito A

Talvez uma das alunas que mais tenha evoluído seus desenhos, autonomia e todos os critérios de avaliação. Fala pouco, ouve muito e produz mais ainda! A cada trabalho que a Laís realizava uma nova surpresa, uma novo resultado plástico, uma nova maneira de criar a partir das ferramentas, tarefas e instruções que eu lhes passava. Só me chamava para ajudá-la a pensar em novas respostas para velhos problemas. Não gosto de comparar os alunos mas sem dúvida se eu tivesse que atribuir somente um destaque para algum indivíduo do Amora 1b, sem dúvida seria para ela. Inconformada nata conseguiu atravessar todas as atividades com seu olhar que é muito apurado. Comprometida com as aulas sempre fez todas as atividades buscando resultados além dos que eu os solicitava. Dava para ver ela se divertindo ao criar seus trabalhos e, além de tudo isso, sabe trabalhar muito bem sozinha, em duplas ou em trios. Mandou muito bem no semestre! A++!

Larissa Andrea Dos Santos Ribeiro - Conceito A

Da turma das alunas quietas e que produziram bastante. Estava sempre por perto da Laís. Aliás, turminha boa essa de artistas: Laís, Larissa, Marta, Rafaela e Stefani. No entanto, a Laís, Marta e Larissa foram as mais comprometidas em criar ao invés de copiar as referências. A Larissa explorou bastante suas criações e teve avanços muito interessantes em sua produção e exploração plástica. E jamais atrapalhou a aula, sempre atenciosa com os colegas, ajudava na limpeza do ateliê e cuidava do material e da organização do espaço. É tão quietinha que é até difícil falar dela.

Leandro Castello Eltz - Conceito A

Um grande aluno! Comprometido, pilhado, animado, prestativo, educado e muito inteligente. Quando dei minha aula sobre veículos espaciais para irmos para a Lua, parte da preparação para a nossa visita à Bienal, ele sabia sobre as conspirações que iria falar, disse que havia feito iniciação científica onde pesquisara sobre a Lua. Perguntei se ele gostaria de dar uma aula sobre o assunto e ele arrasou! Falou sobre a Guerra Fria, conspirações, corrida espacial, tudo. Foi genial! E o Leandro é outro inquieto, sempre inventando moda, criando

novas alternativas plásticas para seus problemas. E desde as aulas que observei até as aulas finais que lecionei, ele sempre se envolveu cada vez mais e mais com a arte. Gosta muito de arte, desenhos e possui muitas referências de imagens. Costuma ajudar os colegas e é agradável e querido com todos. Um grande parceiro de sala de aula. Foi meu fotógrafo e registrou a nossa montagem da exposição *Bichos*, no saguão do CAP.

Luisa Noronha De Almeida - Conceito A

A Luisa foi outra boa surpresa do Ateliê Sol. Se esforçou bastante para entender que quando estamos desenhando, pintando ou seja lá o que for, estamos ocupando o espaço, estudando a folha e para isso precisamos olhar com atenção, pensar e esboçar. Ela foi uma das alunas do Amora 1B que também deu um salto muito consistente em seu pensamento espacial e compositivo. Se esforçou bastante para entender os processos do desenho, o esboço e após nossas conversas sobre suas referências nas aulas finais sobre ilustração, ela conseguiu executar o esboço, o traçado da linha e a pintura do desenho. Como não leva desaforo para casa, sempre que alguém mexia com ela ou vinha atrapalhar, ficava furiosa. Fez um excelente trabalho e participou ativamente das aulas, sem preguiça, organizada e dedicada.

Maria Eduarda Martins Laureano - Conceito A

A Maria Eduarda é um dos meus grandes orgulhos da Amora 1B, especialmente pela questão da autonomia que ela desenvolveu no decorrer das aulas. No começo era só tristeza, cara emburrada, e vontade nenhuma de desenhar. Em nossa primeira atividade, na elaboração dos planos a partir das figurinhas ela não estava nem um pouco afim de desenhar. Colou cartesianamente as figurinhas e esboçou algumas palavras. Eu a incentivei a escrever então. Quando li seu texto fiquei muito feliz com o resultado e a motivei a escrever. Ela concordou. Eis que em nossa atividade final, de ilustração lá estava ela novamente estática olhando para a folha. E cada vez que eu passava por ela enchia o saco dela, pilhava e cobrava seu desenho. Eu sabia que ela não queria desenhar mas desta vez eu esperava uma reação. E lá pela quinta ou sexta vez ela já com a paciência esgotada quase me bateu, furiosa: “SÔR, TU SABE QUE EU ODEIO DESENHAR! EU GOSTO MESMO É DE ESCREVER!!!!”. Então, feliz da vida, conversei com ela sobre imagens descritivas, pedi que escrevesse uma imagem, que transmitisse os cheiros, os olhares, as formas da ilustração em forma de palavras. Ela até iniciou os trabalhos mas, com tempo curto e aula agitada confesso que é difícil para qualquer

um escrever. Um A merecido!

Marta Diegues Backes – Conceito A

Muito querida, esperta e envolvida com a criação e exploração dos materiais. Uma acumuladora de técnicas. Cada vez que ela aprende algo, e isso vem desde as aulas com lápis 6B no início do ano, ela sempre agrega todos aprendizados aos novos trabalhos. É evidente que ela se diverte com as atividades e procura sempre novos desafios. E é uma grande desenhista, tomara que continue a desenhar! E como também é da turma que prefere escutar e trabalhar a falar, quando me convocava para ver seus trabalhos queria minha opinião, raramente pedia algum tipo de ajuda. Organizada, envolvida com a aula, sempre de bom humor.

Natalya Pajares Lau – Conceito B

A Natalya poderia ter se envolvido muito mais nas aulas mas preferia, em geral, ficar com seu tablet e telefone celular. Chamei a atenção dela dezenas de vezes, pedia sempre para trabalhar e ela mais fingiu que trabalhou do que de fato se compenetrrou e fez as suas obrigações. Dispersa costumava levar seus colegas para um ótimo papo ou letra de música. Estava em geral, com suas tarefas atrasadas e mais preocupada com o fã clube do Dudu. Aliás, um dos melhores trabalhos que ele fez desapareceu e ao que tudo indica pode ser obra da Natalya. Que sarro isso. Mais engraçado ainda é a cara de vergonha do Dudu. :)

Paulo Henrique Brito Chalmes - Conceito A

Um super-aluno! Muito envolvido com a aula e, pelo que percebi, com as outras matérias também. Sempre lendo, sempre desenhando, criando ideias e muito preocupado e dar sempre o seu melhor. Seu desenho evoluiu muito nas aulas. Cada vez mais ele se expressa melhor, compreende mais os assuntos mais diversos e é muito autônomo, sempre evita os modismos e parece que já adquiriu um grande senso crítico em relação às atitudes de seus colegas. Sua forma de se expressar e as palavras que ele utiliza já demonstram que é um garoto de lê, questiona, pergunta e se envolve. Umas duas ou três aulas ele, o Leandro e o Henrique ficavam comigo no início do recreio me enchendo de perguntas sobre minha profissão de ilustrador e designer. A+ para o Paulo também! Baita liderança do Amora 1B.

## Pedro Biase Giordano Jardim – Conceito A

Que guri incrível esse! Mas essa adolescência, hein? Deixa todo mundo perdido, inseguro e ainda por cima incrédulos! O Pedro fez cada trabalho, um melhor que o outro. Cada desenho, pintura, ideia, uma melhor que a outra. Sempre explorando e criando. Mas sempre querendo jogar fora os trabalhos pois achava tudo péssimo. Eu tentava discutir e nada. Uma hora ele veio com outro desenho maravilhoso e disse “Sôr, olha isso. Tá uma droga, posso jogar fora?”. Disse que sim e ele jogou no lixo e se sentou. Fui no lixo peguei o desenho dele e levei pra mesa e o ameacei: “Chega de frescura, cara! Vamos deixar estes desenhos mais legais do que realmente são!”. Disse que precisava ter calma e ir explorando o desenho e a pintura. E ele o fez! Inclusive ele fez uma pintura genial de retrato que, na última aula vi rolando pelo ateliê e que guardei em sua pasta e, na saída da aula, perto do almoço o avisei o que tinha feito. Ele me ofereceu o trabalho mas neguei, disse que há havia fotografado e que era importante ele ir juntando estes desenhos. Inclusive mostrei a foto para ele na máquina fotográfica. Ele é craque! Só sofre de adolescentite mesmo.

## Pedro Gabriel Estrazulas Dos Santos - Conceito B

O Pedro no início das nossas aulas ficava quieto, olhando para os lados, conversando com o Rian seu amigo inseparável, ao menos nas aulas de arte. Aliás, ele e o Rian ficavam sempre me olhando, demoravam para abrir as pastas e estavam sempre desanimados, desmotivados. Conforme eu fui me aproximando e provocando, pedindo para que produzissem e dando ideias e possibilidades ele começou a se soltar e a ficar mais animado. O grande salto dele foi em uma aula que ofereci um vídeo da dupla de artistas suíços Peter Fischli e David Weiss, *The Way Things Go* – 1987. Nesse dia ele enlouqueceu com o vídeo e me ensinou que uma aula de artes deve ir muito além das atividades práticas, que às vezes um aluno precisa ser capturado por outros meios. A partir daí ele passou a se motivar mais e resolveu produzir e entrar no ritmo da turma. Mesmo assim, estava sempre mais envolvido com a construção de seus aviões de papel. Chegou a me perguntar se eu sabia algo sobre Origami e em uma aula ele chegou a esboçar desenhos de aviões de papel. Foi uma mudança muito importante em sua trajetória nas aulas se tratando de questões de comportamento, participação e demonstração de habilidades. Ele não gosta muito desenhar mas gosta de objetos, dobraduras e outros problemas. Mas talvez o mais importante em sua avaliação é que ele passou a sorrir e passou a se interessar pelas aulas, por isso B.

#### Rafaella Pereira Argimon – Conceito A

A Rafa é também joga no time das alunas trabalhadoras e esforçadas. Dá para ver o quanto ela gosta das aulas de artes, como se motiva com as atividades e como sempre buscar explorar seus conhecimentos em novas atividades. Muito organizada, com todas as atividades e trabalhos em dia e com ótimo comportamento em sala de aula, a Rafa está sempre empenhada em fazer bons trabalhos.

#### Rian Leonardo De Oliveira Alves – Conceito A

Basicamente os mesmos problemas do Pedro Gabriel mas, depois que ele se motivou, passou a produzir desenhos incríveis enquanto o Pedro dobrava aviões. Explorou novas possibilidades e na aula de ilustrações se empenhou em criar uma bela ilustração. Mesmo que basicamente copiando uma figura do livro Diário de Um Banana, ele ousou na hora de pintar e reinventar o traçado da ilustração. Foi uma de minhas grandes vitórias em sala de aula. Uma mudança radical de comportamento entre a primeira e a última aula.

#### Ricardo Fattore Serres – Conceito A

O Ricardo é um dos alunos que mais empenhados nas aulas de artes. Lê muito, joga bastante video-game, sempre traz ótimas revistas em quadrinhos e tem ótimas ideias para as aulas de artes e suas criações. Teve grandes evoluções em sua produção plástica e ganhou aulas sobre anatomia humana quando quis desenhar um personagem de um jogo e teve dificuldades. Sempre trouxe ideias e referências para a aula de artes e, junto com o Vitor, estão sempre discutindo sobre novas histórias, filmes, e novas referências do mundo pop midiático. Se expressa muito bem e sempre resolveu seus problemas na sala através do diálogo inteligente ao invés do bullying. Quando fez algumas piadas muitos colegas não entenderam do que se tratava, apenas o Vitor, o Pedro Henrique e o Leandro riram. Muito educado, ajuda os colegas, está sempre numa boa com todos.

#### Roberta Soares De Morales – Conceito A

A Roberta é uma ótima aluna, comportada, dedicada e participativa. Durante o período de nossas aulas tenho a impressão que ela foi capturada por alguma banda de rock pois nas últimas aulas estava toda vestida de preto, maquiagem preta e fazendo desenhos

completamente rock'n'roll. Ou seja, seu desenho, postura e modo de agir mudaram durante as aulas. Ela passou e bagunçar menos, ficou mais atenta, mais séria com os trabalhos. Sempre próxima do Gabriel Feldens, os dois trabalharam e evoluíram juntos os seus desenhos. Como os dois estavam sempre trabalhando, quando eu ia orientar um deles pedia para que o outro, próximo, prestasse atenção pois as ideias valiam para todos.

#### Stefani Rodrigues Caloni Oliveira - Conceito A

A Stefani recebe A pois é muito dedicada, fez todas as atividades, não faltou às aulas e produziu bastante. Mesmo assim, ela precisa desenvolver bastante sua autonomia e criação. Precisei insistir bastante para que ela não copiasse os trabalhos dos colegas ou de suas referências. Ainda é muito insegura e fica desesperada se não tiver uma objetivo expreso e muito claro. Ela ainda opera de maneira muito literal: se eu dou um exemplo para ela, é o exemplo que ela utilizará. Mais leitura iria ajudá-la bastante.

#### Thales Willer Bueno – Conceito B

Um dos grandes desenhistas da sala mas preguiçoso e bagunceiro até demais. É um grande copiadador de desenhos mas, quando precisa criar e inventar coisas novas, se sente inseguro e volta para a zoeira. Está sempre correndo, mexendo com os colegas, rindo ou sonolento. Precisa melhorar e muito seu comportamento e se concentrar em suas atividades. Sua criação e subjetividade precisam ser estimuladas caso contrário suas habilidades com o desenho, que são incríveis, poderão se perder.

#### Vitor Castro Garcia – Conceito A

Outro grande desenhista do Amora 1b. Mas um aluno que lê muito que se envolve com a criação e que já desenvolveu olhar crítico para os seus trabalhos e de outros também, sejam seus colegas ou mesmo os artistas que gosta de ler em seus quadrinhos. Conversamos bastante e discutimos muitas técnicas. Durante as aulas ele comprou um caderninho de esboços, lapiseiras e canetas novas, mas nunca me mostrava. Quem o dedurava era sempre o Ricardo que me avisava de suas aquisições. Um grande cara, empenhado, atento, se expressa muito bem, lê bastante e já compreende a importância disso tudo em sua vida. Gosta não só de desenhar mas como também colocar ideias, roteiros e narrativas em seus desenhos. Sempre

com muito humor e sacadas sagazes! Preparem-se pois ele será um monstro do desenho em alguns anos! Tomara que jamais pare de desenhar e continue lendo bastante, sempre atento, organizado, dedicado, amigo e querido por seus colegas.

DIÁRIO DE BORDO – TURMA 101

PROJETO DE ENSINO A.C.M.E.: Arte Contracultura Mediação Ensino

Colégio de Aplicação UFRGS – 2013/02

Turma: 101 – 2º Ano - Ensino Médio – Artes Visuais

Horário: Quinta-feira 10h40min – 12h15min • Professora: Simone Fogazzi

Estagiário: Leonardo Garbin – Licenciatura em Artes Visuais

AULA 1 – 15/08/2013

O que foi planejado?

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

Roteiro

- Apresentação do professor Leo Garbin aos alunos: da onde vem, do que se alimenta, o que costuma fazer.
- Introdução ao tema Arte e Contracultura contextualizado nas recentes manifestações que estão ocorrendo no Brasil;
- Apresentação das obras: *Quem matou Herzog*, de Cildo Meireles; *Seja Marginal, seja herói*, de Hélio Oiticica;
- Tema: a partir da pergunta *O que faz a arte?*, discutir em duplas ou trios e trazer para a aula do dia 05/09/2013 uma ideia ou tema para trabalhar em sala de aula. Exemplos: *consumismo, censura no século XXI, revolução dos bits, música de protesto, a rua, bicicleta VS carros, fome, escravidão contemporânea, machismo, homofobia, racismo, a religião e estado laico.*

O que aconteceu?

Quem iniciou a fala nesta aula foi a professora Simone Fogazzi orientando os alunos da turma 101 que quem assumiria a turma a partir deste dia e durante pelo menos mais dez encontros seria eu. Comecei fazendo a chamada e fiz uma breve apresentação pessoal onde falei não só de alguns pontos de minha trajetória acadêmica, mas também do trabalho que exerço em ateliê - pintura, escultura e cerâmica – e de design gráfico. Apresentei aos alunos três *sketch-books*, capas de discos de minha autoria e outras peças gráficas.

Um comentário importante sobre estes primeiro momento tem relação com os primeiros minutos de aula quando estava sentado fazendo a chamada. Comecei a me sentir

preso e minha apresentação estava cada vez mais rígida. Somente quando levantei da cadeira e continuei a apresentação pelo ateliê, circulando pelo espaço e percebendo o que os alunos estavam bisbilhotando de minhas produções pude ficar mais relaxado e a aula em geral ficou mais leve. Mesmo assim os alunos continuavam ali sentados; ninguém se levantou ou circulou em torno do material apresentado. Seriam estes materiais chatos, nada interessantes, sem graça? Não creio. Creio que a escola ainda é um ambiente que estabelece relações de poder; poucos ousam a levantar, caminhar livremente pelo ateliê de arte. Como trabalharei isso ainda não sei, mas é algo para se pensar.

Sempre de olho no relógio, percebi que o tempo opera de outra maneira em sala de aula. Se os alunos estão concentrados em alguma atividade, o tempo voa. Se estão como ouvintes, o tempo é lento, seus rostos se deformam para um ar incansável e é possível ver balões de pensamento sobre suas cabeças dizendo “Ai que saco... sério? Não brinca?”. Essa é a famigerada indisposição adolescente, sempre com o olhar julgador, semideprimido e louco para dar um passeio pelos corredores da escola. Sempre há um aluno que mal volta do recreio e já está apertado, pedindo para ir ao banheiro.

Alguns dias antes durante a preparação desta aula, imprimi as imagens das obras de Cildo Meireles e Hélio Oiticica citadas no plano de ensino em alta-resolução, folhas A3 e em papel couchê 300g para que estas durem e sirvam para aulas futuras. Além destas obras levei para os alunos o livro do artista e grafiteiro Banksy; a história em quadrinhos Palestina, do quadrinista e jornalista Joe Sacco e o encarte da banda Dead Kennedys, trabalho de colagem do artista norte-americano, Winston Smith. No dia 14 de Agosto, na véspera da aula, foi o aniversário de um mês do desaparecimento do morador da Favela da Rocinha/RJ e servente de pedreiro, Amarildo de Souza. Pensei comigo que esta poderia ser uma ótima maneira de iniciar a conversa com a turma, falar sobre o tema Arte e Contracultura e as maneiras que as ações dos artistas podem operar frente à vida.

Não obtive muito sucesso pois os alunos não sabiam quem era o “aniversariante” e estavam um pouco distantes das recentes manifestações estudantis - Bloco de Lutas, Movimento Passe Livre e outros – bem como não pareciam muito preocupados com alguma luta ou causa pessoal ou coletiva. Assim, busquei contextualizar o conteúdo de arte e falei um pouco sobre Cildo Meireles e Vladimir Herzog, Hélio Oiticica e sua homenagem a Cara-de-Cavalo. Comentei que era legal de vez em quando ler alguma jornal, revista ou assistir telejornais pois estes eventos certamente serão cobrados no vestibular logo adiante. Nesse exato momento me senti algo estranho, difícil de explicar pois quando tinha a idade deles também não estava preocupado com estes assuntos.

O livro Banksy foi um sucesso com os alunos, especialmente pela possibilidade de fazermos estêncil e trabalhos relacionados à arte-urbana e a ocupação de espaços da escola, por exemplo. A professora Simone que estava por perto e atenta à minha fala, interferiu e disse que seria possível fazermos algo do gênero pelos espaços da escola mas existem restrições. Assim, a discussão sobre arte e contracultura prosseguiu e solicitei aos alunos que escrevessem um breve parágrafo para responderem à pergunta “O que faz a arte?”. Deixei claro para eles que não estava perguntando “o que é arte?” e tampouco “para que serve a arte?”. A discussão que levantei é outra.

Em alguns minutos eles responderam à pergunta e entregaram a atividade. Nesse exato momento surgiu meu primeiro tropeço em sala de aula pois ainda faltavam cerca de trinta minutos para o término da aula e eu não tinha um *plano b* consistente. Felizmente o imprevisto aconteceu ao meu favor. Pedi que lessem suas escrituras a respeito da pergunta. Conforme os alunos liam suas discretas linhas íamos debatendo. Em casa, “corrigi” os textos. Não dei chance para os erros de português e optei por utilizar a caneta preta para apreensão ao invés da famigerada e clássica censora que dá tanto zero quanto dez, caneta de tinta vermelha. Fiz apontamentos nos textos em forma de questões. Quando os alunos afirmavam que a arte faz que as pessoas pensem, perguntei se isso sempre acontece. Quando escreveram que a arte faz críticas à sociedade, perguntei quais. Quando a arte provoca pensamentos fora do normal e estranhamento (esta palavra deve ter vindo das aulas de arte), perguntei quem pode definir o que é normal; no caso do pensamento, um psiquiatra?

Após a leitura dos textos e baseado no plano de ensino, avaliei individualmente os textos e a participação que tiveram em sala de aula. Sem a atenção devida é fácil cometer injustiça na hora de avaliar os alunos. Estava lendo os textos e, dentro dos dez eixos de atividades e critérios que estipulei, estava atribuindo notas apenas por conta dos textos quando me dei conta que um dos alunos que escrevem mal e porcamente seu texto participou ativamente da aula. Atenção, sôr!

Voltando para a sala de aula, formamos os grupos de trabalho, em duplas ou individuais e o tema para o dia 29/08 será captar alguma imagem pela rua que de alguma forma dialogue com alguma linguagem artística e inserida num contexto de contracultura ou contestação. Na aula seguinte irão assistir ao filme *Exit Through The Gift Shop*, do artista Banksy. Pedi para que chegassem cedo para dar tempo de ver todo o filme.

No final da aula em conversa com a profa. Simone, ela disse que fui bem e percebeu que eu me perdi no tempo mas que o imprevisto funcionou. Em seguida ela abriu uma gaveta enorme de uma das mapotecas e lá havia dezenas de revistas. Prontamente ela elaborou uma

atividade de colagem que facilmente poderia absorver o conteúdo de contracultura que estou explorando; especialmente por ter levado para sala de aula o encarte do Dead Kennedys, com as colagens raivosas de Winston Smith. Ah, os anos de experiência!

**TURMA 101 • AULA #1 • 15/08/2013**



Acima, dois auto-retratos do sôr Leo Garbin que estão no sketchbooks apresentados aos alunos.

## **O QUÊ FAZ A ARTE?**

Abaixo, lâmina impressa em A3 para iniciar o tema sobre contracultura.



**PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN**

AULA 2 – 22/08/2013

O que foi planejado?

*Eixo 1 - Projeção de filme. Necessita projetor multimídia.*

Roteiro

- FILME: *Exit through the gift shop, 2007 - 87min.*, documentário dirigido pelo artista inglês Banksy; o filme aborda a Arte, especialmente a *Street Art*, a figura do artista, galeristas e compradores e o Mercado/Sistema de Arte e seus compradores e colecionadores, todos atentos às novas transformações do cenário artístico mundial; a maneira como o filme aborda as obras e ações dos artistas impossibilita-nos saber a veracidade dos fatos.
- O filme é complemento para ajudar a responder a pergunta *O que faz a arte?*, e também uma maneira de indicar processos criativos para executar as ideias que serão executadas em ateliê.

O que aconteceu?

Preparei antes da exibição do filme um breve roteiro de perguntas e pontos que gostaria que os alunos percebessem no filme(também foi dica da Simone). As perguntas foram as seguintes:

- Existem relações entre arte-urbana e a publicidade, quais?
- A arte pode entrar à força em nossas vidas?
- Quem eram os consumidores do filme e como isso aconteceu?
- Afinal, que contracultura acabamos de presenciar nesse filme?
- O que lhe chamou mais atenção ou provocou no filme?

Durante o intervalo, após minha estreia com a sagaz Amora 1b, ainda tomado pela adrenalina e pelos atravessamentos dos pequenos do 6º ano, corri feito doido para poder tomar café, comer algo, ir ao banheiro, calibrar a garrafa d'água, roubar o *T* (benjamim ou adaptador de tomadas) do forno de micro-ondas e instalar tudo. Levei meu *notebook* para agilizar o processo e evitar surpresas ou incompatibilidade com o arquivo do vídeo.

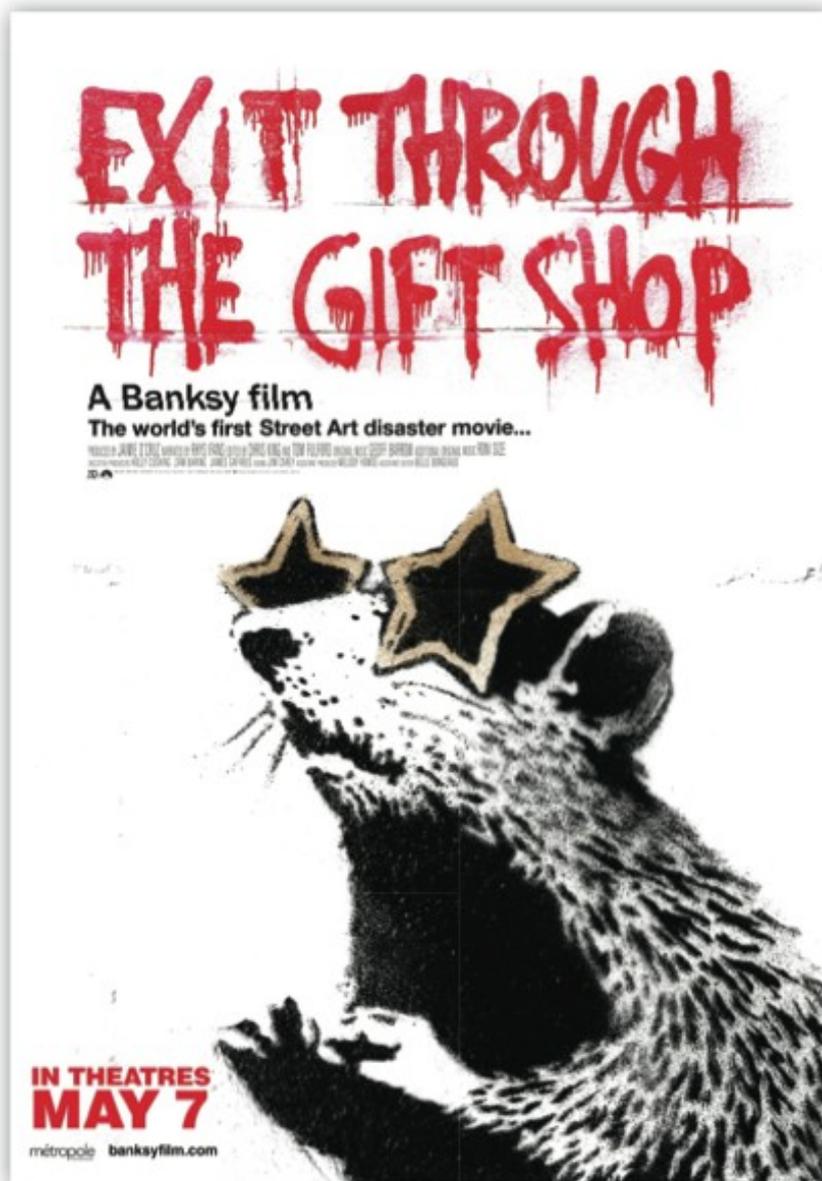
Esta foi minha primeira aula sozinho com a turma. A professora Simone estava em um encontro de pesquisadores e arte-educadores em Natal/RN. Digo isto pois no início da aula

apareceram duas alunas que gostariam de assistir aulas de artes ao invés de música. Como sei que há burocracias para isso, pedi para que retornassem para a aula de música pois não posso autorizar estas trocas. As alunas dependem de cartas por escrito sobre suas intenções com a aula de arte e há prazo para isso. Talvez elas voltem na semana seguinte se a profa. Simone autorizar. Por mim tudo bem.

Passei o roteiro para os alunos e mesmo assim o início do filme atrasou alguns minutos. Assistimos o filme e em alguns momentos pausei rapidamente para algum comentário. No final da aula pedi aos alunos que faltaram na primeira aula que escrevessem sobre a pergunta da Aula 1, *O que faz a Arte?*, e reiterarei que deveria trazer a foto, a captura de alguma intervenção urbana pois no dia 29 de agosto iniciaremos nosso projeto de Arte e Contracultura.

Antes de encerrar o dia não poderei deixar de fazer alguns comentários sobre nossa sessão de cinema. Sessão de cinema? Quem dera. Que coisa mais horrível é assistir um filme em uma sala, e isso vale para qualquer sala do CAP e provavelmente para qualquer sala de aula ou ateliê de escola pública. Um projetor multimídia só funciona bem sem ou com pouca luz no ambiente. Por sorte o dia estava muito nublado mas, mesmo assim, quando o sol arriscava uma fuga das nuvens, a projeção ficava péssima. Que bom que a turma é pequena e muitos ficaram acompanhando o filme direto na tela do notebook. E o som lamentável? Computadores pessoais são mesmo pessoais e o som de seus auto-falantes, mais ainda. As caixas de som que o CAP disponibilizou são piores e fazem menos barulho que uma colmeia abandonada. Ou seja: projeção de má-qualidade e som sem-vergonha é igual a alunos sonolentos. Não afeta ninguém como deveria; ou como acho que poderia afetar. Tenho certeza que se estivesse passando um *blockbuster* épico, cheio de ação e efeitos especiais, daria no mesmo. Em plena era das reproduções em *HD*, alta-definição, e sistemas de som poderosos, cheio de graves e *surround*, fico até com vergonha de voltar a passar qualquer vídeo ou som para os alunos. Aliás, na aula que vem perguntarei a eles se alguma vez eles já reivindicaram televisores e sistema de som *super-ultra-mega-power* para que as aulas fiquem mais interessantes. Pergunta super-tendenciosa pois sei que há integrantes do grêmio estudantil na turma.

Capa do filme, *Exit through the gift shop* - 2010, do artista inglês, Banksy.



**PERGUNTAS  
ROTEIRO  
GUIA**

- Existem relações entre arte-urbana e a publicidade, quais?
- A arte pode entrar à força em nossas vidas?
- Quem eram os consumidores do filme e como isso aconteceu?
- Afinal, que contracultura acabamos de presenciar nesse filme?
- O que lhe chamou mais atenção ou provocou no filme?

AULA 3– 29/08/2013

O que foi planejado:

### *Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê*

#### Roteiro

- Orientação às duplas ou trios sobre o processo criativo e interferência nas ações da turma através de perguntas e apresentações das referências;
- Alunos e alunas deverão percorrer o ateliê para ver o que seus colegas estão fazendo afim de dialogar, apreender ideias e desconstruir outras;
- O ateliê deverá ser entregue limpo no final da aula. Para isso, os dez minutos finais serão para limpeza e organização do mesmo.

O que aconteceu?

Minhas impressões estavam um pouco equivocadas. Por pior que possa ter sido a exibição do filme os alunos realmente gostaram de *Exit Through The Gift Shop*, filme escrito e dirigido pelo artista Banksy. Mal começou a aula e me perguntaram se havia trazido o notebook pois queriam copiá-lo. Fiquei feliz, aliviado e prometi que na aula do dia 05/09/2013 levaria o computador para que copiassem. Todos fizeram o tema de casa também e trouxeram fotos de intervenções urbanas em seus telefones celulares.

Hoje a aula trataria do Eixo 3 do meu Plano de Ensino e nosso objetivo seria iniciar o projeto e discussão dos temas e suportes que iremos utilizar para nossa atividade prática. Por isso imprimi dez páginas A3 com temas diversos sobre contracultura do livro *Diseño de Protesta*(2006). Este livro trata as ais diversas questões da vida contemporânea: o corpo feminino e a violência contra as mulheres, o uso de animais como cobaias, alimentos geneticamente modificados, o imperialismo dos Estados Unidos, racismo, Faixa de Gaza, Sarajevo, Síria, etc. As imagens apresentadas são impactantes e têm sempre uma ideia, uma “sacada” muito sagaz para expor o que lhes é contrário ideologicamente. Falamos sobre as imagens rapidamente, estabelecemos um elo com nossa pergunta chave ( O que faz a arte?) e o filme do Banksy e iniciamos um *brainstorm* para estabelecermos a maneira a qual iríamos operar nossas ideias.

Iniciei a rodada de ideias perguntando o que lhes incomodava. Contra o quê pretendiam lutar ou quais seriam as suas reivindicações e dei dois exemplos. No primeiro sugeri que protestassem contra o professor de Artes Visuais e os absurdos que ele propôs

como atividade; todos riram. O segundo, perguntei se não deveriam reclamar por uma sala de cinema com sistema de som e imagem de última geração. Ou melhor, reivindicar por melhorias estruturais na escola. E começamos a listar problemas da escola e apareceram muitos. Então perguntei se, caso fizéssemos um projeto de intervenção no ambiente escolar, qual seria a resposta da direção tendo em vista que a reclamação tem relação com a própria escola? Negado, diria a direção. Assim, trouxe uma nova ideia para eles: reclamar de barriga cheia ou simplesmente exigir melhorias para a escola pode ser importante sim, mas como estamos pensando em explorar a linguagem artística é fundamental que nossas ideias possam ser lidas e traduzidas para o maior número de pessoas possível e não somente para os alunos do CAP. Assim, partindo das imagens que trouxe, da obra do Banky, Cildo Meireles e Hélio Oiticica, nosso objetivo é outro.

Todos começaram a esboçar suas ideias em duplas e os temas que apareceram ou que os induzi a pensar foram:

- ditadura cosmética e a necessidade do corpo perfeito baseado nos padrões midiáticos;
- teste com cobaias vivas e questões de senciência mamífera;
- aforismos e pensamentos baseados em letras de músicas;
- racismo, cotas e a pouca quantidade de negros e outras minorias na UFRGS; do CAP à universidade;

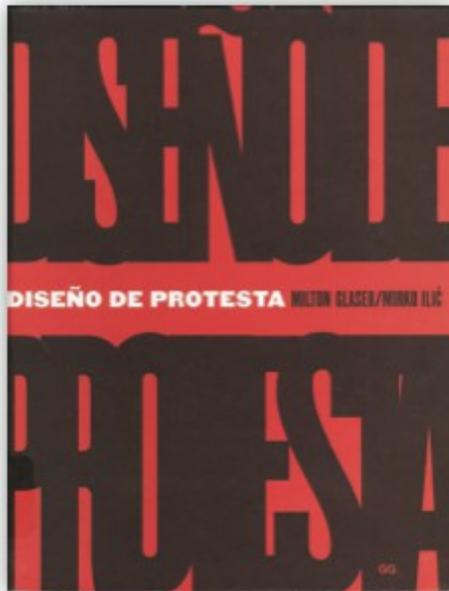
A cada passada para discussão com as duplas ou trios, as ideias iam se ampliavam. Conforme eles escreviam e esboçavam, outras ideias iam surgindo e as temáticas ganharam cada vez mais força. Um dos alunos comparou o que estava acontecendo naquele momento com o filme alemão, A Onda. Concordei com a comparação mas deixei claro de que nosso objetivo era discutir exclusão minorias, tradição machista, racismo, consumismo. Os lembrei que todos nós somos oriundos de uma sociedade baseada no homem branco europeu, heterossexual, católico; e como é difícil se desvincular disso; ainda mais que em nossa turma todos viemos desse entorno.

Enquanto as discussões caminhavam definimos que iremos trabalhar com estêncil, spray de tintas e adesivos. Caso não possamos aplicar a produção pela escola, faremos em adesivo e eles colam onde bem entenderem. Na próxima aula levarei adesivo, tintas spray e radiografias antigas para a produção e iremos rachar os custos. Cada um trará um estilete também. Todos ficaram muito empolgados e eu saí da sala de aula com a sensação de que os resultados serão incríveis.

Os projetos estão bem encaminhados. Já foram definidos temas, suportes, medidas e,

nos últimos dez minutos de aula caminhamos pela escola pensando em possíveis locais para intervenção.

TURMA 101 • AULA #3 • 29/08/2013



**PÁGINAS DO LIVRO DISEÑO DE PROTESTA**

PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

Roteiro

- Orientação às duplas ou trios sobre o processo criativo e interferência nas ações da turma através de perguntas e apresentações das referências;
- Alunos e alunas deverão percorrer o ateliê para ver o que seus colegas estão fazendo afim de dialogar, apreender ideias e desconstruir outras;
- O ateliê deverá ser entregue limpo no final da aula. Para isso, os dez minutos finais serão para limpeza e organização do mesmo.

O que aconteceu?

Com todos alunos com seus temas praticamente definidos esta aula foi para finalização dos projetos e início da atividade prática. Levei para a sala de aula folhas A1 de papel craft 300g e as mensagens que os alunos criaram para confecção das máscaras de estêncil começaram a ser reproduzidas nelas. Nessa etapa a discussão acerca das composições foram mais elevadas pois é fundamental prever os espaços e áreas de corte para que na hora de aplicar a tinta em spray tenhamos êxito.

Enquanto ia demonstrando e ajudando cada aluno ou dupla sobre os procedimentos e técnicas do estêncil, tentava explicar sobre a inteligência de nossos olhos e a não necessidade de criar uma linha ou forma contínua, mas sim, quebrada ou seccionada, e que deixassem à visão a tarefa de unir tudo e traduzir a imagem para o cérebro.

A maioria dos alunos terminou a parte compositiva feita à lápis e iniciaram os cortes das máscaras. Nessa hora sim, suas dúvidas aumentaram mas eu tinha alguns modelos de estêncil que havia produzido para mostrá-los, o que facilitou todo o processo.

A aula terminou numa boa mas ninguém terminou a parte dos cortes. A instrução mais contundente que passei a eles nesse dia foi: “Vocês estão terminantemente proibidos de voltar para casa sem um pedaço do corpo! Muita atenção com as lâminas do estilete!”



**COLAGEM DO ARTISTA  
NORTE-AMERICANO WINSTON SMITH**

AULA 5 – 12/09/2013

*Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê*

*Eixo 4 - Apresentação dos projetos para apreciação e análise*

Roteiro

- Os trinta minutos iniciais do período serão para finalizar o trabalho e fixar ou montar o trabalhos no espaço do ateliê, dependendo da necessidade;
- Os trabalhos serão expostos e as duplas ou trios farão uma breve apresentação do tema, técnicas utilizadas e seu processo criativo.

O que aconteceu?

Nesta aula os projetos não foram terminados completamente. Apenas duas duplas terminaram de cortar suas máscaras de estêncil e outros ainda estão patinando. Assim, os ajudei como pude e, para agilizar o processo, marquei rapidamente os espaços mais complexos do estêncil deixando que finalizassem o corte mais profundo de cada lâmina. Poderia afirmar que o que aconteceu na aula de hoje foi basicamente o ocorrido na aula passada mas não foi.

E a principal diferença está relacionada a dois alunos: uma aluna que vinha faltando pois estava em intercâmbio na argentina e um aluno argentino que veio com ela fazer o intercâmbio. Naquela loucura toda, com todos os alunos pedindo ajuda a cada dez segundos, mal pude dar as boas vindas ao aluno do intercâmbio. Mas ele demonstrou habilidade com os materiais e saiu fazendo um estêncil por conta própria. Na aula que vem os primeiros momentos serão com o grande artista argentino, Leon Ferrari. Assim retomarei o conteúdo visto até agora para que os alunos atrasados e tentarei estabelecer uma conexão maior entre a turma e o aluno estrangeiro. Pretendo fazer isso pois na aula passada percebi que a aluna “responsável” por seu colega argentino não estava muito confortável com a ideia de ser sua “tutora”, posso assim dizer. Puro drama adolescente! Quando pedi para que trabalhasse em dupla com ele, ela me olhou com toda a angústia do mundo e pedia em voz baixa que não, que por favor eu a deixasse trabalhar sozinha. Que difícil isso! Por que é que se mete a fazer intercâmbio então?! Tentarei ser um pouco mais gentil com o colega de fora antes de continuar a aula.

Voltando à atividade, duas duplas terminaram seus cortes e ficaram enlouquecidos para utilizar o spray. Levei para a sala de aula quatro cores (verde claro, preto, roxo claro e escuro) e na ânsia de pintar, três alunos pegaram três latas e pintaram ao mesmo tempo. O resultado

ficou incrível. Na próxima aula o plano é terminar a atividade e conversar sobre as propostas de cada um/dupla. Lembrando que nesta aula o chão estava todo molhado devido à molhada que os *mini-pollocks* fizeram nos dois primeiros períodos.

TURMA 101 • AULA #5 • 12/09/2013

1º estêncil produzido por  
uma dupla de alunas:

**CUIDADO  
VOCÊ ESTÁ SENDO  
FILMADA**



Caixa de energia do CAP onde os estêncil foram aplicados.



PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

AULA 6 – 19/09/2013

*Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê*

*Eixo 4 - Apresentação dos projetos para apreciação e análise*

Roteiro

- Conversas sobre o artista León Ferrari e aproximação com o aluno do intercâmbio
- Finalização dos estêncil

O que aconteceu?

O primeiro momento foi de integração com o aluno argentino. Fiz algumas perguntas para ele, sobre o que estava achando do Brasil, do CAP, essas coisas. Após perguntei se ele conhecia o artista argentino León Ferrari. Ele prontamente disse que sim e apresentei a toda turma algumas imagens impactantes do artista. Todos ficaram muito surpresos e curiosos com as imagens visto que muitas delas são realmente chocantes, como o cristo crucificado em um caça F16 ou as imagens dos santos dentro de uma gaiola. Nesse momento o aluno estrangeiro já estava devidamente integrado à 101 e era a atração, o colega mais requisitado da turma.

Conforme os alunos iam terminando seus estêncil cada um ia pensando numa maneira de apresentar o trabalho para o vice-diretor do CAP que viria em instantes para o ateliê. A ideia dos alunos era aplicar as imagens na caixa de luz localizada no pátio da escola, próximo à quadra poliesportiva.

Quando o diretor chegou na sala, cada uma das duplas apresentou seus trabalhos e os motivos que os levaram a criar estas imagens, motivados pelos artistas e pelo papel contracultural e de protesto a arte pode atuar. Ali estavam levantadas questões sobre homossexualismo, consumo, frases de músicas, crítica ao capitalismo e à intolerância de líderes políticos e religiosos como o nosso amado Marco Feliciano. O vice-diretor ficou bastante satisfeito com os resultados e com as defesas que cada um fizeram de seus trabalhos e autorizou aplicarmos os estêncil na caixa de luz da escola, que é um grande cubo de concreto em meio ao pátio.

Todos aplicaram suas imagens diversas vezes e a atividade terminou com muitas mãos pintadas com tinta spray e sorrisos nos rostos dos alunos. Enquanto eu fotografava os trabalhos um dos alunos veio até mim e perguntou se iríamos tirar uma foto de todos juntos. Perguntei o motivo e ele perguntou se aquela não era a última aula. Disse que era a última aula da atividade de graffiti mas que ainda iríamos continuar juntos mais uns dias. Então ele respondeu: “Ah, achei que fosse nossa última aula, pois a última é sempre a mais divertida.

Fica aqui a pressão que senti para criar as próximas atividade.

## TURMA 101 • AULA #6 • 19/09/2013

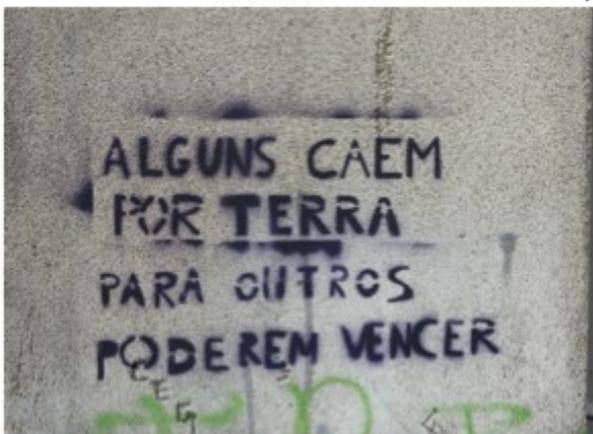
Crítica ao capitalismo.



Marco Feliciano com bíblia na mão e corpo da Mulher Maravilha.



Trecho de letra de música da cantora Pitty.



Esteira por onde entram cérebros em uma televisão e são transformados em fezes.



– *Saída de Campo: Visitação à 9ª Bienal do Mercosul*

No meio de muita confusão em torno do calendário escolar, horas e aulas obrigatórias, trocas de períodos com outras matérias e negociações e negociações com os professores, nossa data de visita à Bienal foi organizada de forma meteórica, sem muitas preparações mas todos motivados para o passeio. Aliás, sair da escola com a escola é sempre um motivo de respiro, de estufamento de peito para alunos e professores. Não importa se é Bienal, museu de tecnologia, feira de profissões. Qualquer passeio onde a aprendizagem esteja subliminar é mais legal e muito mais divertido que a escola. E com a Bienal não foi diferente.

E como toda escola que se preste, a saída que estava programada para 9h30min atrasou. O de sempre: alunos sem uniforme, sem autorização, outros perdidos pelo pátio. A visitação aconteceria das 10h30min ao meio dia mas quando entramos no Santander Cultural eram quase 11h. Visitamos os trabalhos a mediadora e não serviu para nada a não ser falar sobre os artistas. A garota era uma péssima mediadora e foi interrompida diversas vezes por mim. E eu não me sentia capacitado para falar sobre obras de arte contemporâneas ainda mais dentro de um museu e para alunos tão ligados como aqueles. Um dia antes, em minha reunião de pesquisadores no Escrileituras, a professora do CAP, Karen Nodari, me tranquilizou quando comentei sobre o passeio. Ela disse: “Fica tranquilo que tu tens conhecimento suficiente para trabalhar com os alunos e eles vão adorar o passeio.”

E de fato, sem perceber, todos aqueles exercícios de leitura de imagem, todas as discussões poéticas, tanto teóricas quanto em ateliê foram fundamentais para o sucesso desse passeio. No entanto o tempo foi curto e não tivemos tempo para conversar e ficarmos tranquilos em frente a uma obra. Foi quase um passeio de supermercado, desesperado, esquizofrênico e com uma voz anunciando as ofertas do dia, que nesse caso é a mediadora fracativa.

Pedi à turma que procurassem elementos de contestação nas obras vistas. Como muito ficamos muito(hein?) tempo conversando sobre as obras, especialmente sobre a piscina de lama sonora, os fulguritos, o diamante e a lula, já era 11h40min quando peguei a turma toda pela mão e disse: vamos correndo para o Memorial do RS para ver a obra do Michel. A mediadora ficou apavorada querendo me explicar que ela estava trabalhando e que ainda haviam obras para olhar. Disse para ela ficar tranquila, que me responsabilizaria pela turma e que não faria queixa alguma sobre o trabalho dela. Assim, corremos até o memorial para conferir de perto do trabalho do professor de artes do CAP, Michel Zózimo. Mais ideias sobre

as conversas que fizemos durante a visita na próxima aula.

TURMA 101 • AULA #7 • 02/10/2013



**VISITA À 9ª BIENAL DO MERCOSUL**

PORTFÓLIO • ESTÁGIO DE LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS @ CAP • LEO GARBIN

Hoje trouxe para a sala de aula o material pedagógico da Bienal e durante o recreio conversei com o Profe. Michel Zózimo sobre a possibilidade de ele conversar um pouco com os alunos sobre seu trabalho exposto no Memorial mas infelizmente ele não pôde comparecer. Como eu não tinha certeza sobre sua participação, deixei uma atividade pronta com plano B. Os primeiros momentos da aula foram para conversar sobre nossa visitação à Bienal. Os alunos adoraram mas ao mesmo tempo acharam o percurso confuso. De qualquer maneira durante a visita tentei me impor frente às baboseiras que a mediadora estava falando e tentei aproximá-los das obras de arte. Era nítido que a mediadora estava seguindo sem protocolo e seu foco era mais no artistas e suas intenções que nas obras de arte. Discutimos sobre os trabalhos e talvez minha principal preocupação tivesse sido a busca por um despertar do sensível. Um exercício de escuta sem ouvidos, olhar sem olhos, tato sem tocar e leitura sem ler. Começava com algo simples como: afinal, o que estamos enxergando, o que o olho está vendo? Isso nos basta? O que mais precisamos ver e como? Aliás, precisamos ver ou olhar? O material pedagógico sobre a obra do diamante causou bastante polêmica na sala de aula. Pedi aos alunos que me relatassem se em alguma obra de arte haviam elementos de protesto ou críticas à sociedade e a partir desse diálogo pedi novamente para que escrevessem, como lá no início de nossas aulas e a pergunta “O que faz a arte?”, respondessem e pensassem nas seguintes perguntas:

- Para quem é a arte?
- Para todo mundo ou para qualquer um?

Nesse meio retomei algumas discussões e as diferenças em *todo mundo* e *qualquer um*. Tentei mostrar que o *todo mundo* funciona numa lógica de exclusão e que a arte não é para *qualquer um*, mas sim, para *todo mundo que pode*. Pode pagar, pode ir a um museu, pode ir à escola, pode ter um bom emprego, pode ter acesso.

Após estas discussões utilizei a atividade Natureza da Imitação, que se encontra na página 77 do Manual para Curiosos da 9ª Bienal do Mercosul. Ela sugere que os alunos tragam objetos de casa para a atividade mas, como o período entre a visitação à Bienal e a aula foi somente de uma tarde, pedi que desenhassem dois objetos idênticos e atribuíssem valores a eles. Exemplifiquei no quadro-negro: desenei dois tênis Nike, sendo um falsificado e outro original. Um custava R\$30,00 e outro R\$300,00. Tinham a mesma quantidade de

matéria-prima e mesma mão de obra para sua confecção. Nossas conversas daí seguiram para esse rumo e os desenhos e exemplos que apresentaram também: de roupas íntimas até água mineral, tudo pôde ser valorado conforme nosso desejo e apelo publicitário. A partir destas discussões, eles deveriam ir pensando em alguma proposta para desenvolvermos um projeto que esteja relacionado ao consumo, valor, crítica à publicidade e ao capitalismo e utilizar a arte como meio de fazê-lo.

## TURMA 101 • AULA #8 • 03/10/2013

### EXERCÍCIOS (SÓ) PARA CURIOSOS

#### naturalmente artificial

convide os estudantes a trazerem para a aula dois tipos de objetos: um que represente riqueza, poder, conforto; e outro que seja comum, de uso cotidiano e considerado de menos valor. o simples pedido gerará curiosidade no grupo, e isso já é um bom começo. À medida que os objetos são apresentados, agrupe-os seguindo a classificação inicial: numa mesa, vão todos os objetos que representam riqueza; noutra, os considerados de menos valor. convide o grupo a observá-los. dê-lhes tempo. então, peça que cada aluno recolha os seus objetos e os transforme subvertendo o seu valor inicial – objetos ordinários passam a representar riqueza; objetos luxuosos passam a atuar como ordinários. espere e veja no que dá.

Após o exercício, que pode levar duas aulas, convide a turma a reclassificar os objetos, colocando-os em evidência em algum lugar da sala. Por fim, inicie um debate sobre as noções de natural e artificial. como uma variação da proposta, convide a turma a listar/ selecionar objetos idênticos em aparência, mas completamente distintos em significado, função e importância, e objetos de mesmo nome, mas de aparência distintas e promova uma discussão sobre a nomeação e valoração das coisas.



texto e imagens retirados do  
Manual para Curiosos da 9ª Bienal do Mercosul.

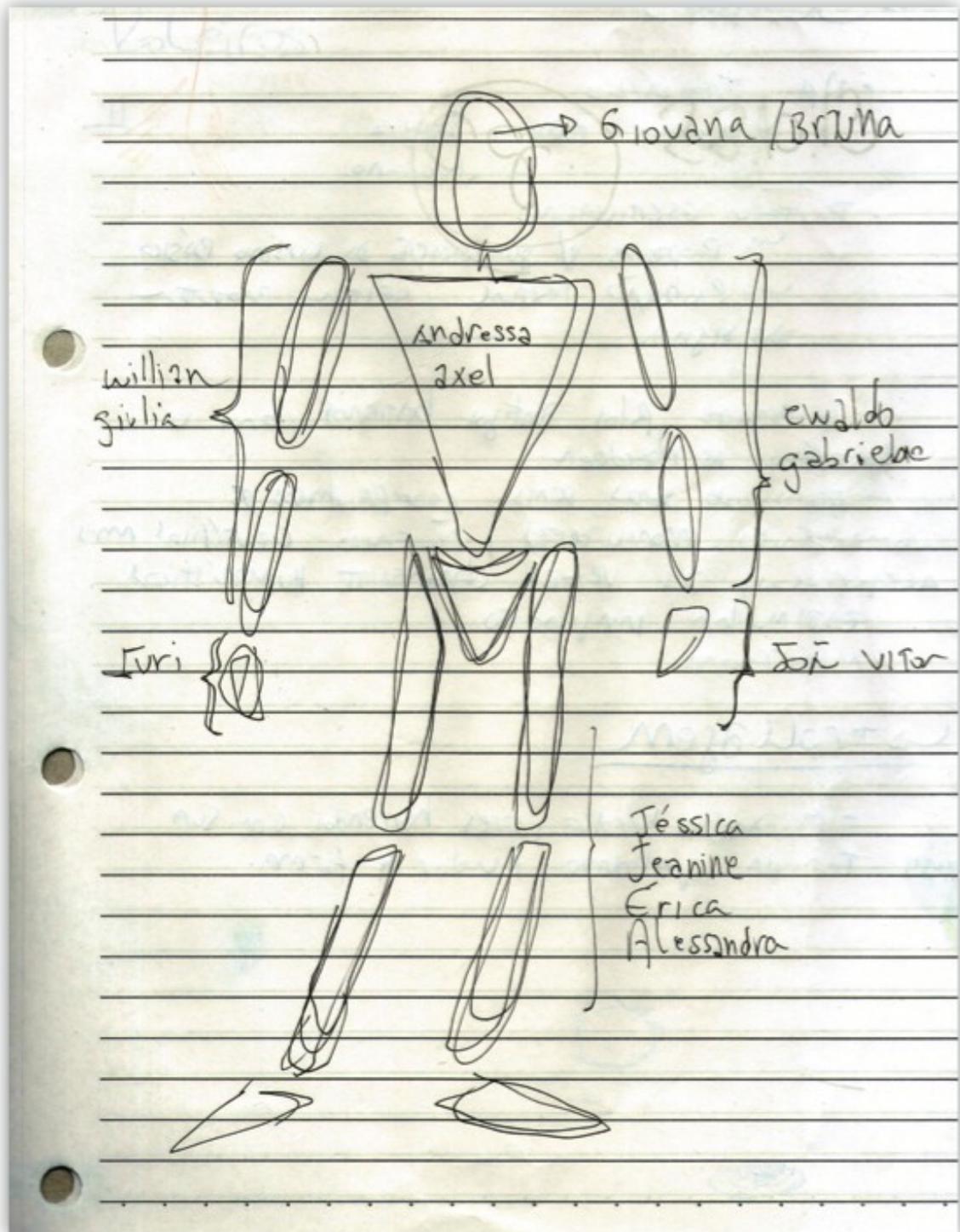
AULA 9 - 10/10/13

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê

Continuamos a conversar um pouco mais sobre as ideias da aula passada e a partir dos elementos que discutimos comecei a pensar junto com os alunos ideias para nosso novo projeto de arte. Conforme a conversa se desenrolava ia sugerindo diferentes suportes e técnicas mas minha intenção como professor era que fizéssemos uma escultura. Quando no meio da conversa comentei de quem sabe criarmos uma escultura com objeto e marcas, como um ser humano composto por embalagens de produtos, prontamente os alunos responderam com um “É isso que queremos fazer!”, quase uníssono. “BINGO!”, pensei!

Então fiz um rápido esboço no quadro de uma figura humana e separei cabeça, tronco e os membros por duplas ou trios. O objetivo era identificar quais objetos ocupariam quais espaços do corpo, ou quais marcas e logotipos. Seguimos trabalhando, esboçando e projetando a escultura. Quase no final da aula o professor Michel apareceu e veio conversar com os alunos sobre seu trabalho. Ele pôde contar como aconteceu o trabalho, da onde ele tirou essas ideias e os motivos que o impulsionaram para criar o espaço das esferas de poder. Também contou um pouco de toda a sua trajetória pessoal e fez duras críticas ao sistema de artes e aos galeristas. Nesse ponto retomamos as conversas e discussões sobre a arte ser para todos ou para qualquer um. O sinal bateu e pedi aos alunos que começassem a se movimentar e trazer embalagens e objetos de casa para começarmos de uma vez a fazer nossa escultura pois nosso tempo estava se esgotando.



AULA 10 - 17/10/13

*Eixo 1 - Aula expositiva em ateliê.*

Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê

Banksy foi nosso grande mentor durante estas aulas. Mais precisamente no dia 10 de outubro, você, professora Luciana, passou por e-mail um guia para identificar os trabalhos do Banksy e curiosamente, neste mês se iniciou uma série de ações do artista para demonstrar o seu sotaque nova-iorquino. Então, nossos primeiros minutos em sala de aula foram para conversar sobre o trabalho do Banksy e também para dar uma espiada no que ele andava aprontando por Nova Iorque no mês de outubro de 2013. No entanto hoje a aula foi bem calma e estavam presentes apenas 5 alunos, muitos faltaram. Os que faltaram estavam envolvidos com outra atividade do CAP que não me recordo qual. Por isso, após conversarmos sobre o Banksy, criamos um grupo de discussões no Facebook para que eu pudessem lembrá-los de trazer materiais e utilizar o espaço virtual para mandar endereços de internet para ajudar em nosso trabalho. O restante do tempo foi um exemplo notório de matação de aula até sinal bater: ficamos nos divertindo com os livros que nos dois primeiros períodos foram utilizados na aula do Amora 1B.



## **O SOTAQUE NOVA-IORQUINO DE BANKSY.**

AULA 11 - 24/10/13

Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê

Agrupei estes três dias pois todos eles foram utilizados para nossas aulas práticas em ateliê. Nossa criação escultórica entrou em curso e os alunos responderam bem à atividade. Todos trouxeram dezenas de rótulos, fitas adesivas, roupas, tênis, embalagens de desodorante. Coletamos diversas caixas e materiais para criar o “esqueleto” da escultura. Utilizamos além dos materiais reciclados arame e linha de nylon. Os grupos se dividiram e, conforme havíamos combinado, as duplas ou trios construíram tronco, braços, mãos e tentáculos. Sim, tentáculos, pois nosso humanóide não tem pernas e sim, tentáculos propagandosos. Acho que essa foi a aula que passou mais rápido de todas que lecionei. Todos se ocuparam e conseguimos só faltou a cabeça da escultura. Levei para a escola lâminas, alicates e outras ferramentas para ajudá-los.

Hoje fui aplaudido pelos alunos. No começo achei estranho mas depois a reação deles me fez pensar numa série de questões sobre como vemos os adolescentes e crianças de hoje. E bateram palmas pelo simples motivo de eu ter dito a eles que eu já havia terminado minhas obrigações de carga horária com o estágio mas que não sairia de lá enquanto nossa atividade não estivesse finalizada. Disseram que poucos teriam feito isso e que ficaram felizes pelo fato de eu assumir a bronca toda e não deixar a atividade pela metade pelo simples fato de eu estar quite com minhas obrigações. Fiquei muito feliz! Acho que pude dar um bom exemplo para eles apesar de não ter falado sobre isso para mostrar o quão responsável sou. Apenas me pareceu óbvio fazer e falar o que achava pertinente, só isso.

SEM AULA! 07/11/13

*Fora do Eixo – dia de torcida!*

Hoje durante as aulas dos primeiros períodos com os amoras, a professora Simone veio no ateliê e me puxou para um canto. Disse que os alunos vieram falar com ela sobre a possibilidade de eles serem liberados da aula de arte pois uma série de jogos de vôlei estavam acontecendo e eles queria ir torcer pelos colegas. A final seria exatamente na hora da nossa aula. Disse para ela que tudo bem mas que eles viessem até a aula após o recreio negociar comigo.

Então quando vieram falar comigo mexi com eles: “Pô, seus sacanas! Vocês sabem que meu tempo por aqui é curto e ainda assim querem ir torcer no campeonato? E eu, como fico?”. Eles ficaram me olhando e eu disse: “Tudo bem, podem ir! Mas quem não trouxe fitas adesivas e mais materiais na aula que vem reprova em arte! E só porque é vôlei, se fosse

futebol não deixaria!”

Fazer o quê, né? Sei bem como é isso. Eu era diretor artístico do Grêmio Estudantil e jogava nos times de vôlei e basquete. Sei o quanto isso é importante e principalmente sei que não há nada pior que enfrentar uma sala de aula, seja a matéria que for, com a cabeça em outro lugar. Especialmente se há colegas envolvidos. Vão, divirtam-se! Torçam pelos seus amigos. Logo logo essa moleza acabará. A turma deles lembra muito a minha turma do falecido 2º grau; é impressionante isso.

No fim fiquei até aliviado e mais tranquilo com esses jogos. Eu estava tão emocionado nessa manhã com a zoeira que os amoras-loucas aprontaram para mim que tava difícil me concentrar em qualquer coisa depois da homenagem que fizeram para mim.

AULA 12 - 14/11/2013

*Eixo 3 – Execução do Projeto em ateliê*

Hoje o que aconteceu foi mais ou menos o mesmo da aula do dia 24 de novembro. A grande diferença é que por pouco não terminamos a escultura e, antes de botarmos a mão na massa iniciei a aula com um discurso ensaiado:

“Meus queridos, há algumas semanas estava na minha aula sobre o estágio e vi um trecho de um filme chamado *1,99 – um supermercado que vende palavras*. Quando vi isso corri atrás do filme o baixei pois ele trata exatamente do assunto que estamos tratando em nossa escultura. Gostaria que vocês também assistissem um trecho pois nele também há a mesma imagem ou mensagem que pretendemos passar com nosso monstro.”

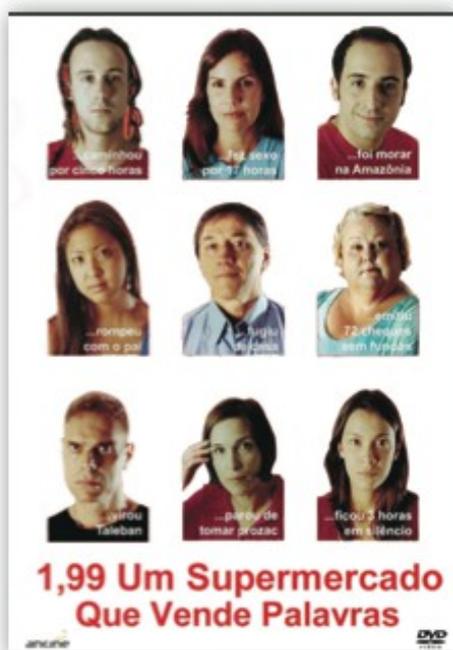
Assistimos cerca de quinze minutos do filme, suficientes para gerar uma nova discussão sobre os valores e necessidade que temos em relação às coisas. Ainda entraram na discussão o tríptico de Francis Bacon, *Três Estudos de Lucian Freud*, vendida no dia anterior por 106 milhões de Euros, como a pintura mais cara já vendida na história. Ao mesmo tempo, captei uma conversa no Facebook onde um colega em uma discussão sobre arte disse que estava em São Paulo em um seminário e uma artista se sentiu ofendida por ver uma obra sua em um salão de beleza onde faz suas delicadas e prepotentes unhas. “Afinal, gurizada, porquê existem obras de arte?”, perguntei a eles. Com essa reflexão em mente, seguimos com nossa escultura e na próxima aula faremos algumas amarras, fortaleceremos sua estrutura para que possamos pendurá-la no saguão da escola. Tá quase! O último dia de aula será o próximo e a

imagem da escultura você poderá conferir em meu inventário ou portfólio sobre nossas atividades.

AULA 13 - 21/11/2013

*Eixo 0 – despedida?*

E hoje finalmente terminamos nossa bizarra escultura. Fizemos os últimos ajustes e partimos para a montagem da escultura no saguão do CAP. Hoje metade da turma ajudou na montagem e a outra ficou envolvida com a OCA, as olimpíadas do CAP, fazendo cartazes e material para torcida. Entre muitas dificuldades e problemas para fixar a escultura monstruosa e ofensiva, repleta de marcas, produtos, slogans, preços e publicidade. Corremos contra o tempo e conseguimos finalizar a montagem, mas faltou tempo para definirmos o nome da escultura e fazermos uma pequena pausa reflexiva sobre o trabalho. Por isso nas duas últimas aulas do CAP, nos dias 05 e 12 de dezembro, é muito provável que eu faça o encerramento do semestre junto com a professora Simone. De qualquer maneira, fiquei extremamente feliz com o resultado alcançado pela turma, pelas ideias que estão na escultura e pelo resultado plástico que a peça alcançou. Acho que eles mandaram muito bem! No meio da correria, conseguimos nos juntar pude fazer uma foto com a turma. Quando disse que seria nossa última aula já vi olhares e comentário de “ah, sério...”. Bom, e apertou o coração de novo. Que belo semestre! Quantas boas lembranças!



Capa do filme, 1,99 - um supermercado que vende palavras - 2003, de Marcelo Masagão.

Abaixo, saguão do CAP com a escultura produzida com embalagens, rótulos, marcas, preços e publicidade.





Horrível e horrendo, o humanóide deformado pelo consumo causou espanto e estranhamento por todos que passaram pelo saguão do CAP. Ainda sem título, as aulas finais da 101 serão para fechar o semestre, dar nome ao trabalho e pensar um pouco mais sobre a produção.



Olhos com o logotipo da Apple, Papa Francisco, embalagens de cigarro, hálito puro e refrescante, informação via revista Veja conectados à Vivo, tudo vindo do direto das lojas Ponto Frio. Tudo que precisamos para ser felizes. Quanto maior o valor, mas felizes somos e mais contentes são os lucros das empresas.

## AVALIAÇÃO – TURMA 101

Quando elaborei o plano de ensino minha ideia inicial era fazer a seguinte avaliação:

Serão avaliadas, além da participação e comprometimento e execução dos 5 eixos que defini para elaborar as aulas, a maneira como a percepção acerca da arte irá, ou poderá, se transformar ao longo destes onze encontros. De que maneira o aluno se apropriou dos conteúdos apresentados e como isso afetou ou atravessou seu pensamento. Qual foi o esforço e compreender o não dito, a enxergar o não mostrado. A arte afetou de maneira sensível o olhar e envolvimento com a Matéria de Arte ou foi apenas mais uma aula?

Serão duas atividades gerais durante os encontros: arte e contracultura e a 9ª Bienal do Mercosul. Cada atividade contempla os 5 eixos descritos. Se considerarmos cada eixo uma etapa, o total será de dez etapas. Cada etapa será avaliada em:

- Insatisfatório = 2,5 pontos
- Regular = 5 pontos
- Bom = 7,5 pontos
- Ótimo = 10 pontos

O a soma geral dos etapas é de 100 pontos.

A prova será considerada como outra etapa, logo, vale 10 pontos.

Etapa	Prova	Total	Concei									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10			to

Os conceitos seguirão o seguinte critério de pontuação.

A – de 85 a 100 pontos

B – de 70 a 84 pontos

C – de 55 a 69 pontos

No entanto, como a turma é pequena e nossos planos nem sempre foram seguidos à risca devido a uma série de mudanças no plano de ensino, nas atividades que se transformaram a todo o momento de acordo com nossas ideias e criações, a avaliação que farei será baseada na assiduidade, participação, expressão, reflexão,

oralidade e defesa de suas indagações e desenvolvimento do olhar e sensibilidade bem como suas contribuições e produções em ateliê. A criação coletiva da turma foi espetacular e, assim, posso adiantar aqui que todos receberam conceito A, exceto o Axel pois faltou a muitas aulas. Além disso, já adianto o conceito de todos aqui na introdução pois aqui agrego também o conceito de nossa visita à 9ª Bienal do Mercosul. Todos eles, sem exceção participaram muito ativamente de nossas conversas com a mediadora e com as obras do espaço, aliás, deram um baile na mediadora e foram capturados por algumas obras e propostas que lá estavam expostas. No geral, a turma foi leve, organizada e trabalhou muito em todas as atividades. Uma tabela cartesiana assim serviu como suporte para uma ideia de avaliação, mas no fim, uma avaliação mais subjetiva e individual, que questione o percurso e valorize as atitudes e potências criadores e sensíveis dos alunos me parece mais sensato.

#### Andressa Lago – Conceito A

A Andressa já possui um senso estético muito aguçado, seu olhar, pensamento e fazer artístico são muito desenvolvidos e por isso, consegue se envolver facilmente em qualquer atividade proposta. Desde o período em que observava a turma 101 até às nossas aulas, ela sempre se comprometeu com as aulas e criou projetos de trabalho muito consistentes. Sempre participou ativamente das nossas discussões sobre arte e contracultura trazendo novas ideias e percebendo rapidamente os problemas que discutimos em ateliê. Sempre foi a última a sair do ateliê ajudando na limpeza e organização do espaço e defendeu com argumentos fortes toda a sua produção por conta da reflexão e contextualização que fez acerca de nossos projetos de trabalho.

#### Axel Gonçalves da Rosa – Conceito B

Faltou a muitas aulas e quando aparecia sempre estava perdido. No entanto sempre tratou de produzir e tentar se inteirar das atividades propostas e na medida do possível conseguiu criar junto com seus colegas. Na atividade de estêncil ele estava mais à vontade e foi mais efetivo em duas ideias e projeto, mesmo não tendo de fato produzido seu graffitti. Já na atividade da escultórica ele faltou muitas aulas mas na reta final ajudou bastante nos arranjos finais e montagem. Apesar de falar e participar

muito pouco dá para perceber que ele está atento a todos os detalhes, nada lhe escapa. Uma pena que apareceu pouco, sinto que ele poderia ter agregado muito aos seus colegas pois me parece uma pessoa muito interessante e que gostou das aulas.

Bruna Raya – Conceito A

Desde o dia que ela e a Gabriela vieram pedir vagas na turma de artes pois não queriam mais continuar nas aulas de música, produziram muito. Bruna sempre esteve muito ativa em sala de aula e foi uma das alunas mais interessadas pela atividade de estêncil bem como em todas as discussões sobre arte, política e papel da arte em nossas vidas, ela sempre perdia seu olhar em torno dos pensamentos que estavam em jogo. Quando falo em perder o olhar, me refiro a viajar pela arte, pelas propostas, ser arrebatada mesmo. Além disso, trabalhou com afinco em todas as atividades chegando a resultados muito interessantes plasticamente.

Érica Moraes – Conceito A

A Érica chegou atrasada nas aulas pois estava na Argentina fazendo intercâmbio. Desde sua chegada em nossas aulas ela rapidamente se inteirou dos assuntos que estávamos tratando e trouxe diversas discussões, dúvidas, críticas sobre nossa matéria. Além de ter trabalhado bastante e ter ajudado muito na confecção de nossa escultura, trouxe para a turma sua produção de fotografia que indicaram um olhar muito sensível em relação ao mundo e à vida. Apesar de se dispersar facilmente e conversar bastante em sala de aula, nunca atrapalhou o andamento das aulas. Acho que ela tem tudo para transformar sua paixão pela fotografia em sua profissão, como ela mesmo já indicou em nossas conversas.

Ewaldo Martins – Conceito A

O Ewaldo foi um dos alunos mais competentes da 101. De sua criação plástica até as discussões, dúvidas e indagações, ele sempre agregou às nossas aulas e demonstrou muita lucidez e pensamento político sobre o tema de contracultura. Esteve o tempo todo disposto a aprender e ajudou as colegas Bruna e Gabriela a desenhar as ideias delas para seus projetos de estêncil. Do mesmo modo que desenhou o projeto dele e da Giulia. Desenha sem medo, trabalha sério e não faz corpo-mole. Além de

tudo isso, sempre que eu perguntava algo sobre seus percursos, vizinhança, desenhos e artes públicas, ele era um dos poucos que havia visto ou percebido as nuances do dia a dia além da escola.

#### Gabriela Hillal – Conceito A

Parceira de trabalho da Bruna, estavam sempre juntas e, da mesma maneira que ela, a Gabriela em nenhum momento desanimou. Estava sempre ativa e sequer piscava nas aulas expositivas. Se envolveu bastante com todas as atividades e produziu muito, agregou muitas ideias tanto no estêncil quando na escultura. Muito organizada e hábil com as ferramentas e spray, sinto que ela aproveitou, se divertiu e pensou bastante nas aulas de artes.

#### Giovanna Mottini – Conceito A

Quieta e atenta, só falava quando tinha dúvidas ou quando era solicitada em sala de aula. Assim como a Andressa, também possui um senso estético muito aguçado, seu olhar, pensamento e fazer artístico são muito desenvolvidos e por isso, consegue se envolver facilmente em qualquer atividade proposta. Aliás, em nossas conversas sobre a feira de profissões que a turma visitou, a Giovanna afirmou que irá prestar concurso vestibular para Artes Visuais. Ela já consegue vislumbrar os conceitos por trás de uma obra, questioná-los e produzir novos pensamentos e ideias sobre o fazer artístico. Da mesma maneira que em todas as suas criações, não trabalhava pensando apenas no resultado plástico mas também nas ideias que seus trabalhos podem exercer sobre o espectador. Uma consciência apurada e bastante rara em sua idade.

#### Giulia Acerbi – Conceito A

Se envolveu profundamente em todas as atividades e sempre parou para pensar em torno de nossas discussões sobre contracultura e o papel da arte em nossas vidas. Ativa e militante nos recentes movimentos estudantis e o Movimento Passe Livre, trouxe sua experiência em meio às manifestações para compartilhar com todos. Sempre inquieta trabalhou e participou bastante em todas as discussões, ela sempre tinha alguma pergunta ou observação a fazer, o que foi ótimo pois ela sempre jogava a

bomba para seus colegas a ajudarem nas respostas.

Iuri Batista – Conceito A

O Iuri começou as aulas meio distante e até ele desligar e de fato deixar o seu notebook de lado sua produção e envolvimento estava discreto. Da nossa ida para a rua para pintar a caixa de luz da escola com spray até o início da escultura, sua mudança de comportamento e atitude criadora foi radical. Com a chegada do projeto de trabalho escultórico ele se envolveu muito e sua participação foi fundamental em todo o processo de pensamento, montagem e finalização da escultura no saguão do CAP. Ao que me parece, a atividade em 3D deu um novo fôlego para este levantador do time de vôlei do 2º ano.

Jeanine Barbosa – Conceito A

Braço direito da Andressa. Por isso, como não poderia ser diferente e por estar tão próxima à sua amiga, a Jeanine desenvolveu muito sua percepção espacial bem como os problemas compositivos que uma atividade de graffitti ou escultura nos trazem. Como a Giulia, também é inquieta e está sempre tendo ideias, criando novidades em torno das atividades e foi talvez a aluna que mais aproveitou os filmes e referências que levei para o ateliê do CAP. Sempre pilhada, motivada e muito esforçada em todas as atividades, trouxe alegria e arrancou sorrisos de todos com suas perguntas engraçadas e sua visão leve da vida.

Jéssica Zambrano – A

A Jéssica foi meu braço direito em sala de aula. Participou de todas as atividades com afinco e dedicação. Se aprofundou nos temas de contracultura e acabou indo fazer sua pesquisa de iniciação científica na área. Cheguei a lhe emprestar o livro *Contracultura Através dos Tempos*, de Ken Goffmann, que ela devorou suas quatrocentas e trinta páginas em três semanas. Virou fã assumida do artista inglês Banksy e durante a atividade da escultura dava recados diários para seus colegas não se esquecerem de trazer seus materiais embalagens e lixo recicláveis que utilizaríamos em nossa peça. Da mesma maneira, uma das ideias mais incríveis de estêncil partiu

dela com o engraçado e político corpo de Mulher-Maravilha com cabeça de Marco Feliciano. Sensacional esta garota! Ela apavorou a sociedade nas aulas de artes.

João Vitor Jacques Fagundes – Conceito A

O João é um grande amigo do Iuri e seu comparsa nas aulas de artes. Sempre um dos primeiros a chegar no ateliê, quase todos os dias ela me perguntava se poderia ficar esperando dentro dele. Munido sempre do mangá *Fairy Tail*, que costuma ler em seu tempo livre, sentiu-se motivado a produzir suas indagações e dúvidas sobre a vida em nosso projeto de estêncil e, mais tarde, na escultura. Trouxe um belo verso da cantora Pity para grafitar e foi, junto com o Iuri, também responsável pelo sucesso de nossa escultura. Sua aparente timidez na verdade revela um ser pensante, criador, leitor, divertido e muito sensível.

Willian Souza – Conceito A

Sempre quieto, sempre pediu para ir ao banheiro, sempre com seus fones de ouvido e sempre atrasado. No entanto mesmo que passasse despercebido e não se misturasse muito aos seus colegas do ateliê, a música *rap* que ele escuta revelaram seu caráter político, inconformado e ativo em prol da música que gosta de ouvir. Dono de uma página especializada em rap, cheio de novidades e curiosidades dos artistas deste gênero musical que eu também aprecio, acabamos nos aproximando através da música em sala de aula. Daí nesse sentido, em suas produções ele fez questão de trazer suas aflições e elucubrações acerca deste mundo visto por muitas pessoas de maneira pejorativa. Ela me fez lembrar dos meus dias de skate e *rap* no início dos anos 90 e assim, trocamos algumas figurinhas musicais. Na reta final, assim como o João e o Iuri, o Willian também foi de grande valor em para terminarmos nossa escultura. Acredito que ele tirou muito proveito de nossas discussões político-artísticas e seu crescimento pessoal foi muito consistente em relação à arte.